

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO  
CAROLINE MIRANDA DE LIMA

**GRANDE REPORTAGEM SOBRE HISTÓRIAS DE PESSOAS QUE PERDERAM  
ENTES QUERIDOS E VIVEM COM A NOSTALGIA DE UM TEMPO QUE NÃO  
VOLTA MAIS**

**MACAPÁ**

**2017**

**CAROLINE MIRANDA DE LIMA**

**GRANDE REPORTAGEM SOBRE HISTÓRIAS DE PESSOAS QUE PERDERAM  
ENTES QUERIDOS E VIVEM COM A NOSTALGIA DE UM TEMPO QUE NÃO  
VOLTA MAIS**

Memorial descritivo do Projeto Experimental Grandes Reportagens sobre histórias de pessoas que perderam entes queridos e vivem com a nostalgia de um tempo que não volta mais, apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Professor (a) Orientador (a): Dra. Claudia Arantes

**MACAPÁ**

**2017**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradecer à Deus, por me proporcionar viver um momento tão importante em minha vida e frisar que sem Ele não sou nada. Foram dias difíceis e de lutas, somente ele sabe o que passei para chegar até aqui. A Ti toda honra e toda glória.

Agradecer as minhas personagens, que foram de suma importância para a elaboração deste trabalho. Obrigada por terem dividido comigo um momento único e singular na vida de vocês, por confiarem no meu trabalho e por relatar suas angústias, aflições e momentos de alegrias que vivenciaram com seus entes queridos. Minhas três “Marias”, mães e guerreiras, eu me sinto muito honrada e ao mesmo tempo orgulhosa por conhecer um pouco da vida de cada uma.

Agradecer a especialista deste trabalho, psicóloga Daniele Moura. Sua análise foi de suma importância para este trabalho. Contribuiu para que todos possamos compreender o processo do luto, a perda e a significância que um ser humano tem para o outro. Obrigada pela dedicação, preocupação e atenção que foi dada a mim durante nosso encontro. Sem dúvidas, seus conhecimentos contribuíram para a principal proposta deste trabalho: fazer com que as pessoas entendam o sofrimento do outro e sejam mais humanos.

Agradecer à minha orientadora, professora Cláudia Arantes, pela dedicação e contribuição que teve com este trabalho. Seus ensinamentos não serviram somente para a conclusão deste trabalho, mas também para a construção profissional desta autora.

Agradecer à minha família por sempre acreditar em mim e me apoiar neste momento tão importante da minha vida, especialmente minha mãe, meu marido e meu filho. Minha vitória dedico a vocês.

Por fim, mas não menos importante, agradecer ao principal motivo da existência deste trabalho, meu irmão Artur Lima. Infelizmente não está mais entre nós, mas gostaria que soubesse que onde quer que esteja eu te amo e sinto tua falta. Este trabalho dedico a você.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2.</b>	<b>JORNALISMO LITERÁRIO</b> .....	7
<b>2.1.</b>	New Journalism.....	10
<b>2.1.1</b>	Surgimento do New Journalism no Brasil.....	14
<b>2.1.2</b>	Características do New Journalism.....	15
<b>2.2</b>	Gonzo Journalism.....	17
<b>2.2.1</b>	Gonzo Journalism Versus New Journalism.....	19
<b>2.3</b>	Jornalismo Cultural.....	21
<b>3</b>	<b>A GRANDE REPORTAGEM</b> .....	26
<b>4</b>	<b>MORTE NA CULTURA OCIDENTAL</b> .....	29
<b>4.1</b>	O luto.....	33
<b>4.2</b>	Comunicação x morte.....	37
<b>5</b>	<b>MÉTODO</b> .....	41
<b>5.1</b>	Análise das entrevistas dos personagens.....	45
<b>5.1.1</b>	Um breve resumo sobre o relato da autora.....	45
<b>5.1.2</b>	Entrevista 1 .....	46
<b>5.1.3</b>	Entrevista 2 .....	48
<b>5.1.4</b>	Entrevista 3 .....	51
<b>5.1.5</b>	Análise da entrevista com especialista.....	54
<b>6</b>	<b>DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b> .....	57
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	63
<b>9</b>	<b>ANEXOS</b> .....	67
<b>9.1</b>	Anexo A – Entrevista 1 .....	67
<b>9.2</b>	Anexo B – Entrevista 2.....	71
<b>9.3</b>	Anexo C – Entrevista 3.....	75
<b>9.4</b>	Anexo D – Entrevista 4.....	83
<b>9.5</b>	Anexo E – Reportagem 1.....	91
<b>9.6</b>	Anexo F – Reportagem 2.....	99
<b>9.7</b>	Anexo G – Reportagem 3.....	105
<b>9.8</b>	Anexo H – Reportagem 4.....	112

## RESUMO

Este trabalho contém o memorial do projeto experimental que elaborou a grande reportagem sobre pessoas que perderam entes queridos e vivem com a nostalgia de um tempo que não volta mais. O trabalho detalha a produção do material jornalístico realizado, assim como a metodologia, o referencial teórico e os objetivos das grandes reportagens. Além disso, o trabalho traz uma análise das entrevistas realizadas com as personagens e uma análise de uma especialista sobre as histórias contadas. As grandes reportagens buscaram retratar como é o processo de luto e a tentativa de superação dos personagens em relação a um ente querido. A produção jornalística foi realizada através de entrevistas etnográficas, narrativas de histórias de vida, com técnicas do jornalismo literário.

**Palavras chave:** Jornalismo Literário – Grandes Reportagens – Processo de Luto – Ente querido – Saudade

## ABSTRACT

This work contains the memorial of the experimental project that elaborated the great reports about people who have lost loved ones and live with the nostalgia of a time that does not return again. The work details the production of journalistic material, as well as the methodology, the theoretical reference and the objectives of the great reports. In addition, the work brings an analysis of the interviews conducted with the characters and an analysis of an expert on the stories told. The great reports sought to portray how the process of mourning and the attempt to overcome the characters in relation to a loved one. The journalistic production was carried out through ethnographic interviews, narratives of life stories, with techniques of literary journalism.

**Key words:** Literary Journalism - Great Reports - Grieving Process - Loved One – missing

## 1. INTRODUÇÃO

O presente memorial refere-se à elaboração de uma grande reportagem apresentada como Projeto Experimental equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap). O referido produto jornalístico contém relatos de pessoas que perderam entes queridos e vivem com a nostalgia de um tempo que não volta mais. Através de suas histórias e seus relatos, estes personagens contribuíram para que possamos conhecer e entender o processo de perda.

A grande reportagem teve como objetivo mostrar ao leitor um lado mais humanizado das pessoas que perdem alguém para a morte. Além disso, foi utilizado a linguagem Jornalismo Literário para detalhar a riqueza de informações repassadas pelos personagens.

Neste trabalho foram utilizados métodos de pesquisa exploratória e etnográfica do jornalismo, além de entrevistas em profundidade, testemunhal e temática para conhecer cada personagem e compreender o sentimento que cada entrevistado repassa ao falar do ente querido. Os dados foram colhidos e permitiram as informações necessária para cada caso em particular.

Nesse sentido, pessoas foram entrevistadas, ouvidas e analisadas para a elaboração dessas reportagens, além disso foram realizadas pesquisas acerca do processo de luto, perda e morte em busca de entender melhor o tema a ser discutido.

Neste projeto experimental, foi mostrado como cada pessoa que perde um ente querido absorve o caso e de que forma cada entrevistado trabalha para superar a perda. Além disso, o trabalho proporciona uma reflexão sobre a importância de respeitar o espaço do enlutado, e entender que cada um tem seu tempo para digerir essa etapa da vida.

O trabalho proporciona também uma reflexão de que a saudade é benéfica ao ser humano, mas em alguns casos, se torna maléfica para a saúde e bem-estar da pessoa que convive com esse sentimento.

Além da grande reportagem, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. São eles: Jornalismo Literário, Grande Reportagem, Morte na cultura ocidental e Métodos. O primeiro traz todo um contexto histórico sobre essa modalidade de escrita no jornalismo, além de apontar as principais características e seus precursores. Nesse sentido, as reportagens elaboradas para este trabalho foram baseadas nessa linguagem e proporcionaram relatos mais humanizados.

O segundo capítulo mostra a origem e as principais características da grande reportagem, as quais foram utilizadas durante o processo de elaboração do projeto experimental.

O terceiro capítulo trabalha especificamente com o assunto principal deste trabalho, a morte. Esse capítulo contém um contexto histórico sobre o assunto e como atualmente cada país vive o processo de morte. Além disso, o capítulo proporciona uma explicação sobre o processo de luto, presente em pessoas que perdem um ente querido.

Por fim, o último capítulo aponta os principais métodos utilizados para a elaboração das grandes reportagens. Este capítulo traz uma análise de todas as entrevistas realizadas para a elaboração das reportagens, além da análise de especialista para explicar como as pessoas passam por esse processo durante a vida.

### **Objetivos**

- Produção de uma grande reportagem que apresente relatos de pessoas que convivem com o sentimento de saudade após a perda de ente querido.
- Mostrar como os familiares de cada caso, absorve o fato.
- Propor uma reflexão de que a saudade é benéfica ao ser humano, mas em alguns casos, se torna maléfica para a saúde e bem-estar da pessoa que convive com esse sentimento.

### **Problema**

No Jornalismo Amapaense existe poucas obras e publicações que retratam a perda de um ente querido de forma humanizada. Em grande parte, a morte é

evidenciada como mais uma na estatística da editoria policial, proporcionando em muitos casos, uma insensibilidade dos veículos de comunicação com os familiares que perderam o ente querido.

Por outro lado, falar do processo de perda e do luto é algo doloroso para aqueles que perderam alguém. Portanto, o problema deste Projeto Experimental é que, em alguns casos, a influência desses veículos de comunicação, especialmente a TV, trazem notícias sobre morte muitas vezes sensacionalista. Esse método proporciona ao telespectador formar uma opinião leviana sobre aquele que morreu. Desta forma, podemos pensar que dar visibilidade ao relato de uma morte inesperada pode aliviar em parte a dor da perda de um ente querido?

Tendo em vista que os profissionais da comunicação se utilizam de subterfúgios para divulgar informação a qualquer custo, oferecendo cobertura sensacionalista, a mídia local utiliza os casos de perda como uma ferramenta para adquirir audiência, banalizando notícias que envolvem vítimas fatais, sem se preocupar com o sentimento de luto das pessoas que perderam um ente querido.

Para quebrar esse “tabu” de jornalismo sensacionalista e proporcionar um certo “alívio” para aqueles que perderam um ente querido, o referido trabalho buscou trazer esse lado mais humanizado, relatando as histórias dessas pessoas, proporcionando lembranças agradáveis e que evidenciem a importância deste ser na vida do personagem.

## **2. JORNALISMO LITERÁRIO**

Ao escolher o Jornalismo Literário como narrativa desta grande reportagem busco ultrapassar os limites dos acontecimentos e proporcionar ao leitor uma visão mais ampla do assunto a ser tratado, como define Felipe Pena (2006), ao dizer que é possível fugir das amarras da redação para que o texto atinja seus objetivos.

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 6-7).



O Jornalismo Literário permite que o autor não conte apenas um fato, mas que mostre a cena ao seu leitor, fazendo com que ele imagine a história e de que forma aconteceu. De acordo com Edvaldo Lima (2010), o Jornalismo literário permite colocar o leitor dentro da cena, fazendo com que ele viva, pelo menos, um pouco, o que o repórter vivenciou.

O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata. [...] a cena procura também despertar a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar do leitor. (LIMA, 2010, p. 16)

No artigo intitulado “Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário”, os autores Mateus Yuri Passos e Romulo Augusto Orlandini ressaltam que o jornalismo literário surgiu a partir de uma proposta de Tom Wolfe, considerado um dos precursores do gênero.

A primeira caracterização do que viria a ser conhecido como jornalismo literário foi proposta por Tom Wolfe em 1973, com base na presença de elementos do realismo social em reportagens publicadas principalmente em revistas e em livros-reportagem elaborados como romances. Aí já se lançava a noção, a partir de então difundida, de que o "novo" modelo combinava elementos não apenas técnicos, mas também cognitivos da literatura e do jornalismo. (PASSOS e ORLANDINI, 2008 p. 82)

Pena (2006) resalta que o Jornalismo Literário é uma estrela de sete pontas, por se tratar de sete itens diferentes, no qual são imprescindíveis e característicos para a elaboração de uma reportagem. A primeira ponta busca desenvolver a reportagem de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais, no entanto, utilizando dos princípios da redação para apuração das informações.

A segunda ponta sugere o rompimento com a periodicidade e a atualidade, para que esteja liberto do *deadline*, permitindo que o jornalista ultrapasse os limites do acontecimento cotidiano. A terceira ponta diz respeito ao rompimento com o tempo e espaço, permitindo que o jornalista tenha uma visão mais ampla do assunto abordado.

Nesta terceira ponta, Pena (2006) resalta que o Jornalismo Literário só tem uma preocupação.

A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-

las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2006, p.7)

A quarta ponta ressalta que é necessário exercitar a cidadania, ou seja, mostrar à sociedade como o tema abordado pode contribuir para a formação do cidadão. A quinta ponta, diz respeito ao rompimento do *Lide*, que no jornalismo diário é o primeiro parágrafo do texto que responde as seis indagações existentes no assunto: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?

A fórmula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de auto-proteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa. (PENA, 2006, p. 8)

Já a sexta ponta da estrela, Pena (2006) sugere que possamos evitar os definidores primários, que são aqueles que por falta de tempo na apuração de uma matéria no jornalismo diário, o repórter procura personagens que já são adotados neste círculo vicioso. O autor sugere que criemos alternativas, buscando fontes diferentes para que sejam ouvidas e mostre os pontos de vistas que nunca foram abordados.

A sétima e última ponta da estrela, refere-se à perenidade. O autor Felipe Pena (2006) ressalta que é importante a escolha de um bom tema para que o mesmo não caia no esquecimento.

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. [...]. Tem que acreditar que alguém vai publicar o seu livro, que outros tantos terão interesse em lê-lo e que ele permanecerá nas prateleiras do tempo, amenizando a angústia de sua efêmera existência sobre a terra. (PENA, 2006, p. 8-9)

Por fim, Edvaldo Lima define o Jornalismo Literário como um texto que oferece ao leitor uma experiência prazerosa de leitura.

Enquanto o jornalismo convencional noticioso conta histórias de um modo geralmente simplificado, reduzido em relação à realidade que lhe

corresponde, o jornalismo literário procura ser mais completo. A informação contida no texto é apenas um ingrediente da receita. O texto tende a ser menos impessoal, não evita a emoção, como acontece muitas vezes no jornalismo convencional. A vida pulsa no jornalismo literário, com toda a sua intensidade. (LIMA, 2006, p.19)

Pena (2006) define o Jornalismo Literário no Brasil como uma linguagem musical, formada de elementos presentes em dois gêneros diferentes. Alguns autores classificam o jornalismo literário como:

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *new journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística. [...]. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 13-14)

Portanto, entende-se como Jornalismo Literário toda e qualquer narrativa que utiliza recursos da literatura em textos jornalísticos. No entanto, para elaborar esse tipo de narrativa, é necessário que o repórter siga alguns dos gêneros propostos pelo jornalismo literário. Os mais utilizados são: New Journalism e Gonzo Journalism.

## 2.1 New Journalism

O New Journalism, conhecido também como “Novo Jornalismo”, é uma fase do Jornalismo Literário, que surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 60. Criado por três jornalistas, Gay Talese, Truman Capote e Norman Mailer, o Novo Jornalismo surgiu como um movimento de modificação no estilo de escrever.

A técnica da construção do texto remete para uma grande novela realista, combinando levantamento de fatos e muita pesquisa. Em outras palavras, é um jornalismo narrativo, de autor. Praticada em revistas especializadas, registra, ainda, a ascensão de grandes mestres da narrativa do real, como Gay Talese e Tom Wolfe, assim como o salto para a produção da “não-ficção”, com nomes consagrados como Norman Mailer e Truman Capote. (MARTELLI, 2006. p. 12)

Esta nova fase surgiu em meio a uma série de movimentos revolucionários, sendo fundamentado pelo contexto político, econômico e social nos Estados Unidos.

Todas as manifestações contestavam o novo modelo de ordem que estava sendo aplicado ao país naquela época.

De acordo com MARTELLI (2006) novas regras de comportamentos surgiram, no qual criticavam as normas e padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Desta forma, surgiu novas alternativas de divulgação das notícias nos meios de comunicação.

O movimento hippie permitiu o surgimento de comunidades voltadas para o autoconhecimento, o livre arbítrio, a liberdade humana e sexual. O foco dessa contestação estava, basicamente, centrado no homem como medida de todas as coisas, sendo que o indivíduo era primordialmente a justificativa para a existência em vida na sociedade e não o inverso. Com tal base humanista, o jornalismo, outrossim, sofre algumas transformações, procurando outros espaços e inauditos canais de expressão para o indivíduo e para as pequenas realidades do cotidiano. Dessarte, com o vultoso crescimento dos meios de comunicação, mormente a difusão de normas, valores, gostos e padrões de comportamento, a reportagem deixava de ser uma mera reprodução dos fatos para se transformar num texto quase literário. (MARTELLI, 2006. p. 12)

Desta forma, as redações jornalísticas passam a ter dois tipos de jornalistas: o responsável por informações em primeira mão, denominado os “furos de reportagem”<sup>1</sup>, no qual escrevia sobre assuntos cotidianos de interesse público e o especialista em reportagem, onde escrevia textos abrangendo histórias de interesse público, mas que não se encaixava em nenhuma linha editorial da notícia.

Além disso, o especialista em reportagem tratava os assuntos de uma forma mais abrangente, com textos que versavam acontecimentos tristes ou engraçados da vida de pessoas, tendo assim, uma liberdade maior para escrever e fugindo do tradicional lead das redações, que é o primeiro parágrafo do texto jornalístico e responde às seis perguntas básicas: o que, quem, quando, onde, como e por que? Fazendo com que os fatos sejam relatados em ordem decrescente de importância.

Em sua monografia<sup>2</sup>, o autor CZARNOBAI (2003) ressalta que alguns percursores fizeram parte desta equipe de jornalistas, especialistas em reportagem, que revolucionaram a forma de elaborar textos jornalísticos.

---

<sup>1</sup> O termo “Furo de Reportagem” ou “scoop” em inglês, é um jargão jornalístico criado no interior das redações para designar a notícia dada em primeira mão, com exclusividade. Esse termo surgiu junto com a notícia.

<sup>2</sup> GONZO – O FILHO BASTARDO DO NEW JOURNALISM – disponível no endereço eletrônico <http://www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf>

Com o foco de atenção voltado para o ser humano, o jornalismo também sofre os efeitos das transformações no mundo, e acaba estreitando suas conexões com a literatura através do surgimento do então chamado New Journalism. Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote são os maiores expoentes da nova corrente que propõe mudanças drásticas no modo como se apura, redige e edita o fato noticioso, utilizando-se de uma série de técnicas da literatura de ficção e mantendo uma visão mais humanitária na sua abordagem, contrariando a distância e a frieza do jornalismo tradicional. Por volta de 1966, surge um jornalista disposto a avançar mais um passo na evolução do New Journalism: Hunter S. Thompson. (CZARNOBAI, 2003 p. 3-4)

Assim, surge o “novo jornalismo”, com o objetivo de satisfazer o desejo dos jornalistas e quebrar a forma de reproduzir textos jornalísticos para a sociedade. Tom Wolfe (1976) faz uma declaração em seu ensaio *The New Journalism*<sup>3</sup> sobre o surgimento do gênero.

Duvido que muitos dos que irei citar neste trabalho tenham se aproximado do jornalismo com a menor intenção de criar um novo jornalismo, um jornalismo melhor, ou uma variedade ligeiramente evoluída. Sei que jamais sonharam que nada do que escrevessem para jornais e revistas fosse causar tal estrago no mundo literário [...] provocar pânico, roubar da novela o trono de maior dos gêneros literários, dotar a literatura norte-americana de sua primeira orientação nova em meio século. (WOLFE, 1976, p.5)

O primeiro texto jornalístico a surgir nesse estilo foi em 1962, quando Gay Talese publicou no jornal *Esquire* o perfil de história do lutador de boxe, Joe Louis. A história era intitulada como “*Joe Louis: O Rei como Homem de Meia Idade*”, o texto fugia dos padrões jornalísticos utilizados naquela época, assemelhando-se mais a um conto.

- Olá, querida - gritou Joe Louis a sua mulher ao vê-la o esperando no aeroporto de Los Angeles. Ela sorriu enquanto aproximava-se e quando estava a ponto de ficar na ponta dos pés para lhe dar um beijo, deteve-se de pronto.  
 - Joe, onde está sua gravata? - Perguntou.  
 - Aí, querida - ele desculpou-se encolhendo os ombros - estive fora toda a noite em Nova York e não tive tempo...  
 - Toda noite! - ela respondeu, ríspida. Quando você volta tudo o que faz é dormir, dormir, dormir...  
 - Amor - disse Joe Louis, - eu já estou velho...  
 - Sim - respondeu -, mas quando você for para Nova York tenta ser jovem de novo. (WOLFE, 1976, p.15)

A princípio, a riqueza de detalhes causou estranheza a quem lesse o artigo, pelo fato de conter informações, que geralmente, nas redações jornalísticas, em uma matéria de caráter informativo são dispensáveis. No entanto, as descrições dos

---

<sup>3</sup> O ensaio foi um dos primeiros livros do autor

diálogos entre o lutador e a esposa proporciona ao leitor imaginar como era a figura humana de Joe Louis. Que apesar de ser um lutador de boxe famoso, Joe reprimia seus ombros quando sua esposa elevou seu tom de voz.

*Jimmy Breslin* foi outro jornalista que se destacou no New Journalism. O jornalista se destacou como colunista do jornal *Harold Tribune*, conseguindo manter ao mesmo tempo sucesso na condição de repórter, escrevendo textos jornalísticos com total liberdade e ocasionando uma revolução no seu local de trabalho.

*Tom Wolfe* também escreveu diversos artigos para a *Esquire* nos anos de 1963 a 1964, grande parte de seus textos foram publicados também no *New York*. Wolfe buscava fazer diversos experimentos em seus artigos, buscando recursos diferentes para estimular o intelectual e o emocional de seu leitor.

Dentre os recursos utilizados, Wolfe aplicava citações literárias de diálogos inteiros, caracterização dos personagens, funções para os narradores e entre outros. Devido a riqueza de detalhes, esse tipo de reportagem exigia um trabalho de coleta de dados mais minucioso.

Jornalistas chegavam a passar dias com as mesmas pessoas sobre as quais escreviam para que desta forma, pudesse ser feita uma intensa coleta de informações e características para enriquecer seus textos.

Neste ponto, tanto Talese como o próprio Wolfe concordavam que a principal vantagem de uma imersão tão pronunciada no objeto de suas reportagens era justamente o de poder oferecer uma descrição objetiva completa, onde a vida subjetiva e emocional dos personagens fosse um elemento a ser considerado. Outra característica marcante nos textos do New Journalism é o uso de figuras de pontuação pouco convencionais no jornalismo, como reticências e exclamações, além de interjeições, onomatopeias e palavras sem sentido. (CZARNOBAI, 2003, p. 15)

Outros dois jornalistas surgiram para formar o time de percursores do New Journalism: Truman Capote e Norman Mailer. Ambos se uniram a Wolfe, Breslin e Talese com o objetivo de diferenciar a produção jornalística-literária da década de 60 com a literatura de relato com características específicas.

Capote se destacou no New Journalism após publicar capítulos de sua reportagem “A Sangue Frio”, em 1965, na revista *The New Yorker*. A reportagem narra

a história de dois bandidos que assassinaram uma família nos Estados Unidos. A história é resultado de uma investigação do autor que perdurou longos meses.

O grupo, apesar de escrever este estilo de texto jornalístico, não gostava do termo New Journalism. CZARNOBAI (2003), em sua monografia diz que apesar de Wolfe ser considerado o inventor da expressão, o jornalista afirma não saber de onde surgiu.

Não tenho nem ideia de quem cunhou a expressão new journalism, nem quando ela foi cunhada. Seymour Krim me disse que a ouviu pela primeira vez em 1965, quando era redator-chefe da *Nugget*, e Peter Hamill o chamou para encomendar um artigo com este título sobre gente como Jimmy Breslin e Gay Talese. (WOLFE 1976, p.35)

Para MARTELLI (2006) admitir que este fenômeno foi meramente fruto deste grupo é um erro, tendo em vista que, outras pessoas contribuíram para a consolidação do gênero.

Entretanto, seria um equívoco concluir que o fenômeno é meramente fruto de um grupo de jornalistas estadunidenses. Grandes representantes do gênero ressaltam que foram especialmente os grandes nomes da escola literária do realismo social, como o inglês *Charles Dickens* (1812-1870) e o francês *Honoré de Balzac*, que inspiraram os jornalistas a aplicar ao relato da realidade as técnicas narrativas que empregavam na ficção. (MARTELLI, 2006, p. 18)

Contudo, o New Journalism não esteve restrito somente aos especialistas em reportagem dos Estados Unidos. A técnica percorreu por outros países, até ser adotada em jornais do Brasil.

### **2.1.1 Surgimento do New Journalism no Brasil**

O New Journalism surgiu no Brasil em 1966 através da revista “Realidade”, lançada pela Abril. A revista trazia uma cobertura ampla e ambiciosa sobre a realidade contemporânea, sem resistência a alguma pauta, sua preocupação era com o contexto e a situação em torno do que acontecia no mundo e, principalmente no Brasil. O sucesso de suas reportagens foi tão grande que em apenas um ano o número de sua tiragem dobrou, passando de 251 mil para 505 mil.

Por ser mensal, o tempo de apuração, fundamentação e documentação livrava os profissionais da revista do círculo vicioso e imediatista dos jornais. O repórter mergulhava no assunto que tinha de cobrir, por vezes até confundindo - se com o novo universo de abordagem. A captação da essência do assunto/tema não era apenas “intelectual” (razão), mas também emocional. Um pouco da sensação/impressão iniciada com o New

Journalism. Neste sentido os textos eram personalizados e permitiam o uso variado de técnicas literárias, de acordo com o efeito desejado. Antes de revelar, Realidade particularizava. Primeiro centrava o interesse num microcosmo específico – o dos salineiros do Rio Grande do Norte, por exemplo -, depois traçava uma perspectiva do mundo externo àquele microcosmo. Isto faz com que o leitor primeiro descubra o novo “cosmo” e então o compreenda sob uma interpretação mais abrangente. (MARSHALL, S.A, p. 2)

No mesmo ano, outro meio de comunicação adotou o gênero com o objetivo de experimentar a nova técnica, o “Jornal da Tarde”. Tanto a revista quanto o jornal funcionavam na cidade de São Paulo. Os meios de comunicação traziam reportagens, cuja linguagem aproximava-se mais da literatura do que do tradicional texto jornalístico.

Apesar da literatura brasileira ter uma tradição semelhante no tocante ao relato, com Os Sertões, de Euclides da Cunha; e também ao realismo social, com Graciliano Ramos, o gênero teve uma existência efêmera no país. (CZARNOBAI, 2003 p. 20)

Dentre os autores que se destacaram com produção de textos com características do New Journalism no Brasil, estão: Marcos Faerman, Fernando Portela, Cláudio Bojunga e José Hamilton Ribeiro.

O New Journalism teve uma sobrevivência curta no Brasil por dois motivos: O primeiro seria o público, tendo em vista que, os brasileiros não tinham a cultura de ler jornais, diferente dos americanos, que a leitura de um jornal é primordial no dia-a-dia deles; o segundo motivo seria a celeridade da informação, os grandes jornais e revistas acreditavam que o leitor não teria tempo de ler reportagens enormes com uma linguagem pouco objetiva.

Fica claro aqui que a curta sobrevivência do New Journalism no Brasil deu-se principalmente pela ausência de uma tradição de leitura de jornais e periódicos no país e pelas novas relações de trabalho nas redações, que exigem uma equipe cada vez mais enxuta e resultados cada vez mais rápidos. (CZARNOBAI, 2003 p. 21)

No mundo, o New Journalism foi perdendo força após o Jornalismo Investigativo alcançar o sucesso das redações jornalísticas. Principalmente em 1974, após o caso Watergate. Atualmente alguns nomes internacionais ainda se destacam neste cenário, dentre eles Mario Vargas Llosa e Norman Mailer. Já no Brasil, alguns nomes se destacam, dentre eles: Eliane Brum, Moisés Mendes e Nina Lemos.



### 2.1.2 Características do New Journalism

O New Journalism vai ao encontro do jornalismo tradicional, tendo em vista que, ambos utilizam apuração para elaboração do texto. No entanto, ao contrário do jornalismo tradicional o New Journalism permite ao repórter usufruir mais do imaginário, da riqueza de característica que a entrevista proporcionou.

Tom Wolfe aponta quatro procedimentos aplicados no texto com características do *New Journalism*: 1 – A Construção cena a cena; 2 – O uso de diálogos; 3 – O ponto de vista na terceira pessoa; 4 – Símbolos de status.

A construção cena a cena permite contar a história saltando de uma cena para outra e usando o mínimo possível à mera narração histórica. O segundo procedimento foi os jornalistas trabalhando com o diálogo como um todo, das formas mais abstratas e curiosamente enigmáticas. O terceiro procedimento, chamado de "ponto de vista em terceira pessoa", é a técnica de apresentação de cada cena ao leitor através dos olhos de um personagem particular, para dar ao leitor uma sensação de que está sendo preso na pele do personagem e experiência de realidade da cena emocional como ele está passando. O quarto método envolve a relação dos gestos cotidianos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobiliário, vestuário, decoração, estilos de viajar, comer, cuidar da casa, modos de comportamento contra as crianças, servos, superior, inferior, o mesmo, para além de várias aparições, aparência, estilos de caminhada e outros detalhes simbólico que podem existir dentro de uma cena. A proporção de tais detalhes não é meramente uma como decorar a prosa. É tão perto da força do núcleo realismo todos os outros procedimentos na literatura. (WOLFE, 1976, p. 49-50)

O uso dos diálogos aproxima o formato dos textos jornalísticos com obras de ficção, tornando, desta forma, o ritmo de leitura mais agradável. Além disso, os diálogos contribuem também para aprofundar os personagens e informar mais características deles ao leitor.

O ponto de vista tem como principal objetivo dar ao leitor a sensação de estar presente na cena em que o autor descreve. Já os símbolos de status da vida possibilitam que o leitor compreenda melhor o lugar em que o personagem está situado, tendo riqueza de informações.

Algum tempo depois surgiu uma nova característica do Jornalismo Literário, o *Gonzo Journalism*, que invadiram as páginas dos novos jornais. Para André Felipe Pontes Czarnobai, o gênero se originou do Novo Jornalismo, no entanto, desenvolveu-se de forma separada.

## 2.2 – Gonzo Journalism

O *Gonzo Journalism*, conhecido também como “*jornalismo gonzo*”, surgiu na metade da década de 60 como mais uma modalidade do jornalismo literário. Este segmento surgiu em pleno auge do New Journalism nos editoriais da imprensa norte-americana. Seu principal criador foi Hunter S. Thompson, um jornalista freelance do Kentucky, nos Estados Unidos.

A modalidade consiste no envolvimento do repórter com o seu tema e na insistência de temas polêmicos. Desta forma, o Gonzo Journalism se torna um formato peculiar de se fazer reportagem.

Também chamado de jornalismo fora-da-lei, jornalismo alternativo e cubismo literário, o gênero inventado por Thompson tem sua força baseada na desobediência de padrões e no desrespeito de normas estabelecidas, além da insistência em quatro grandes temas: sexo, drogas, esporte e política. (CZARNOBAI, 2003, p. 26)

Os textos escritos na modalidade Gonzo Journalism possuem algumas características marcantes, no entanto, vale ressaltar que as características foram percebidas em reportagens de Thompson que, conseqüentemente, fazem parte do jornalismo gonzo.

Para CZARNOBAI (2003) o criador do Gonzo Journalism, Thompson, propôs uma barreira essencial para separar o jornalismo da ficção, tendo assim, o compromisso com a verdade.

Nem todo texto da modalidade jornalismo gonzo, precisa, necessariamente, estar relacionado com algum desses temas. Porém, as obras de Thompson sempre estiveram relacionadas de alguma forma com esses assuntos. De acordo com CZARNOBAI (2003), Thompson escreveu assuntos no qual estava pessoalmente envolvido.

Dentre as características desta modalidade do jornalismo literário está a escrita em primeira pessoa. De acordo com MARTELLI (2006), o objetivo desta característica era fazer com que o leitor se tornasse cúmplice de uma experiência relatada pelo autor, fazendo com que o leitor elimine qualquer ideia de imparcialidade no texto, transformando a reportagem em uma espécie de jornalismo confessional.

Outra característica marcante nos textos de Thompson e conseqüentemente do jornalismo gonzo é a valorização da experiência do repórter, fazendo com que o mesmo se torne um personagem da história. Desta forma, o jornalista acaba interferindo, mesmo que inconscientemente, no destino da reportagem.

Além disso, as reportagens desta modalidade possuem uma linguagem cômica e ácida, quebrando o tabu de jornalista sério.

Thompson lembra que o jornalismo pode ser tão verídico sem enveredar necessariamente pela objetividade. É aí que os elementos de ficção se entrelaçam facilmente aos fatos, dando maior vulto às sensações que produzem um acontecimento, em vez dos mesmos feitos que o conformam. (MARTELLI, 2006, p. 22,23)

Outra característica do gênero é a digressão. Para MARTELLI (2006), este elemento tem como finalidade dar mobilidade ao autor, relatando a ação com todos os detalhes, fazendo com que o leitor perceba todas as interferências e julgamentos que foram realizados durante o evento. “Os sentimentos também levam o leitor onde a lógica não pode levar. Por isso é tão importante que o jornalista literário relate o que sentiu e pensou em momentos cruciais de sua observação do assunto” (MARTELLI, 2006, p. 22).

O consumo de drogas e álcool é outra característica do jornalismo gonzo, no entanto, o elemento não é necessariamente uma exigência. Ainda nos textos de Thompson, é perceptível a tendência do autor se distanciar do assunto principal, tendo em vista que a mudança se refere ao fato do interesse do jornalista em relatar o que ele acredita que os leitores gostariam de ler. “Dessa forma, a narrativa começa com o objetivo de cobrir determinado evento, mas acaba atraído pelas inúmeras possibilidades de discorrer sobre o componente humano presente na história” (MARTELLI, 2006, p. 23).

Thompson explorava de um modo espetacular detalhes de características de pessoas e objetos, fazendo com que o leitor crie uma atmosfera visual do que está sendo descrito. Desta forma, o Gonzo Journalism fica mais focado na experiência do que no fato em si.

Toda essa riqueza de detalhes possui características dos contemporâneos do New Journalism e seus precursores.

Toda essa forma minuciosa e debochada de se escrever possui raízes nos contemporâneos do *new journalism* e respectivos precursores. Contudo, a submersão dos fatos tem raízes em textos antropológicos, por meio da etnografia. Tal como os “novos jornalistas”, os etnógrafos não acreditavam que a realidade pode ser descrita sob o critério da objetividade. Para tanto, evidenciavam a influência de valores e ideias nos resultados dos trabalhos. (MARTELLI, 2006, p. 23)

Assim como o *New Journalism*, o *Gonzo Journalism* também contrariou os formatos tradicionais dos jornais impressos norte-americanos existentes naquela época. Sua principal dificuldade foi conseguir personalizar as reportagens de acordo com as demandas do escritor. No entanto, Thompson defendeu que a principal marca do jornalismo gonzo era escrever bem e de forma interessante.

### **2.2.1 – Gonzo Journalism versus New Journalism**

Apesar do *Gonzo Journalism* ter surgido a partir do movimento do *New Journalism*, o gênero possui características específicas, fazendo com que o modelo se torne diferente do primeiro movimento do jornalismo literário.

Dentre as diferenças existente entre as duas modalidades do jornalismo literário, está a imersão do jornalista para captar as informações. Enquanto no *New Journalism*, o repórter acompanha as fontes por semanas ou até meses, o *Gonzo Journalism* promove um envolvimento muito mais intenso entre o repórter e o objeto de trabalho.

A exemplo disso, está a reportagem de Thompson, “*Hell’s Angels: The Strange and Terrible Saga of the California Motorcycle Gang*”, o jornalista para escrever seu texto precisou passar mais de um ano com o grupo, tornando-se praticamente um membro e realizando, inclusive, atos ilegais, para que desta forma pudesse entender a sensação que eles sentiam ao praticar esses atos. No *New Journalism*, o repórter acompanha as fontes, no entanto, não se identifica como protagonista de sua reportagem.

Outra diferença entre os dois estilos é a relatividade ao objeto da investigação. Para CZARNOBAI (2003), o *Gonzo Journalism* altera o objeto da sua reportagem, assim como o objeto altera o repórter.

A postura de observador do “novo jornalista” confere um caráter de distanciamento muito maior do que o agente sempre presente do “jornalismo

gonzo”. Por mais intensa que seja a pesquisa, o New Journalism perde por essa distância, que impede que o repórter se confunda com o própria reportagem, como acontece em Thompson. No New Journalism, o papel do repórter está mais delimitado, ou seja, atende mais a uma das características do modelo hegemônico de jornalismo. Graças a profunda imersão do repórter, o mesmo não acontece no Gonzo Journalism. (CZARNOBAI, 2003, p. 51)

A terceira característica é a captação participativa do repórter, enquanto no New Journalism, o autor prioriza a coleta ampla e com métodos de informações, no Gonzo Journalism prefere a espontaneidade e urgência das informações. Além disso, o novo jornalismo possui um cuidado maior na apuração dos fatos, permitindo utilizar técnicas narrativas.

Já em relação as entrevistas, o New Journalism procura estar focado mais no fator humano do que no noticioso, enquanto o Gonzo Journalism foca a atenção em um personagem-narrador, ou seja, o repórter como protagonista da reportagem.

O foco narrativo é outra característica que diferencia essas duas tendências do jornalismo literário. No New Journalism, o repórter pode escolher em qual pessoa pretende escrever, seja na primeira ou na terceira, o importante é que o repórter se converta em um fator que o auxilie para compreender a história. No entanto, para um dos maiores percursos dessa modalidade, Wolfe defende que o repórter na terceira pessoa se mantém invisível na história. Ao contrário do novo jornalismo, o Gonzo Journalism é realizado sempre na primeira pessoa, justamente pelo fato do próprio repórter ser o personagem e o narrador da história.

O principal benefício é o fato da figura do jornalista como senhor da informação sair de cena, dando espaço à figura de uma pessoa que experimenta e divide os resultados da sua experiência. Contrariando as suposições de Wolfe, este personagem-narrador cria vínculos mais facilmente com o leitor por que se apresenta de uma forma mais humana e tangível, em oposição à invisibilidade autoral pregada na escola do New Journalism (CZARNOBAI, 2003, p. 57).

Outra característica que diferencia as modalidades era a linguagem utilizada. O New Journalism se preocupa em respeitar as regras básicas da imprensa tradicional, assim como a imparcialidade do texto. Ao contrário disso, o Gonzo Journalism utilizava de tons mais descontraídos, utilizando de ironias com bom senso de humor, no entanto, a utilização dessas técnicas não significa que o jornalismo gonzo seja imparcial. “*Thompson* queria quebrar qualquer paradigma, além de criticar a imprensa e formatos ultrapassados. Por isso a sua forma anárquica, que ironizava

o objeto da reportagem, a linguagem e a própria condição do jornalista” (MARTELLI, 2006, p. 29).

Outra característica que marca o jornalismo gonzo é a fuga do foco principal, no qual o repórter focava em algum ponto da reportagem, aumentando a profundidade de informações, que seriam dispensadas pelo leitor. No New Journalism, o repórter sempre mantém o foco no objeto que está sendo analisado, justamente para não perder nenhum detalhe, expressão ou característica apresentada pelo objeto.

A última característica que difere o Gonzo Journalism do New Journalism é a relação em ficção e não-ficção. No jornalismo gonzo, por exemplo, Thompson nunca faz uma diferenciação em seu texto para mostrar o que é ou não é ficção, deixando a interpretação para o leitor. A inserção da ficção no gonzo jornalismo contribui para a evolução da narração, fornecendo informações mais aprofundadas em comparação com uma reportagem tradicional.

### 2.3 - Jornalismo Cultural

O Jornalismo Cultural é uma vertente que se emprega em relatar fatos relacionados a cultura. Apesar de não poder determinar a data de seu nascimento, um dos marcos do jornalismo cultural aconteceu em 1711. De acordo com Daniel Piza (2013), seus primeiros percursos surgiram em Londres, na Inglaterra.

Dois ensaístas ingleses, Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*. [...] Os dois decidiram lançar a *Spectator* com a seguinte finalidade: “Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés”. E assim seria. Logo Londres estaria ansiosa por descobrir quem eram os autores por trás de assinaturas como CLIO, R, T e X – e descobriria. Addison e Steele se tornaram famosos (PIZA, 2013, p. 8)

A revista se tornou um sucesso em Londres, pois falava de tudo que envolvia cultura – livros, operas, costumes, teatro e entre outros – tudo isso em um tom de conversação culta sem ser formal. Steele e Addison escreveram durante quatro anos na revista o que queriam que fosse discutido nas mesas de café, clubes e casas. A revista *Spectator* retratou o que seria o jornalismo cultural.

Em outras palavras, a *Spectator* – portanto o jornalismo cultural, de certo modo – nasceu na cidade e com a cidade. Não por acaso, Addison e Steele comentam com frequência a difícil adaptação de um homem de campo que se mudava para Londres. [...] A *Spectator* se dirigia ao homem da cidade,

“moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. (PIZA, 2003, p. 9)

Portanto, o jornalismo cultural é dedicado à avaliação de ideias, valores e artes. O gênero é resultado de uma era após o Renascimento, que também ajudou a dar à luz ao movimento iluminista que marcaria o século XVIII.

Com a expansão do jornalismo cultural outros escritores surgiram para dar continuidade, dentre eles o irlandês Jonathan Swift, que publicou o livro *Viagens de Gulliver*, e o escritor britânico Daniel Defoe, autor de *Robinson Crusoé* e de *Review*, um periódico da corte, este último se dedicou quase dez anos para escrevê-lo. Na Inglaterra, além de Addison e Steele, o jornalismo cultural teve nomes influentes como Samuel Johnson, o dr. Johnson, e Willian Hazlitt e entre outros.

Samuel Johnson foi considerado o primeiro grande crítico cultural, após sua morte, o escritor teve sua biografia publicada, considerada uma das obras-primas da humanidade.

Johnson é o pai de todos os críticos europeus, americanos ou brasileiros cuja opiniões sobre um livro ou qualquer outro tema, nos séculos seguintes, eram esperados com fôlego preso por uma pequena, mas decisiva plateia. (PIZA, 2013, p. 11)

O ensaísmo e a crítica cultural se tornaram mais fluentes em meados do século XIX, quando a industrialização já tinha tomado conta da Europa e da história. Dentre os críticos que mais destacaram nesse período, está o inglês John Ruskin, crítico de arte, que marcou sua época se tornando uma das maiores influências sobre a literatura moderna. Outro crítico militante do jornalismo cultural foi o francês Marcel Proust.

No período iluminista, Denis Diderot foi um grande crítico de arte, seu seguidor no gênero foi Charles Baudelaire, especialista em poesia. Na Alemanha, o seguidor de Diderot e Johnson foi G.E Lessing, que no século XVIII ficou conhecido por escrever críticas sobre teatro, literatura e pintura, para o jornal *Berlinische Privilegirte Zeitung*.

O jornalismo cultural atingiu outros países, tornando-se influente nos Estados Unidos e Brasil. No EUA, o gênero surgiu na pré-Guerra Civil, tendo como figura

maior, Edgar Allan Poe, cujo sustento vinha de sua produção para as revistas e os jornais que se multiplicavam com o avanço industrial. Inicialmente, ele só era conhecido em seu país como o crítico que modernizou o ambiente intelectual da América.

Em meados do século XIX, os críticos americanos aumentaram. Entre os críticos que mais se destacaram nesse período está Henry James, que brilhou em jornais e revistas de Nova York, como o New York Tribune.

A tendência ocupa um papel importante na imprensa brasileira, seja nas seções destinadas à comentários e críticas de produção intelectual ou em reportagens especificamente culturais.

O Jornalismo Cultural surgiu no Brasil em meados do século XIX, naquela época grandes escritores faziam críticas de teatro e a escrita de ensaios e resenhas. Neste tempo, o jornalismo brasileiro deixou um pouco de lado os textos tradicionais e passou a ganhar um perfil mais cultural.

Alguns textos eram escritos por literatos, dentre eles, Machado de Assis, José Veríssimo, entre outros. Estes escritores além de publicar obras importantes, faziam críticas de teatro e de escritas de ensaios e resenhas.

A partir do século XX, o jornalismo cultural ganha os espaços urbanos das principais cidades do país. Em seu artigo, *Jornalismo Cultural: em busca de um conceito*, os autores André de Lima Silva e Francisco Gonçalves da Conceição frisam que nesta época o perfil dos jornais brasileiros se modifica.

[...] a passagem do século XIX – que registra grandes transformações, como a abolição da escravidão, a Proclamação da República, a ampliação acelerada do mercado interno, aliada à imigração em massa – para o século XX corresponde ao período de formação da imprensa nacional. É o momento em que muitos jornais passam a integrar ou se tornam empresas de formação mais estáveis. Assim, as principais cidades do país também registram transformações nos espaços urbanos e a efervescências de ideias e hábitos culturais. (SILVA, CONCEIÇÃO apud WOITOWICZ, 2003, p. 12)

Ainda na década de 1920, o país é marcado pelo alto índice de analfabetismo, o que dificulta a propagação do campo cultural. No entanto, nesse mesmo período, os investimentos publicitários aumentam, fazendo com que as tiragens de jornais



impressos se multipliquem. Desta forma, as ilustrações dentro dos espaços dedicados à cultura ajudaram a fortalecer este campo. Em 1928, surge a primeira revista que marca o jornalismo cultural no Brasil: *O Cruzeiro*.

Nas três décadas seguintes, o jornalismo no Brasil só evoluiu:

Os anos 30 são (re)conhecidos como a Era do Rádio. É o período do nacionalismo do governo Vargas. Desse modo, a divulgação da música brasileira pelas rádios do país pretendiam fortalecer uma identidade nacional. A década de 40 é o período da sociedade urbano-industrial e de uma incipiente sociedade de consumo. É na década de 50 que os jornais brasileiros adquirem configuração empresarial e profissionalização de sua equipe. Surgem as primeiras escolas de comunicação reconhecidas pelo Ministério da Educação. A crescente industrialização aumenta os investimentos em propaganda e, conseqüentemente, a tiragem dos jornais. A introdução do lead já visava um jornalismo mais objetivo e, é nesta época que os suplementos culturais dedicam mais espaço à crítica e às resenhas. (SILVA, GONÇALVES, 2007, p. 9)

Nas décadas de 60 e 70, o jornalismo cultural é marcado por revistas que continham reportagens interpretativas, críticas culturais, literaturas e entre outros assuntos. Na década de 90, outros três temas são acrescentados as sete artes. Compõe o conjunto: literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura, cinema, moda, gastronomia e designer.

Ainda na década de 90, o surgimento da internet possibilitou a qualquer pessoa emitir opinião sobre assuntos pautados na mídia, em especial a cultura. SILVA, GONÇALVES ressalta que o avanço da tecnologia trouxe três pontos negativos ao jornalismo cultural.

Com relação aos textos de jornalismo cultural atual, Piza (2004) põe em relevo três pontos negativos. Primeiramente, o intenso atrelamento à agenda cultural da cidade. Assim, a proximidade de um evento é o pré-requisito de uma pauta. E qual critério utilizar quando são vários os eventos? Privilegiar o que será mais bem sucedido no mercado? Dar destaque ao mais relevante intelectualmente? Para ficarmos apenas nestes dois pontos problemáticos. Outro mal é o tamanho e a qualidade dos textos. Muitas matérias se confundem com a própria publicidade do evento. É um release produzido e/ou reproduzido no jornal. Um terceiro aspecto é a marginalização da crítica dentro do espaço desses cadernos, pois quando há algum tipo de análise é superficial, sem fundamentação. E é este último ponto que vamos explorar no próximo tópico na medida em que é no exercício da crítica que o jornalismo cultural cumpre sua função por excelência. (SILVA, GONÇALVES, 2007, p. 10)

No fim do século XIX, o jornalismo começou a mudar e com ele o estilo de crítica cultural feita em periódicos. As críticas das artes saíram de seu circuito de

marfim e, agora o crítico cultural teria que lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias. A arte moderna derrubou muros e o por conta disso, o jornalismo cultural começou a se renovar. A modernização da sociedade acabou transformando também a imprensa.

O jornalismo moderno passou a dar mais importância para a reportagem, para o relato de fatos, não raro sensacionalista, e começou a se profissionalizar. Repórteres de política e polícia, passaram a ser os mais importantes dentro das redações. O jornalismo cultural, também “esquentou”: descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante. Das convenções sofisticadas de Addison e Steele até as resenhas de Zola, Kraus e Shaw, o jornalismo cultural tomou sua forma moderna. (PIZA, 2013, p.17)

Apesar de décadas após o surgimento do jornalismo cultural no Brasil, ainda se tem dificuldade para definir o conceito do campo. A princípio, a definição deste conceito possui duas ordens, a primeira sendo a avaliação do que seja jornalismo e do que seja cultura. A segunda é a estrutural, avaliação de como o jornalismo cultural está sendo trabalhado dentro das redações.

É na intersecção desta complexidade que percebemos alguns aspectos. Um deles é o de que todo jornalismo é uma atividade cultural em si, o que diferencia este gênero, portanto, é a abordagem cultural de temas não artísticos e o tratamento dos temas ligado às artes. (SILVA, GONÇALVES, 2007, p. 13)

Faz-se necessário apontar a importância da abordagem cultural na mídia.

Os textos da cultura (na) mídia não são simples veículos de uma ideologia dominante nem entretenimento puro e inocente. Ao contrário, são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção na economia política, nas relações sociais e no meio político em que são criados, veiculados e recebidos. (FARO, 2003, p. 155)

Para SILVA, GONÇALVES (2007), o conceito de jornalismo cultural vai depender de uma “lógica jornalística”, além de uma lógica institucional e de mercado.

### **3. A GRANDE REPORTAGEM**

A reportagem tem como objetivo contar os bastidores por trás da história, expondo uma situação ou interpretando um fato. Para que isso aconteça, o jornalista precisa de um empenho maior, aprofundar seus conhecimentos no assunto a ser tratado, realizar pesquisas e buscar atributos que faça com que a reportagem fique completa.

Portanto, a reportagem se difere da notícia, uma vez que esse segundo método está presente no dia a dia do jornalista e em todas as redações, sendo aquela que responde às seis perguntas básicas de um assunto, repassando as informações necessárias para o leitor, mas sem um devido aprofundamento sobre o tema.

A busca aprofundada e o envolvimento do repórter com a notícia e com as discussões humanas tornam esse tipo de jornalismo diferenciado. A reportagem passa então a ser a construção da história dos fatos presentes, mas com maior profundidade das informações trabalhadas antes pelas notícias. Existe espaço para o repórter especial, aquele que se dedica exclusivamente a determinadas pautas e deixa de fazer parte do jornalismo diário. Nesse âmbito, surgem grandes reportagens, mais enraizadas e que, na maioria das vezes, mudam e provocam a opinião pública. (SILVA, BALTAZAR, 2013, p. 14)

No livro “Técnica de Reportagem: Notas Sobre a Narrativa Jornalística”, os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari frisam que o gênero ganhou impulso nos Estados Unidos através de uma simples notícia que se transformou em uma reportagem. A notícia em questão se tratava de um episódio ocorrido em 1925, no estado de Kentucky, que comoveu a nação norte-americana.

A partir das primeiras reportagens de Skeets Miller, o acidente ganha as manchetes dos jornais: a notícia encontra eco em todos os escalões da sociedade norte-americana. O presidente Calvin Coolidge e seu futuro sucessor, Herbert Hoover, então Secretário do Comércio e ex-engenheiro de minas, acompanham atentamente o desenrolar dos acontecimentos, imitados por toda a classe política de Washington. (FERRARI e SODRÉ, 1986, p. 12 e 13)

De acordo com Thais Mendonça Jorge (2012), às grandes reportagens surgiram no Brasil entre 1898 e 1899 através de João Paulo Emílio Alberto Coelho Barreto, conhecido como João do Rio. Na época, ele publicava crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro, no jornal *Cidade do Rio*.

As autoras Cíntia Charlene da Silva e Glória Maria de Oliveira Baltazar em seu artigo *A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria*, relatam a trajetória do surgimento das grandes reportagens.

João do Rio, ingressou na *Gazeta de Notícias* em 1903, publicou, no ano seguinte, uma série de textos, que denominou como reportagens sobre As religiões do Rio. Para escrever as matérias, o repórter foi até as ruas, conversou com pessoas, frequentou templos, igrejas, cultos e seitas. Algo inusitado para a época. O repórter chamou a atenção, suas histórias eram

ricas de detalhes, personagens, diálogos e fontes. Pessoas como prostitutas, tatuadores eram personagens ouvidos pouco comuns para a época. Assim, o jornalista se tornou uma das pessoas mais influentes do início do século XIX. (JORGE, 2012, apud SILVA, BALTAZAR, 2013, p. 23)

A grande reportagem tem como principal objetivo trabalhar com matérias que exigem abordagem de assuntos mais complexos e que necessitam de mais tempo para a apuração e divulgação. Enquanto a notícia diária é a base do jornalismo, no qual prioriza os princípios básicos para a elaboração de uma matéria, a reportagem possibilita o jornalista de se livrar das amarras da pirâmide invertida, além disso, ela é uma atividade na qual necessita de dedicação, investimento e paciência.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE, 2001, p. 31)

Além disso, a reportagem é mais abrangente, pois investiga assuntos e preocupa-se em ser atual e despertar o imaginário e a reação da sociedade. Lage (2012), ressalta que a pauta é o que difere uma reportagem de uma notícia, pois seu texto indica que tipo de assunto será tratado.

Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramentos. [...] Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é a matéria- prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados (ou tornados oportunos) por um acontecimento. (LAGE, 1996, p.55).

Marcelo Canellas, jornalista, em seu artigo *Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia*, define reportagem como:

[...] Se, ao contrário, a reportagem buscar um recorte do real que esgarce o seu significado, ampliando a extensão dos eventos, vai resgatar o interesse público do fato porque terá retirado da obscuridade as contradições que o legitimam como notícia. A meu ver, o insólito só tem precedência se estiver pleno de força simbólica que o ligue a um contexto superior. (CANELLAS, p.10)

Para os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a reportagem deve conter características como: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Além disso, os autores frisam que a narrativa deve estar presente dentro de uma reportagem.

Em seu livro “Páginas Ampliadas”, Edvaldo Pereira Lima classifica os tipos de formatos e gêneros. Minha proposta de trabalho se adapta ao conceito de reportagem temática, no qual Lima disserta que:

A reportagem temática trata-se da mais próxima do jornalismo convencional, em origem. Seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema candente ancorado numa questão específica. (LIMA, 2010, p. 424)

São com essas características que a grande reportagem foi desenvolvida para humanizar o assunto abordado.

#### **4. MORTE NA CULTURA OCIDENTAL**

Tratar sobre morte ainda é um assunto difícil de ser discutido entre as pessoas, isso porque em muitos casos não aceitamos o fato de perder alguém. A morte faz parte de nossa própria vida, ela causa medo e inquietude, principalmente pelo fato de sabermos que a qualquer momento a vida pode ser acometida por ela.

A morte provoca nas pessoas a dor da perda, o sofrimento e o luto. No entanto é importante frisar que esses sentimentos não estão ligados somente aos casos de morte.

Estamos sujeitos a várias situações de perdas como: derrotas e fracassos do dia a dia, as frustrações profissionais, os fracassos sentimentais, os desejos de posse, doenças graves. Como podemos salientar, não só a morte nos causa dor e sofrimento. Ao tratarmos o luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento, voltamos o olhar para eventos que aconteceram, tais como os objetos perdidos, sejam eles materiais ou sentimentais, assim como para as pessoas em nossas vidas. (TAVERNA e SOUZA, 2014, p.40)

É perceptível que o assunto sobre a perda e a morte está presente entre os seres humanos, quer queiramos ou não. A lei da vida já determina a participação da morte na vida, todos nascem, crescem e morrem. E esse sentimento vem há cerca de 100 mil anos, quando o homem começou a se perguntar de onde veio e para onde iria. Antes disso, os homens largavam seus mortos pelo caminho, procedimento que fazia parte da cultura deles.

Na antiguidade, a morte sempre foi tratada de acordo com o costume de cada civilização, mas em todas existia uma semelhança: a morte é um lugar inacessível

para os vivos. As gerações anteriores deixaram para a sociedade atual uma herança cultural que define a visão da morte e as interpretações atuais sobre o assunto.

Ao longo do tempo, a visão da morte e a construção da sua própria identidade coletiva possibilitou a formação de uma tradição cultural. Os rituais de sepultamento dos corpos dos defuntos em diferentes civilizações contribuíram para que atualmente os seres humanos continuem a praticar essa cultura.

Na sociedade da antiga Mesopotâmia, os povos tinham o costume de enterrar os corpos dos defuntos da forma mais minuciosa possível. No enterro, o cadáver era acompanhado de pertences que marcavam sua identidade pessoal e familiar, como objetos, roupas e até comidas preferidas.

Era tido muito cuidado, para que nada faltasse na travessia, nada perturbasse, ou violasse, o espaço sagrado do túmulo, antes de ser enterrado era escolhido o local, tendo em conta a pertença do morto a uma determinada família ou importância Social. Situados junto às cidades, os cemitérios a elas pertenciam de modo essencial, marcando uma espécie de margem entre os limites do mundo dos vivos e o mundo dos mortos. (SANTOS, s.p, 2008).

Já na sociedade Hindu, o povo utilizava muito a prática de incineração crematória. O cadáver era consumido completamente pelo fogo, sendo destruído até às cinzas, que logo após eram lançadas ao vento ou nas águas dos rios. Para a sociedade Hindu, a destruição do cadáver marcava a destruição integral da sua existência, ficando assim, livre de todo pecado.

Além disso, a comunidade Hindu interpretava a morte como um caminho para o absoluto. Eles não procuravam por sua permanência na terra, mas sim o acesso ao eterno.

A lenda desta sociedade, diz que quando a “mãe terra” se encontrava sobrecarregada de pessoas vivas, apelava ao deus Brahma, que enviava a “mulher de vermelho” (que representa a morte, na mitologia ocidental) para levar pessoas, aliviando assim, os recursos naturais e a sobrecarga populacional da “mãe-terra”. (SOUSA, s.p, 2008)

Esse ritual ainda é presente na sociedade moderna, a incineração crematória se tornou uma das opções de encerramento de ciclo daqueles que já morreram. Alguns optam por queimar o cadáver até as cinzas e em seguida despejá-las ao vento ou guardá-las como lembrança da pessoa que partiu.

Na Grécia Antiga, a morte envolvia todo um ritual religioso e significava a perda da individualidade, a morte para eles não era um momento, mas sim um processo.

Era através dos rituais e monumentos funerários que os gregos procuravam evitar a perda completa da individualidade, pois a tumba individualiza aquele a quem se dedicava e, em conjunto com os ritos funerários preservavam a memória individual do indivíduo (HUMPHREYS, 1980, p. 5-6).

Além disso, os gregos antigos possuíam um cuidado em especial com seus mortos, demonstrados através de rituais de lamentações, enterros e manifestações. Esses ritos eram expressados tanto no enterro, como marcada nas construções de suas tumbas, na qual constituía a “morada” do morto e guardava conteúdos simbólicos sobre ele.

Após anos, algumas culturas de diversos países continuam a tratar a morte de forma diferente. No México, por exemplo, o Dia dos Mortos é celebrado com festa, onde banquetes são feitos em cemitérios homenageando a data. Outro país que trata a morte de forma diferente é o Japão, que celebra com festividade o enterro do morto.

Na Itália e na Suíça, os funerais, geralmente, são realizados em casa e duram no mínimo 48 horas, podendo chegar a uma semana, para que desta forma a maioria de pessoas possa se despedir daquele ente.

Por ser tratar de um longo período de funeral, muitas pessoas vão e vem, conversam e trocam ideias. Na Suíça, há hospitais que disponibilizam uma sala onde o corpo fica à disposição dos visitantes.

A morte é considerada como um tabu para a sociedade. O historiador Pedro Paulo Funari, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) frisou que o mundo ocidental moderno transformou a morte em tabu. Ou seja, as pessoas sentem medo, evitam discutir sobre o assunto. Tanto que, o dia 2 de novembro, data em que se celebra o Dia dos Finados, é marcada por visita aos cemitérios regado de flores e velas para serem colocadas no túmulo da pessoa que partiu, no entanto, todo esse processo é enfatizado com tristeza e lembranças.

Em contrapartida, no Japão<sup>4</sup>, o Dia dos Finados é conhecido como Obon, que geralmente acontece dia 15 de julho, porém, a data começa a ser celebrada dois dias antes. No país, durante o dia, muitas famílias visitam os túmulos daqueles que já partiram para fazer orações solicitando felicidade a alma. Além disso, eles realizam um banquete para às almas ancestrais. Durante a noite, os familiares e amigos acendem uma fogueira, que segundo eles, é para iluminar o caminho dos mortos. A celebração encerra no dia 16 de julho e é marcada por festejo, em que os japoneses se divertem com Bon-Odori, dança folclórica japonesa.

Assim como diversas sociedades tratam a morte de formas diferentes, as religiões também possuem suas características ao tratar sobre o assunto.

No judaísmo<sup>5</sup>, a morte é tratada com base nas escrituras deixadas pelos profetas da Bíblia Sagrada. Segundo eles, a vida é uma preparação para um mundo vindouro, o paraíso, portanto a cremação é proibida. A exibição do corpo do defunto não é permitida, pois é considerado um desrespeito e o ente é enterrado com seu xale de oração.

No cristianismo, alguns fiéis creem nos preceitos deixados por Jesus Cristo, portanto acreditam que após a morte o espírito da pessoa vai para o céu ou para o inferno, dependendo dos pecados que aquela pessoa cometeu. Creem no Juízo Final, quando os mortos ressuscitarão para uma vida eterna junto a Deus. Os rituais de morte e luto incluem unção, velório, enterro e orações, podendo ser cultos ou missas. (SOUSA, 2008).

O Islamismo<sup>6</sup>, religião que pertence à tradição dos profetas bíblicos mas tem Maomé como último grande profeta, trata a morte como uma passagem para uma próxima etapa, onde terá juízo final e acontecerá a ressurreição. De acordo com a religião, a cremação voluntária é proibida e o caixão serve apenas para transportar o corpo até o cemitério. Para o islamismo quanto antes for o enterro melhor será para

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://morteparavivos.blogspot.com.br/2009/11/atendendo-ao-pedido-de-um-internauta.html>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.notapositiva.com/old/trab\\_estudantes/trab\\_estudantes/filosofia/filosofia\\_trabalhos/mortediferentessociedades.htm](http://www.notapositiva.com/old/trab_estudantes/trab_estudantes/filosofia/filosofia_trabalhos/mortediferentessociedades.htm)> Acesso em: 15 de junho de 2017

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://psicologiatranspessoalesejd.blogspot.com.br/2011/05/varias-perspectivas-da-morte-em.html>>. Acesso em: 15 de junho de 2017



os familiares e amigos. Além disso, o luto não existe nessa religião, pois eles devem ver a morte como algo natural da vida.

Já o candomblé entende que após a morte o espírito daquela pessoa volta e encarna em outro corpo da mesma família. Seu ritual funerário ocorre após o enterro e pode durar dias, os objetos pessoais do morto são quebrados e devem ser jogados em água corrente. Para a religião, a morte demora a ser superada, e o ente que se foi interfere na energia daquela família a qual ele permaneceu.

Portanto, como se pode perceber a forma de lidar e tratar a morte existe desde muitos anos atrás, no entanto, cada sociedade, religião ou país possui suas características únicas de lidar com o assunto.

#### **4.1 O luto**

Lidar com a morte de alguém nunca foi fácil, principalmente para quem conviveu com um ente querido. O luto é um dos principais processos que uma pessoa enfrenta após o sepultamento de alguém que perdeu.

Para o inventor da psicanálise, Freud, as pessoas que vivenciam o luto, utilizam aquele que está ausente para ocupar um lugar diferente.

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. E segue dizendo que o luto normal é um processo longo e doloroso, que acaba por resolver-se por si só, quando o enlutado encontra objetos de substituição para o que foi perdido. (FREUD, 1917, p. 249)

Já Colin Parkes compreende que o luto é uma mudança psicossocial do mundo interno que ocorre a partir da perda de alguém próximo.

A perda da pessoa amada inevitavelmente cria uma série de discrepâncias entre nosso mundo interno e o mundo que agora passa a existir. Isto é verdadeiro não apenas superficialmente (Quem vai estar lá quando eu chegar em casa à noite?), mas também de forma mais aprofundada, acerca das concepções básicas (Se não sou mais uma pessoa casada, o que sou, então?) (PARKES, 1998, p.115)

No entanto, o luto não está ligado somente a pessoas, mas também a algo material que foi de suma importância para alguém. Os processos de perda causam

nas pessoas a sensação de vazio, uma negação do que está acontecendo, com um olhar fora da realidade não enxergando nada a sua volta.

Essa não aceitação do luto, em muitos casos se arrasta por muito tempo e dependendo da situação, esse processo pode ocasionar o surgimento de patologias.

A não interiorização dos processos de perda faz com que a pessoa esteja presa à realidade passada, ocasionando assim o surgimento de diversos tipos de patologias. Entre estas patologias, não ocorrem somente as sentimentais, mas podem chegar ao nível da doença física. (TAVERNA e SOUZA, 2014, p.44)

De acordo com a psiquiatra Elizabeth Kübler-Ross (2012), em seu livro: *Sobre a morte o morrer*, o luto possui cinco fases ou estágios. São eles: negação ou isolamento, raiva, barganha ou negociação, depressão e aceitação. Segundo a teoria de Elizabeth, esses estágios de luto nem sempre são na ordem apresentada, no entanto, cada indivíduo passa por cada uma dessas etapas.

O primeiro estágio é a negação ou o isolamento, de acordo com Elizabeth Kübler-Ross (2012) nessa fase a pessoa não aceita o que está acontecendo, tornando um escudo para se defender da situação de perda em que se encontra. Esse estágio pode variar de tempo, dependendo de cada indivíduo. Vale ressaltar que o livro em questão se trata de análises e experiências com psicólogos e pacientes com doenças terminais, mas segundo a autora esses estágios são presentes também naqueles que perdem de qualquer maneira um ente querido.

A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas radicais. Entretanto, isso não significa que o mesmo paciente não queira ou não se sinta feliz e aliviado em poder sentar-se mais tarde e conversar com alguém sobre sua morte próxima (KÜBLER-ROSS, 2012, p. 52)

A segunda fase ou estágio é a raiva, ela surge quando o indivíduo não consegue mais sustentar a negação e assume a consciência de que realmente a tragédia existe e não pode ser mudada. “Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento. Surge, logicamente, uma pergunta: Por que eu?” (KÜBLER-ROSS, 2012, p.47).

O terceiro estágio é a barganha, ela é pouco conhecida e embora aconteça por

um tempo curto é essencial no processo de luto do indivíduo. Esse processo proporciona uma negociação, entre o indivíduo e alguém, algum ser superior.

O quarto estágio se trata da depressão, e é considerado uma das fases mais difíceis do indivíduo. É de suma importância que as pessoas tenham conhecimentos daqueles que passam por esse período. Perde-se o emprego, as condições financeiras, a dignidade, e as pessoas se afastam. No primeiro momento as pessoas reagem frente a estes fatos, e no segundo eles se preparam (KÜBLER-ROSS, 2012, p.93).

O quinto e último estágio é a aceitação. Essa fase é possível para aqueles que tiveram tempo de superar as outras etapas do processo de luto. No entanto, vale frisar que a aceitação não significa um estágio de felicidade, mas sim uma fuga dos sentimentos, como frisa KÜBLER-ROSS (2012) ao dizer que “Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do repouso derradeiro antes da longa viagem”.

Além de Elizabeth Kübler-Ross outros autores identificaram estágios de luto nos indivíduos. Dentre eles está Lily Pincus. Em seu livro *A Família e a Morte - Como Enfrentar o Luto*, o autor pontuou cinco fases desse processo: choque; fase controlada; dor e aflição; pesar e adaptação.

O autor MARINHO Et al (2017) em seu artigo “O processo de luto na vida adulta decorrente de morte de um ente querido” realizou uma breve descrição de cada fase do processo.

Choque: incapacidade de aceitar a realidade da morte, confusão. As reações podem variar de acordo com as características da pessoa e da situação vivenciada.

Fase controlada: É preciso encarar e lidar com as providências referentes ao funeral. Um momento em que o enlutado encontra-se cercado de familiares e de amigos. Trata-se de uma fase bastante influenciada pela cultura, tradição e crença religiosa do grupo ao qual pertence.

Dor e aflição: o enlutado passa a lidar com a realidade, a admitir a nova situação. O desejo de reencontrar a pessoa perdida se contrapõe a aceitação da perda irreversível e manifesta-se através de alucinações ou sonhos.

Pesar: nessa fase, a regressão é a característica principal. Trata-se de um mecanismo para obter conforto e acolhimento.

Adaptação: é a etapa em que o enlutado é capaz de interiorizar a pessoa perdida, integrando-a a si mesmo. Como é um momento de completamento

do processo de luto, torna-se possível adaptar-se a uma nova vida. (MARINHO Et al., 2017, p. 16)

A autora Maria Helena Bromberg apresentou quatro fases do processo de luto em seu livro “A Psicoterapia em Situações de Perdas e Luto”. Dentre as fases apontadas pela autora, estão: entorpecimento, anseio e protesto; desespero e recuperação.

O choque e a descrença são expressões que estão associadas a fase do entorpecimento. Esse estágio pode durar poucas horas ou muitos dias, depende de cada indivíduo, crises de raiva ou de intenso desespero podem ser presentes. A pessoa se sente perdida, se negando a acreditar no que aconteceu. Há alguns casos em que pessoas aceitam a perda e dão continuidade à vida.

Na fase do anseio e protesto a pessoa apresenta agitação física e sofrimento psicológico. Nesse estágio, o enlutado busca alternativas para encontrar com o ente querido e fica preocupado com as lembranças e objetos de quem já partiu. Outra característica dessa fase são as crises de choro e o desejo insuperável de recuperar aquela perda, causando uma profunda dor.

A fase do desespero é o momento em que o enlutado reconhece a perda, apresentando um quadro de apatia e depressão, afastando-se de todos, tendo dificuldades para se concentrar em tarefas rotineiras.

A última fase desse processo é a recuperação e restituição. Nesse estágio, o enlutado supera as outras fases e demonstra sentimentos mais positivos, como a aceitação das mudanças em si e no mundo, a retomada da independência e da iniciativa, se permitindo fazer novas amizades ou retornar a atividades que eram rotineiras. A recuperação não impede que sintomas já vencidos possam reaparecer em datas especiais, como o aniversário de nascimento, de morte, de casamento, caracterizando o fenômeno conhecido como reação de aniversário. (MARINHO Et al, 2017, p. 19)

Percebe-se que as fases apontadas pelos autores possuem semelhanças em suas descrições da possível evolução do processo de luto. Entretanto, vale ressaltar

que as reações apresentadas não dizem respeito somente a perda de um ente querido para a morte, mas também de outros tipos de perdas significativas.

Se não a cura, a convivência harmoniosa entre o objeto perdido e o desejo de possuí-lo. No momento em que a pessoa aceita a condição de que não há mais retorno, do objeto perdido, pode-se dizer que está completa a aceitação da perda. Quando a pessoa está no caminho da aceitação da perda, o desejo, o querer, vai com o tempo sendo substituído por outras libidos. Desaparece o processo de auto recriminação, onde a pessoa sente-se culpada pela falta do ente querido. Há um processo de ambivalência, de amor e ódio, decepções. (TAVERNA e SOUZA, 2014, p.45)

Portanto, o processo de luto é essencial na vida do indivíduo, quando ele aceita que o objeto ou pessoa foi perdida, garante a aceitação e a partir desse momento ele se “cura” do luto. O processo é lento, podendo variar de pessoa para pessoa, mas no fim após alguns conseguem seguir adiante.

## **4.2 Comunicação x morte**

A morte não está ligada somente com os ritos, como o velório e o funeral, mas ela também está ligada com a escrita. As comunidades ocidentais passaram a atentar para os escritos relacionados ao óbito. Essa medida era vista como um meio para que o indivíduo pudesse remediar a perda de um ente querido, além de suavizar a angústia causada pelo falecimento.

Com a evolução da sociedade, o surgimento do jornalismo e consequentemente dos primeiros jornais, o assunto morte ganhou espaço e passou a ser noticiado com o objetivo de informar a população.

No passar dos anos, as publicações de notícias em jornais começaram a estimular a venda da informação sobre o produto. Dessa forma, os jornais passaram a utilizar a atividade jornalística como mensagem urbana, seguida de inclusão comercial e industrial do fato noticiado. Essa formação tem como símbolo a criação de agências de notícias e cadeias jornalísticas no fim do século XIX.

Os jornais dessa época tratavam temas como: economia, ecologia e cotidiano, mas as páginas também ganhavam espaço para matérias que falavam sobre a morte.

A morte é o principal elemento textual da seção de obituários. O falecimento é o tema central das publicações e sem ele não haveria pauta para ocupar as páginas destinadas a essa subdivisão do jornal. Apesar de ser vista com

repulsa por alguns leitores, a seção de obituários é valorizada por muitos. Grande parte dos veículos aposta em sua publicação, pois o assunto desperta o interesse público, seja pelo grau noticioso ou pela curiosidade que aguça. (RIBEIRO, 2015, p. 27)

Atualmente, os altos índices de violência e a sensação de medo que cerca as pessoas fazem com que elas acreditem que a morte está relacionada com a criminalidade. De acordo com a Polícia Civil do Amapá, somente de janeiro a 14 de julho deste ano foram registradas 313 mortes violentas no estado. Desse total, 97 mortes foram registradas por arma de fogo, seguido da arma branca que registrou 64 homicídios. Os números são preocupantes e estão estampados nos principais meios de comunicação do estado.

Como é fato, em nosso estado, uma das linhas editoriais que mais rende notícia e chama a atenção do público leitor são as mortes, seja violentas, ocasionais ou inesperadas o assunto se destaca nos assuntos da sociedade.

Falar sobre a morte não é tarefa fácil e exige preparo e disposição emocional. No entanto, os jornais trazem a morte todo dia em suas páginas, não somente na seção enquadrada e editada como tal –Necrologia –mas também espalhada nas diversas editarias. Mais radical ainda, o jornal sensacionalista transforma a morte em seu assunto de capa, como se rendesse um culto diário e fetichizado à morte. (ANGRIMANE, 1995, p. 53)

Para o autor, as pessoas evitam falar sobre a morte, no entanto, mostram interesse quando o assunto é noticiado em um jornal, e estimula mais a venda de um jornal “sensacionalista”. Ele explica que a morte como um espetáculo, se torna interesse de todos, igualmente, independentemente do nível de conhecimento, econômico ou cultural de cada pessoa.

Ainda segundo ANGRIMANE (1995), o jornalismo sensacionalista se difere dos demais informativos por uma série de motivos, dentre eles a valorização editorial da violência. Casos de assassinato, suicídio, estupro, vingança, brigas e entre outros que envolvem a violência ganham um grande destaque neste tipo de jornal, isso porque é atraente para o público que segue essa linha editorial.

No entanto, essa forma de noticiar é muito criticada por outros meios de comunicação, que alegam que essa prática colabora para a reprodução da violência.

Apesar de ser algo de interesse público, o autor ressalta que deve se tomar cuidado com a linguagem utilizada nesse tipo de notícia, independentemente de ser para um jornal “sensacionalista” ou mais “sóbrio”, considerando-se, que o leitor poderá se defrontar com o tipo de linguagem utilizada para dar a notícia. Angrimine enfatiza que o interesse do leitor em saber sobre casos de morte é o mesmo, o que muda é a linguagem utilizada.

Tratarem o tema (publicação ou não de determinada fato de um cadáver, ou acidente, ou paciente terminal), mostra como é difícil a relação do triângulo morte-jornal-leitor. Isto porque ainda que o leitor do jornal “sóbrio” queira conhecer todos os detalhes de um crime chocante (por exemplo, o adolescente de classe média que tenha matado na mesma noite o pai, a mãe e os três irmãos menores), esse mesmo leitor, certamente, vai protestar ao se defrontar na mesa do café da manhã com uma foto mais “reveladora”. Mais “real”. Portanto, existe aí somente um problema de linguagem editorial. (ANGRIMANE, 1995, p. 54)

Nesse sentido, a grande reportagem buscou quebrar o tabu da mídia local, pois mostra o outro lado da história de forma mais humanizada, por se tratar de sentimento e perda.

O jornalista terá que selecionar as informações que serão publicadas para não ferir o sentimento da família. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, frisa que o profissional da área deve buscar pela verdade, no entanto, não ressalta até onde o jornalista deve ir para obter a informação.

Art. 4º – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação. (FENAJ, 2007, p. 2)

No entanto, Gomes (2004, p.17), define a ética jornalística como um campo filosófico em que o jornalista deve analisar seus próprios valores e condutas, indagados sobre seu sentido, origem e finalidades a fim de divulgar uma informação.

É importante ressaltar que ética faz com que determinem as ações que praticamos ou deixamos de praticar. Entende-se que o debate sobre a ética pessoal, aquela estabelecida de acordo com a individualidade e vivência da pessoa, no entanto, é importante frisar que no jornalismo a distinção entre ética pessoal e ética profissional não existe.

Os meios de comunicação apoderam-se do código de ética jornalística e

utilizam esse recurso para justificar suas práticas em busca da informação. É necessário que o jornalista tenha consciência sobre tudo que tem direito e deve zelar ao tratar sobre assuntos relacionados à morte, pois se por um lado ele tem direito a informação e à liberdade de imprensa, por outro, ele tem como responsabilidade preservar o direito à privacidade, a imagem e à honra das fontes.

Como é notório, as pessoas estão acostumadas a receber notícias de morte e fazer seu pré-julgamento baseado nas divulgações dos noticiários, sejam eles, locais ou nacionais. Isso reflete a uma viralização de informações que na maioria das vezes são falsas e acaba denegrindo a imagem e memória do falecido. Motta (2012, p. 315) enfatiza essa situação relatando que “não é o fato que conta, mas sim o conto do fato [...] o real é apenas um vago referente, recontecendo com mais riqueza no enunciado do jornalista”.

O jornalista precisa separar a informação real da curiosidade para conseguir ser fiel ao retratar o acontecimento.

O público tem o direito de ser informado e isso é regra para os jornalistas, não para muitos de seus interlocutores, ainda que liberais. É também a base de qualquer ética aceitável pelos jornalistas. No entanto, o que se informa ao público é o que é de seu interesse real, nem sempre o de sua curiosidade. (LAGE, 2014, p. 94)

Apesar da morte ter se tornado um assunto cotidiano dentro das páginas dos jornais, alguns pontos dentro dessa temática devem ter um cuidado redobrado ao ser abordado. A exemplo disso está o suicídio.

Não há nenhuma regra ou lei que proíba os jornais de veicular esses casos, no entanto, é importante que a imprensa, além de abordar o suicídio como uma estatística, contribuía oferecendo informações e incentivando o debate entre as pessoas.

Em contrapartida, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que a notícia sobre o suicídio não deve servir como solução para que as pessoas resolvam seus problemas.

A OMS também utiliza outras recomendações em seu Manual para Profissionais da Mídia. Um exemplo, são os casos que envolvem celebridades. A imprensa deve minimizar relatos de como aconteceu o ato. Outra recomendação é não publicar o fato, em nenhuma circunstância, como



capa de jornal, isto é, não o colocar como manchete, em grande destaque. (BARBOSA Et al, 2010, p.5)

É necessário que a sociedade se torne mais humanizada e se sensibilize com os familiares envolvidos na fatalidade, para que desta forma se torne um ser humano melhor. Paulo Freire (1969), explica que a humanização constrói a vocação do ser humano.

Pois bem; se falamos da humanização, do ser mais do homem – objetivo básico de sua busca permanente – reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (FREIRE, 1969, p. 127).

Por fim, a relação entre o jornalismo e a morte é vista de diferentes pontos. No entanto, é necessário atentar-se para o sentimento de perda desses indivíduos e não tornar um caso de morte como mais um número para a estatística.

## 5. MÉTODO

Tendo em vista os rituais mortuários em algumas partes do mundo, a proposta da grande reportagem foi aproximar esse fenômeno para a localidade, trazendo para a sociedade macapaense relatos de pessoas que perderam um ente querido e que agora convivem com a nostalgia e o sentimento de saudade. Além disso, as reportagens trouxeram dados e entrevista com especialista para explicar o processo de luto e o sentimento de saudade que permanece nas pessoas.

Histórias de pessoas que convivem com esse sentimento foram analisadas e relatadas neste trabalho. As reportagens foram produzidas de forma literária baseadas nesses relatos, mostrando como os familiares de cada caso absorveram o fato.

Outro ponto relevante neste trabalho foi propor uma reflexão de que a saudade é benéfica ao ser humano, mas em alguns casos, se torna maléfica para saúde e bem-estar da pessoa que convive com esse sentimento caso não supere a perda.

O trabalho apresenta um problema que é a influência dos veículos de comunicação em relação às notícias com vítimas fatais. Em alguns casos, a influência desses veículos de comunicação, especialmente a TV, trazem notícias sobre morte

muitas vezes sensacionalista. Esse método proporciona ao telespectador formar uma opinião leviana sobre aquele que morreu. Desta forma, podemos pensar que dar visibilidade ao relato de uma morte inesperada pode aliviar em parte a dor da perda de um ente querido?

A hipótese para esse problema é a seguinte: tendo em vista que os profissionais da comunicação se utilizam de subterfúgios para divulgar informação a qualquer custo, oferecendo cobertura sensacionalista, a mídia local utiliza os casos de perda como uma ferramenta para adquirir audiência, banalizando notícias que envolvem vítimas fatais, sem se preocupar com o sentimento de luto das pessoas que perderam um ente querido.

Pensando nisso, as reportagens proporcionaram o inverso do jornalismo sensacionalista. A autora buscou mostrar o sentimento e as lembranças que o personagem construiu junto ao ente querido. Por conta disso, a narrativa da grande reportagem será humanizada para enfatizar esses relatos e a abordagem de entrevista testemunhal.

A reconstituição do evento é feita, a partir do ponto de vista particular do entrevistado, que, usualmente acrescenta suas próprias interpretações. Esse tipo de depoimento inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas (LAGE, 2014, p. 75).

Além disso, uma pesquisa exploratória foi realizada com o objetivo de familiarizar o tema com a pesquisa. Através dela será possível uma sondagem, visando descobrir, entender e concluir os efeitos que a perda de um ente querido causa nas pessoas próximas a ela. Para GIL (2007), este tipo de pesquisa proporciona entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão do fenômeno.

Dentro desta metodologia, foram utilizadas entrevistas em profundidade, na qual pude adentrar nas experiências que esses entrevistados vivenciaram após perder um ente querido. Este tipo de entrevista é uma técnica fundamental para a elaboração da grande reportagem tendo em vista que possibilita aprofundar na temática e possui vantagens imprescindíveis dentro de textos jornalísticos.

Dentre as vantagens que essa técnica poderá atribuir ao projeto de pesquisa está a exploração a fundo de temas mais sensíveis e complexos e o aprofundamento do conhecimento num determinado assunto específico, que neste caso é o luto.

Para Lage (2014) a entrevista em profundidade é como:

A figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, 2014, p. 75).

Além disso, outra técnica de entrevista a ser abordada nessa grande reportagem é a testemunhal, cujo objetivo é imergir do relato do personagem ou entrevistado sobre algo que ele participou ou assistiu.

Nesta técnica, LAGE (2014, p. 75) ressalta que a reconstrução do fato ou evento é realizado a partir do ponto de vista do entrevistado. Este tipo de entrevista não se define somente no evento em que o entrevistado esteve envolvido diretamente, mas inclui informações que teve acesso.

Para obter informações essenciais da especialista entrevistada nessa grande reportagem, foi utilizado a entrevista temática, na qual, será abordada um tema específico que o entrevistado tenha autoridade para discorrer. Neste caso, esse tipo de entrevista foi aplicado ao psicólogo, no qual explicou o processo de luto que o indivíduo passa e nas versões das pessoas para a dor.

Geralmente consiste na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos. Pode servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado) etc. (LAGE, 2014, p. 74)

Outro tipo de pesquisa utilizada para obter as informações para a elaboração desta grande reportagem é a etnográfica, cujo objetivo é observar e analisar para descrever o que está sendo analisado.

A pesquisa etnográfica tem como característica principal a presença física entre o pesquisador e a observação, portanto, é fundamental para este trabalho, pois a observação e o contato pessoal com essas pessoas que vivem com a nostalgia e a

saudade do ente querido, serão essenciais para coletar as informações e dados para ser abordados na reportagem.

A linguagem escolhida para abordar esta grande reportagem foi baseada no Jornalismo Literário, pois permitirá produzir um texto mais leve, tornando-o mais humanizado e proporcionando à população um acesso fácil ao conteúdo da reportagem. Além disso, a linguagem escolhida permite que a autora tenha liberdade em sua escrita, sem fugir do objetivo da grande reportagem.

PENA (2006) define o jornalismo literário como um potencializador das técnicas do jornalismo tradicional, permitindo ao repórter ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, e proporcionando que ele tenha uma visão mais ampla da realidade.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 7)

Por fim, as reportagens buscaram mostrar o lado humanizado de uma perda para que a sociedade, contribuindo para que cada indivíduo possa se colocar no lugar do outro e entender a dificuldade de enfrentar esse processo.

## **5.1 Análise das entrevistas dos personagens**

Para a elaboração da grande reportagem foi necessário encontrar personagens que relatassem o processo de luto que vivenciaram em algum período de sua vida. Ao todo, foram elaboradas quatro reportagens, sendo que, três foram entrevistas e um relato pessoal desta autora.

As entrevistas foram lidas por inúmeras vezes na tentativa de levantar os elementos mais significativos que os entrevistados trouxeram em suas falas. Apesar de histórias, situações distintas, a análise contribuiu para buscar aspectos comuns entre elas.

### **5.1.1 Um breve resumo sobre o relato da autora**

Ao iniciar as entrevistas para elaboração da grande reportagem, busquei entender como funcionava o processo de luto na vida de cada indivíduo e o porquê a dificuldade em se falar sobre o assunto. Por conta disso, fez-se necessário elaborar um capítulo com meu relato sobre o processo de luto na morte do meu irmão.

Por se tratar de reportagens humanizada, na linguagem literária, compreendi que seria necessário abrir as experiências com esse relato. A reportagem descrita como “A hora do adeus” trouxe um pouco sobre a história de morte de meu irmão, a relação de nós dois um dia antes de sua morte, o recebimento da notícia, o processo de luto e como lidar com o sentimento de saudade após a perda de um ente querido.

Baseada nessas experiências, foi que relatei de forma literária as características, a rotina e o temperamento de seu irmão. Apontei na grande reportagem meu relacionamento com a família, em especial com o ente querido.

Entre os pontos mais difíceis a ser relatado está a notícia de que meu irmão estava morto e a necessidade de levar essa informação para minha mãe. É perceptível na reportagem, a dificuldade em dar a notícia, principalmente para minha mãe. Além disso, a história mostra o que aconteceu após o velório, as dificuldades enfrentadas para ajudar a mãe e a pressão da sociedade em fazer com que eu não demonstrasse sofrimento próximo de minha mãe.

A própria experiência somada com as experiências de meus personagens contribuiu para que conseguisse entender nas entrevistas que muitas pessoas passam por esse processo, sendo que cada indivíduo tem sua forma de lidar com essas perdas.

### **5.1.2 Entrevista 1**

A primeira entrevista (anexo 1) foi concedida por uma mãe que perdeu sua filha mais velha, na época com 21 anos, após uma festa de carnaval em Macapá. O fato aconteceu em 2002 e até hoje a perda da filha mexe com os sentimentos da mãe. Na reportagem a mãe permitiu ser identificada, chamando-se Ina Marques.

Por se tratar da primeira entrevista, o nervosismo e o medo de fazer alguma pergunta que fosse interpretada de forma errônea era grande. Esta seria a primeira experiência da autora com um dos seus personagens. Nosso encontro aconteceu na

casa da irmã da personagem, por ser um lugar acessível tanto para a entrevistada quanto para a entrevistadora.

Sentamos lado a lado em um sofá na sala. Apesar de não haver barreira física entre nós duas, senti um desconforto pelo fato da personagem estar com um óculos escuro, impossibilitando que eu a olhasse nos olhos.

A entrevista não durou muito tempo devido à dificuldade de fazer com que a personagem falasse sobre o assunto, com poucas palavras era muito objetiva nas respostas. Apesar de ser uma entrevista de curto tempo, foi necessário para que as informações repassadas permitissem a elaboração da grande reportagem.

Iniciamos a entrevista e apesar de ter se passados 15 anos da morte de sua filha, tinha lembranças muito vivas proporcionando um relato claro e organizado. Isto é percebido quando a personagem relata sobre a personalidade da filha.

Ela era uma filha muito amável, muito querida, muito boa, uma ótima pessoa, tinha um coração muito bom. Era uma pessoa alegre, gostava de festa, de se divertir”, relembra a personagem. (SOUZA, 2017)

Além disso ela relata a verdadeira relação que tinha com sua filha. Regiane não havia sido criada por ela e sim pela avó, portanto, nunca chamou a personagem de mãe, apenas de Ina.

Ina detalhou as últimas 24 horas de Regiane, nesse caso ela informou apenas o que sabia ao encontrar com a filha, pois como não morava com ela não sabia relatar o que havia acontecido em sua casa.

A morte da filha aconteceu durante um festejo de carnaval, na ocasião era para a mãe estar com a filha, mas devido a uma doença não pode acompanhá-la.

[...]. No entanto, eu fiquei gripada e Regiane apareceu no dia seguinte me convidando, foi que eu respondi que não iria pois estava muito doente. Ela respondeu: então eu vou, até mais tarde! (SOUZA, 2017)

Sobre o que poderia ter ocasionado a morte da filha, Ina pouco soube responder e apenas informou o que terceiros haviam relatado para ela. Nesse momento, senti um desconforto por parte dela ao falar sobre o assunto, era muito

objetiva em suas respostas e pouco detalhista. A impressão que passou era de que sabia o motivo da morte da filha, mas não se sentiu a vontade para relatar.

Só sabemos da morte de Regiane no outro dia. O caso acontecido na praça foi de 23:30h para as 24h. Aí eu soube só da triste notícia no dia seguinte do que tinha acontecido. (SOUZA, 2017)

A personagem não detalhou muitas coisas sobre o caso de Regiane, por mais que eu tentasse captar as repostas de todas as formas, ela se esquivava. Passava a imagem de mulher forte e que não sofria pela morte da filha, no entanto, em poucos detalhes foi possível perceber que a imagem de forte era para esconder seu sofrimento.

Os detalhes foram perceptíveis, por um tom de voz diferente, ao levantar os óculos percebi os olhos vermelhos e em um único momento pegou em meu braço e disse o que a filha significava para ela.

Eu acredito que se minha filha estivesse viva, ela seria a mesma pessoa de 15 anos atrás. Ela era trabalhadora, muito responsável, tudo que fazia era bem feito, e tudo que pedíamos para ela fazer não pensava duas vezes em ajudar. Uma pessoa alegre que conquistava todo mundo. Eu a amava muito. (SOUZA, 2017)

Por fim encerramos a entrevista, pouco mais de 15 minutos, com muitas pausas devido ao movimento de pessoas dentro da casa. Ainda fiquei 30 minutos conversando com a personagem na intenção de pegar alguma informação a mais, no entanto, nada foi relatado.

Não foi possível conhecer fotos ou lembranças que remetem à Regiane pelo fato da entrevista não ter sido realizada na residência da personagem, que segundo ela, é onde possui alguns objetos da filha.

A entrevista foi encerrada e nos despedimos, agradei pela contribuição no trabalho e lamentei pelo ocorrido. Ela apenas sorriu e me desejou boa sorte.

### **5.1.3. – Entrevista 2**

A segunda entrevista que contribuiu para a elaboração das reportagens aconteceu no dia 18 de abril durante uma manhã. A entrevista dois (Anexo 2) foi concedida por uma mãe que perdeu sua filha caçula após uma doença repentina. A

moça estava grávida e a criança acabara morrendo também devido as consequências da doença.

Durante a entrevista, a personagem pediu para não ser identificada recebendo o nome fictício de “Maria” na história. A mãe é empregada doméstica e está com 55 anos. Na história, a filha que faleceu há 10 anos foi identificada como Daniele.

Esta entrevista aconteceu na residência da personagem em um bairro periférico de Macapá. Por conta disso, pude presenciar fotografias da filha, identificada como Daniele na reportagem, e assim concretizar as características físicas relatadas pela mãe.

Ficamos acomodadas na mesa de jantar, localizada na cozinha da casa. Sentamos uma de frente para outra o que permitiu identificar com facilidade as expressões e gestos da mãe durante a entrevista. Além disso, após a entrevista, a mãe mostrou algumas fotos, roupas e pertences da filha, possibilitando um contato mais próximo com a história contada.

Durante a entrevista, a mãe relatou alguns fatos desorganizados, dificultando assim a compreensão de alguns pontos, sendo necessário voltar em algumas perguntas para compreender melhor a história.

Além disso, foi necessário organizar as ideias ao transcrever a entrevista para que a reportagem não ficasse confusa, pois a mãe relatava algum ponto e momentos depois retornava para acrescentar alguma informação. A entrevista durou pouco mais de 10 minutos, devido ao pouco tempo que havia para me atender. Apesar disso, todas as dúvidas foram esclarecidas e durante o pouco tempo que acompanhei a mãe presenciei objetos que permaneciam a lembrança da filha na casa.

A dor de perder a filha era perceptível durante a entrevista, percebia-se o amor ao falar dela e a tristeza ao retratar o dia em que Daniele morreu. Ainda durante a entrevista ficou claro a relação entre as duas, pode-se dizer que eram melhores amigas e sempre faziam as coisas juntas, talvez essa relação se aproximava por ser a filha caçula e a única mulher de seis filhos.



Daniele era uma ótima filha, filha caçula, querida por todos da família, tinha aquela mimação por parte dos irmãos, mas sem muita tolice. Em casa, ela era de fato uma dona de casa, fazia de tudo e muito bem feito, desde uma louça para ser lavada, um almoço até uma faxina completa. (TAVARES, 2017)

Em todos os aspectos a mãe deixava transparecer o orgulho que sentia ao falar de Daniele. Por conta disso, a morte dela a deixou muito abalada devido a aproximação entre as duas.

Ela era minha filha caçula, Deus o livre eu por ela! Tudo que eu fazia era pensando nela, então para mim foi um choque, uma perda insuperável, extremante triste. (TAVARES, 2017)

Em muitos trechos da entrevista Maria chorava ao falar da filha. A perda da neta, que nem chegou a conhecer, a abala muito. É perceptível durante a entrevista que Maria se incomoda pelo fato da família ter sido leiga em relação aos sintomas que Daniele teve antes de morrer. Para ela, se eles tivessem conhecimento da gravidade do ferimento, teriam procurado ajuda médica e assim salvado a vida de Daniele e da filha que ela esperava.

O médico falou que se a gente tivesse levado no dia em que o gato mordeu talvez tivesse conseguido salvar ela ou a criança. Mas a gente nunca imagina que vai acontecer uma tragédia dessa. A gente nunca imaginou que devido a uma mordida de gato a minha filha iria morrer, pois já estávamos acostumados a viver com os bichos. (TAVARES, 2017)

Outro ponto bastante perceptível durante a entrevista foi a aproximação de Maria com o ex-genro, namorado de Daniele e pai da criança, após a morte das duas. Em vários trechos ela demonstra que não gostava do genro, principalmente pelo fato da filha ter engravidado muito nova. A tese é sustentada quando Maria relata um episódio em que ela e a filha haviam sido convidadas para o aniversário da irmã do rapaz. Na ocasião Maria não quis ir e nem deixar a filha ir pelo fato de não gostar do rapaz.

Foi que eu respondi: Eu já falei que não quero ir, tu sabes que eu não gosto do teu marido. Assim né, coisa de mãe, mas ele sempre tratou bem dela, era implicância minha com ele. (TAVARES, 2017)

No entanto, esse sentimento mudou após Daniele morrer, segundo Maria, ver que o rapaz amava a filha contribuiu para que mudasse de opinião e fizesse os dois se aproximarem. Durante a entrevista, Maria reforça que o rapaz também sofre até hoje com a perda de Daniele e da filha que estava a caminho.

Ele gostava muito dela, até hoje chora por causa de Daniele, pois ela foi a primeira namorada dele e ele o primeiro namorado dela. Por conta disso, ele sofre bastante, nunca ouvi falar que ele se envolveu com outra mulher, toda semana ele vem aqui em casa conversar comigo, com meus filhos, parece que ele sente a presença dela quando está aqui. (TAVARES, 2017)

Concluimos a entrevista com todas as informações necessárias para produzir a reportagem. Durante o processo de conhecimento da história, percebi que a morte de Daniele abalou a todos da família, principalmente a mãe. O sofrimento e a saudade continua presente na vida de Maria, ela enfatiza que não se sente completa depois que a filha faleceu.

Eu continuo levando minha vida, meus cinco filhos, todos homens, já estão grandes, tenho netos e vou seguindo minha vida com a família. Mas é impossível olhar para eles e me sentir 100% completa, porque sempre vai faltar aquele espaço, que só pode ser preenchido pela minha filha, que não está mais aqui comigo. (TAVARES, 2017)

#### **5.1.4. – Entrevista 3**

A terceira e última entrevista (anexo 3) realizada para elaboração da grande reportagem aconteceu no dia 18 de julho. A entrevista foi realizada com uma mãe que perdeu seu filho aos 16 anos após cometer um suicídio. O caso aconteceu há quatro anos, mas ainda causa muito sofrimento a ela. A entrevistada permitiu ser identificada na reportagem, chamando-se de Maria Célia. Dentre as demais histórias, essa foi a mais difícil de lidar e escutar devido as circunstâncias e o sofrimento perceptível da mãe.

A entrevista foi realizada no pátio da casa de Maria Célia, que estava acompanhada de sua nora. Sentamos uma de frente para a outra, o que facilitou o contato direto com a entrevistada, permitindo presenciar os gestos, as expressões e até mesmo o toque entre nós duas.

A entrevista durou pouco mais que 20 minutos e trouxe fortes emoções. As idas e vindas na história, fazendo com que eu voltasse em alguns pontos para esclarecer as dúvidas, mostrava que aquela entrevista seria a primeira a ser dada por Maria Célia para falar sobre a morte do seu filho. Durante as perguntas, a entrevistada teve bastante dificuldade para responder. Quando lembrava do ocorrido, de momentos únicos, chorava bastante tendo que ser auxiliada pela nora para complementar as informações.

Apesar da entrevista ter acontecido em uma parte fora da residência, a entrevistada mostrou fotos do adolescente e permitiu que conhecesse o quarto dele, além de roupas e um violão. Desta forma, consegui captar as características e parte da personalidade de Emanuel e entender alguns pontos enumerados pela mãe.

Ao iniciarmos a entrevista, percebi que Maria Célia tentou se esquivar do que viria adiante, de braços cruzados começou a responder perguntas básicas sobre o filho de forma parcial. No entanto, conforme íamos aprofundando o assunto, seu emocional ficou mais evidente fazendo com que em muitos trechos da gravação ficasse um silêncio.

É perceptível durante a entrevista o amor e a cumplicidade existente entre mãe e filho. Emanuel era filho caçula e por conta disso ela se dedicava exclusivamente a ele.

Ele sempre estava comigo para tudo que eu fazia, se eu fosse viajar ele ia comigo. Não o deixava para nada, éramos extremamente unidos. Apesar da idade, ele ainda dormia comigo, deitado sobre meu braço e com o rosto colado no meu pescoço, ele dizia que gostava de sentir meu cheiro. (SILVA, 2017)

Um dos trechos considerados mais fortes durante a entrevista foi sobre as lembranças que Maria Célia tinha do filho. A mãe nem chegou a falar uma palavra, apenas chorava ao lembrar de tudo que já teria vivido com Emanuel. Neste momento, respeitei seu espaço e a deixei chorar a vontade, após alguns minutos ela deu um grande suspiro, enxugou os olhos e relatou um costume que os dois faziam todas as manhãs.

Nos dois tínhamos um ritual. Quando eu saía para trabalhar sempre ia na cama dele e dava um beijo em seu rosto. Quando ele acordava ia no espelho olhar a marca de batom e dizia: mamãe deixou meu beijo de bom dia. Desde quando ele nasceu eu peguei esse costume, quando não era beijo eu escrevia um bilhete dizendo que estava indo para o trabalho e no fim dizia que o amava e beijava o papel, deixando na frente do espelho para ele ler. (SILVA, 2017)

Por se tratar de um caso de suicídio, a mãe não se conforma pela tragédia ocorrida na família. Em vários trechos da entrevista, ela frisa não se conformar com o que aconteceu e por muitas vezes busca entender porque o filho praticou aquele ato, para ela não teria motivos para que isso acontecesse.

Esse questionamento é perceptível durante a entrevista, Maria ressalta que apesar da carta deixada pelo filho, nada irá fazer com que ela entenda os motivos que o levaram a cometer suicídio. Fica claro que a falta de justificativa é o que mais lhe faz sofrer.

Muitas pessoas falaram várias coisas após o meu filho morrer, mas até hoje não entendo porque ele fez isso. Na minha cabeça não tinha motivos para ele tirar a vida daquela forma, nós somos humildes, mas dava para sobrevivermos. Não precisava ele fazer isso com a vida dele, porque ele poderia ter ao menos pensado que eu iria sofrer muito na minha vida, como sofro até hoje. (SILVA, 2017)

Outra questão que ficou claro durante a entrevista e intriga Maria Célia é o fato dela não ter se despedido do filho no dia em que morreu. O costume que haviam de se despedir todas as vezes que saía para trabalhar não havia acontecido naquele dia, o que a deixa extremamente triste.

Nesse aspecto, a entrevistada deixa transparecer o arrependimento em ter saído para trabalhar em vez de ficar com o filho. Ela acredita que se estivesse em sua casa, o filho não teria cometido suicídio e até hoje estaria ao lado dela.

Meu coração pedia para eu não ir embora para o trabalho, mas minha consciência dizia para mim ir. Deixei a bicicleta no pátio e entrei em casa novamente, no quarto e ele estava na rede deitado, continuou me olhando sem falar nada. Eu não troquei uma palavra com ele naquela manhã, não dei meu beijo de despedida. (SILVA, 2017)

O fato de não acompanhar o velório e o enterro do filho é outro aspecto que contribui para as indagações de Maria Célia. Em vários trechos da entrevista ela frisa se culpar por não ter tido uma despedida com seu filho, que gostaria de ficar ao lado dele pela última vez, mas que devido seu quadro de saúde abalado, não pode participar desse processo de despedida.

Pelo fato de Maria Célia não ter acompanhado o processo de despedida e ter poucas lembranças sobre o dia da morte, desde o corpo de Emanuel sendo encontrado até o enterro, a contribuição da nora foi essencial para que a reportagem ficasse completa.

Emanuel deixou uma carta de despedida que Maria Célia guarda até hoje, mas não me permitiu ver. Segundo ela relata, a mensagem deixada pelo filho mostra apenas o garoto carinhoso que sempre foi com sua família e amigos, deixando

lembrança para todos e que apesar de sempre ter tudo não estava feliz e por isso resolveu partir.

Ele deixou uma carta antes de cometer o suicídio, nela dizia que ele me amava muito, que eu dava tudo do bom e do melhor para ele. Só havia uma coisa que ele escreveu, que foi o que mais me intrigou: mãe, só tem uma coisa que a senhora sempre fala para nós, quem morre de gosto não fede. Só que eu não estou morrendo de gosto, estou morrendo de desgosto. (SILVA, 2017)

Contudo, a entrevista trouxe grandes experiências e enriqueceu para a finalização deste trabalho. A perseverança, a dedicação e o amor que Maria Célia tinha com o filho mostra o quão difícil é superar os processos do luto e conviver com a saudade daquele que morreu. Não há um dia que a mãe esqueça de Emanuel, todos os dias chora por ele e ressalta que é difícil continuar firme neste mundo.

Eu acho que nunca vou superar a morte do meu filho, se eu pudesse encontrar com o meu filho eu já tinha ido deste mundo. Eu brinco, converso, mas sinto muita falta do meu filho. Eu tenho mais três filhos, no entanto, ainda sinto um vazio no meu coração, eu acho que nunca vou parar de sofrer. (SILVA, 2017)

Após o término da entrevista, conheci um pouco do cantinho em que Emanuel dormia na casa. A mãe até hoje guarda roupas, objetos e outras coisas do filho, além disso, vai em datas especiais no cemitério deixar flores brancas no túmulo de Emanuel, cor que mais gostava.

Contudo, as três entrevistas foram de grande aprendizado e contribuição para a conclusão deste trabalho. Apesar de ser histórias diferentes busquei apontar algo em comum entre elas, a principal foi o fato de selecionar apenas mães para contar suas histórias, podendo mostrar assim que cada indivíduo pode reagir de maneira diferente por mais que exerçam a mesma função social. Além disso, todas as histórias se tratam de mortes repentinas, não esperada pela família.

## **5.2 Análise da entrevista com o especialista**

O luto é um processo a ser encarado por todos os indivíduos, entretanto, a forma que cada um enfrenta essa etapa é singular, devido ao sentimento e aproximação que a pessoa tinha com o objeto ou alguém que perdeu.

Para entender melhor esse processo e o por que as pessoas evitam falar sobre a morte e em muitos casos dão a impressão de que estão ficando cada vez mais insensíveis ao respeito e o sentimento de luto daqueles que perderam um ente querido, foi necessário buscar informações e esclarecer essas dúvidas com especialistas, que neste caso são os psicólogos.

Dentre esses especialistas que explicam o processo de luto e a nostalgia de um tempo que não volta mais, está a psicóloga Daniele Moura. Ela é especialista em educação, cultura e organização social, além disso, possui mestrado em psicologia clínica onde trabalhou a vivência do luto em pessoas que haviam perdido entes queridos.

Daniele Moura é uma das psicólogas mais renomadas do estado do Amapá, além de professora de psicologia ela realiza diversos trabalhos com o objetivo de contribuir com as pessoas que passam por esse processo. Por conta disso, a entrevista concedida por ela foi de suma importância para esclarecer esses aspectos que o trabalho aborda.

Nossa entrevista aconteceu em uma faculdade particular e durou cerca de 1h. Durante esse período, a psicóloga relatou alguns pontos específicos do processo de luto e ressaltou a importância de vivenciar esse ritual de perda como referência para o indivíduo. Além disso, enfatizou que cada caso deve ser analisado de forma singular.

Inicialmente, Daniele explicou o que é o luto e por que cada indivíduo enfrenta esse processo de maneira diferente. Na ocasião, ela ressaltou a importância de vivenciar o luto e que é necessário que o indivíduo tenha espaço para conviver com esse processo em sua vida pessoal, familiar e profissional.

A palavra luto fala de trabalho, de dor, de mágoa, então o luto é uma reação esperada do ser humano. Todo mundo vivencia a perda, mas cada um enfrenta de um jeito pelo fato de cada ser humano atribuir um significado diferente para suas experiências e para o objeto que perdeu. Quanto mais importante for o objeto mais ele pode afetar no meu processo de elaboração do luto. (MOURA, 2017)

A psicóloga complementa que a perda é um processo que faz parte de nossa vida. No entanto, nossa cultura não aceita a perda e, portanto, não estimula a sociedade a superar esse processo no sentido saudável. Neste caso, Daniele frisa

que para a nossa cultura o sofrimento deve estar evidenciado nesse processo, caso contrário, a sociedade julga aquele indivíduo como se essa perda não estivesse o afetado.

A sociedade espera que você reaja de um determinado jeito. Só que as pessoas não são iguais, cada um vai viver, sentir, expressar seus sentimentos de uma maneira singular. Se aquele ser não demonstra para a sociedade, não significa que ele não sinta por aquela perda. (MOURA, 2017)

Outro fator importante evidenciado na entrevista é a necessidade de passar por esse processo para a construção do indivíduo. É necessário que cada um passe por todas as etapas desse processo, para que assim siga adiante.

A psicologia fala de um intervalo de seis meses a um ano para que a pessoa supere essa perda, mas isso só para efeito de visualizar um período de adaptação. Tem algumas perdas para algumas pessoas que podem durar uma vida inteira, porque o nível de investimento daquela pessoa naquele ente era alto, dificultando superar aquela perda. (MOURA, 2017)

Mediante isso, durante as entrevistas com os personagens fica claro que nas duas primeiras histórias as mães passaram por esse processo de luto, o que contribuiu para que após esse período elas tenham conseguido encontrar um sentido para vida. Em contrapartida, na entrevista com Maria Célia ficou claro que ela não viveu o luto, a perda do filho, pois havia sido medicada e não acompanhou esse processo. Isso pode ter contribuído para que ela sofra até hoje, sem ter tido uma referência, um sentido para a vida após o luto.

É importante frisar que a pessoa precisa enfrentar as perdas, pois ela é um processo da vida. Por conta disso, é necessário que se passe por esse processo e o enfrente, demonstre o que está sentindo, porque caso contrário o corpo reage a esse sofrimento podendo ocasionar uma doença ou algum sintoma anormal em seu corpo. (MOURA, 2017)

Neste trabalho as histórias são constituídas de mortes repentinas, aquelas que não estavam sendo esperadas pelos familiares. A psicóloga aponta que esses casos são comuns e aceitáveis para a psicologia.

Nesses casos a pessoa não estava preparada para se despedir do ente, pois não sabia o que iria acontecer, diferente de uma pessoa que perdeu um ente após um processo longo de tratamento de uma doença. Esse processo proporcionou com que a pessoa fosse se preparando emocionalmente para a morte do ente, já que a doença não tinha cura. (MOURA, 2017)

O suicídio é um outro tipo de caso em que as pessoas demoram a aceitar que aquele ente partiu. Por conta disso, a psicóloga ressalta que o luto por um suicídio é

algo que devemos ter um olhar mais cuidadoso, justamente por esses afetos que podem estar deslocados, podendo torná-lo mais conflituoso.

Em todas as entrevistas os personagens relataram que apesar dos anos o sofrimento diminuiu, mas a saudade permanece e que esta jamais será superada. Nesse aspecto, Daniele Moura explica que a saudade realmente não passa, mas sua representação se transforma. Ou seja, o aperto no peito, a angústia ou até mesmo o vazio, que no caso das reportagens todas as mães relataram sentir, podem ser substituídos por lembranças, juntamente com o sentimento da falta e do carinho daquele que partiu.

Além da saudade, algumas mães relataram guardar objetos do ente como forma de manter por perto essa lembrança. Para Daniele, os objetos fazem parte da memória e deve-se respeitar o tempo de cada indivíduo para fazer a despedida e aceitar que esses objetos não irão ocupar o lugar daquela pessoa que partiu.

Para algumas pessoas, o pertence serve para uma representação material daquele que partiu. Esse tipo de atividade é saudável, caso a pessoa tenha consciência que aquele objeto é uma lembrança, uma recordação de um momento feliz da vida da pessoa. Mas se esses pertences tomam uma proporção ao ponto de a pessoa manter durante 10 anos o quarto do ente intocável, dando a impressão que a qualquer momento ele pode voltar, não se torna mais saudável. É necessário avaliar cada processo individualmente, porque assim como a pessoa pode conservar um objeto como uma memória afetiva, e aquilo fazer parte de um processo saudável de transição, pode-se observar também que determinados comportamentos podem estar dizendo a não aceitação da pessoa de que ocorreu essa morte. Portanto, deve-se avaliar caso por caso. (MOURA, 2017)

Sobre o tabu que existe ao tratar sobre a morte, enfatizado neste trabalho, a psicóloga explica que a morte é algo a ser evitado por ser o maior limite do ser humano, pelo fato de não sabermos o que fazer com ela. Para Daniele o que falta é uma educação para lidar com o assunto, pois é um processo que faz parte da vida e todos irão passar por isso um dia.

Não pensamos na morte como uma etapa natural, mas sim como algo que deve ser evitado, ser postergado, fugir para negar a finitude. Não pensamos nessa etapa, tanto é que não planejamos nada para ela, porque queremos evita-la, não queremos que nos atinja. (MOURA, 2017)

Pelo fato das pessoas não gostarem de falar sobre a morte, muitas não conseguem enfrentar o processo do velório e enterro. No Brasil, se comparado com os outros países, esse ritual é realizado em um curto prazo e muitos evitam esse



processo. No entanto, a psicóloga frisa que é necessário que cada pessoa passe por esses rituais de morte, pois são importantes para a elaboração do luto.

O ritual de velório é muito importante para a pessoa, pois é uma maneira de constatar que aquele ciclo encerrou, pois ela está vendo que aquele ente está sendo enterrado. O luto de uma pessoa que tem alguém desaparecido é horrível de lidar, porque não tem prova material do desaparecimento, a pessoa fica com a ideia de que a qualquer momento o desaparecido pode voltar, por conta disso a pessoa não consegue acomodar a ideia de que o ente partiu. (MOURA, 2017)

Daniele Moura ressalta que o luto é um processo natural, sendo normal o sofrimento de uma pessoa nesse período, porém ela frisa que alguns fatores evidenciam que a pessoa está no processo de luto complicado.

O luto é normal, todo mundo que vive uma perda importante vai passar por esse processo, mas depois de um certo tempo se a pessoa não consegue voltar e se adaptar a viver como antes e começar a desenvolver alguns sintomas, como episódio depressivo, insônia, isolamento, tristeza muito profunda, afetando a vivência da pessoa com os outros, ela está evoluindo para um processo chamado de luto complicado. Nesse processo a pessoa mostra que não consegue reorganizar a vida após ter se passado um período longo da morte do ente querido. Nesses casos é necessário que a pessoa tenha uma atenção diferenciada, já é indicado acompanhamento psicoterápico para entender quais as razões que fazem com que a pessoa continue “presa” a essa dor que não passa. (MOURA, 2017)

Para quem pensa que o luto é apenas um processo sofrido e difícil de superar, Daniele Moura frisa alguns benefícios que o luto possa contribuir para a vida do indivíduo.

Quando aprendemos a lidar com perda, estamos evoluindo emocionalmente, aprendendo aceitar o tempo das coisas, aceitar a frustração, aprendendo a lidar com o sentimento de raiva, de tristeza. Compreendendo que a vida sempre vai ter os dois polos. Todo esse processo leva tempo, isso tem a ver com a história de cada indivíduo. O segredo é o tempo que aprendemos a elaborar esse processo. Volto a frisar que cada caso deve ser avaliado separadamente. (MOURA, 2017)

Por fim, a psicóloga concluiu a entrevista ressaltando a importância de se falar sobre o assunto e mostrar a necessidade de compreender o sentimento de perda do próximo.

O luto não é frescura, é necessário respeitar o espaço de cada indivíduo, pois o território de nossas emoções é algo muito delicado, não tem um tempo específico. Precisamos valorizar a parte emocional e reconhecer que isso é uma dimensão da saúde humana, é um diferencial. A perda afeta diversos níveis de nossa vida. No trabalho foram três mulheres, todas elas vivenciaram

perdas, mas nenhuma perda é igual, nenhuma reação será igual a outra, porque questões emocionais e pessoais estão envolvidas. (MOURA, 2017)

O ritual de perda e o processo de luto são essenciais para a construção do indivíduo. Apesar disso, as pessoas sentem dificuldades de aceitar e passar por esse processo devido ao nível de significância que cada ser humano investe naquele ente querido.

## **6. DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

O produto deste Memorial é a Grande Reportagem sobre histórias de pessoas que perderam entes queridos e vivem com a nostalgia de um tempo que não volta mais, que retrata relato de pessoas que passaram por processo de perda.

Através dessas histórias é possível proporcionar ao leitor um lado mais humanizado da morte dentro do jornalismo. O produto retrata como cada ser reage mediante a uma perda e pelo processo de luta, evidenciado que essa etapa da vida é muito singular.

A grande reportagem contém 4 histórias, sendo a primeira um relato da autora sobre a perda do seu irmão, e as demais histórias de mães que perderam seus filhos. Cada relato foi descrito com características do Jornalismo Literário, especialmente o Novo Jornalismo.

Cada história inicia com características e as primeiras impressões que tive com os personagens. Descrevendo como estava o dia, o movimento da rua até a entrada no local onde fui recebida.

Nos textos, busquei fazer o uso de uma linguagem mais poética, como forma de humanizar e trazer o amor que os personagens tinham pelos seus entes queridos. Os textos do jornalista Caco Barcellos foram as principais inspirações para o uso de travessões e a riqueza de características das histórias. Dentre as obras do jornalista, a autora se baseou no “Rotta 66”.

O título de cada história foi escolhido através de uma frase de efeito ou alguma característica que o personagem tenha dito durante a entrevista. Um exemplo é a última história, intitulada “Sem beijo de despedida”, o título foi escolhido após a mãe

relatar que ela e o filho tinham um ritual de se beijarem na testa, mas no dia da morte dele isso não aconteceu.

As entrevistas aconteceram no período de março a agosto de 2017, na seguinte ordem: Ina Marques (Perdeu a filha durante o festejo de carnaval de 2002), Maria Tavares (Perdeu a filha após contrair a doença de um animal, ela estava grávida e a criança morreu também. O caso aconteceu em 2007), Maria Célia (Perdeu o filho após ele cometer suicídio em 2013). Todas as entrevistas foram realizadas nas residências das personagens.

Cada entrevista teve duração de duas horas, no entanto, de gravação foram poucos minutos. Além disso, os encontros com cada personagem aconteceram em duas ocasiões, a primeira para apresentar o trabalho e conhecer um pouco cada um e a segunda para efetivar as entrevistas. Somente a última personagem que teve apenas um encontro, mas suficiente para obter informações sobre o fato.

As reportagens foram publicadas no Jornal do Dia, veículo de comunicação na área do impresso, com o objetivo de trazer o lado humanizado no jornalismo. O estilo de diagramação para as histórias foi o padrão utilizado pelo veículo de comunicação, sendo posicionado em uma das páginas mais nobre do jornal, a A3 e uma história na C3.

A grande reportagem foi publicada entre os dias 19 e 23 de julho de 2017. A primeira história não teve foto, devido ao espaço da página, não podendo ultrapassar os parâmetros padrões da diagramação. As demais histórias tiveram fotos representativas, que dialogavam com o texto, todas as fotos são reproduções da internet.

Quanto aos valores, foram gastos apenas com a impressão e cópia deste Memorial, com os 3 CDs que foram gravados pela autora.

Muitas foram as dificuldades para chegar até o resultado final deste trabalho, principalmente ao que se refere na disponibilidade de horário e o cansaço mental da autora, tendo em vista que, além de acadêmica, trabalho em um veículo de comunicação no qual requer dedicação exclusiva, impossibilitando em muitos casos de acelerar o processo de elaboração do projeto experimental. Foram noites, feriados,

fins de semana lendo, pesquisando e buscando referências para que fosse possível a realização deste trabalho.

## **CRONOGRAMA**

A realização do produto teve início no Pré-Projeto de Pesquisa, que aconteceu no 2º semestre de 2016, especificamente em agosto. Por meio de orientações individuais com a professora Dra. Cláudia Arantes, o texto do pré-projeto foi construído.

As atividades elaboradas durante a construção do produto foram informadas de forma detalhada como mostra o cronograma abaixo:

<b>Etapas da pesquisa</b>	<b>Dezembro 2016</b>	<b>Janeiro 2017</b>	<b>Fevereiro 2017</b>	<b>Março 2017</b>	<b>Abril 2017</b>	<b>Mai 2017</b>	<b>Junho 2017</b>	<b>Julho 2017</b>	<b>Agosto 2017</b>
Busca de fontes	X	X							
Pesquisa etnográfica com as fontes		X	X						
Entrevista com as fontes				X	X	X	X	X	
Decupagem das informações adquiridas				X	X	X	X	X	
Análise dos dados				X	X	X	X	X	X
Cruzamento dos dados				X	X	X	X	X	X
Elaboração da grande reportagem				X	X	X	X	X	

Finalização da reportagem				X	X	X	X	X	
Apresentação para a banca									X

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou do tema "Grande Reportagem sobre histórias de pessoas que perderam entes queridos e vivem com a nostalgia de um tempo que não volta mais" e buscou trazer o lado humanizado dessas histórias relatando as emoções e sentimentos demonstrados pelos entrevistados, além de mostrar a convivência entre os personagens e os entes queridos.

Para trazer esses relatos humanizados foram utilizadas técnicas do jornalismo literário, como construção cena a cena e uso do diálogo. Essa linguagem de escrita dentro da comunicação permitiu que a autora enfatizasse as características dos entes queridos, as lembranças e momentos que para os personagens jamais serão esquecidos.

A perda da pessoa amada é uma das experiências mais dolorosas que o ser humano pode sofrer. É penoso não só para quem a experimenta, mas também para quem a observa, pelo simples fato das pessoas se sentirem impotentes diante da situação. Entretanto, o assunto proporciona um espaço para a discussão de um tema tão negligenciado pela sociedade, a morte.

Mediante isso, a presente pesquisa buscou quebrar o tabu ao falar sobre o assunto e mostrar o que é o luto e quais as consequências de uma perda para os familiares. Além disso, explicou o porquê é difícil aceitar e passar por esse ritual.

Ao debater essa temática, o meu objetivo era relatar essas experiências e trazer um lado mais humanizado para o jornalismo, dando visibilidade ao relato de uma morte inesperada, podendo proporcionar um certo alívio em parte à dor de uma pessoa que perdeu um ente querido.

Desta forma, podemos entender que o luto é uma etapa da vida a ser encarada por todos nós. É importante respeitar o espaço de cada indivíduo, pois no processo de perda não há um tempo específico a ser superado.

Falar sobre a morte não é uma tarefa fácil a ser encarada por algumas pessoas, principalmente por aquelas que já passaram por essas perdas. Busquei neste trabalho, sobretudo, lidar com a superação e com a honra do meu irmão. Além de buscar compreender o sentimento de outras pessoas que já passaram por essa situação.

Outro ponto relevante é compreender que as pessoas que passam por esse processo se tornam sensíveis mediante alguns assuntos, principalmente aqueles que estão relacionados ao ente querido.

Portanto, respeitar o sentimento e a dor que a pessoa ao perder um ente querido sente é essencial para que a sociedade se torne mais humanizada. Esse requisito é válido também para os meios de comunicação, tendo em vista que, apesar de estar noticiando um fato, estão trabalhando com pessoas e conseqüentemente com os sentimentos delas. É necessário valorizar o emocional de cada ser humano e reconhecer que isso é uma dimensão da saúde humana.

Nesta pesquisa foi mostrada a história da autora e de mais três mulheres, mães que perderam seus filhos de forma repentina. Apesar de haver semelhança, essas perdas não são iguais, nenhuma reagiu de forma semelhante a outra, isso porque questões emocionais e pessoais estão envolvidas nessas histórias, fazendo com que cada uma tenha sua significância.

Todavia, não há uma maneira de como lidar com uma perda, cada processo é particular e único. Uma série de fatores contribuem para a forma como uma pessoa irá reagir diante do assunto.

Outro ponto relevante e evidenciado por esta pesquisa foram os benefícios e os males que uma perda proporciona a uma pessoa. No primeiro aspecto, a psicologia afirma que o processo de luto contribuiu para a construção do indivíduo. Em contrapartida, o segundo aspecto aponta que um luto não vivido, o ritual de velório e enterro não presenciado provocam reações negativas na vida do ser humano,

ocasionando em muitos casos doenças crônicas, como a depressão. Neste sentido, a pesquisa mostra o quanto é importante os familiares, apesar de respeitar o espaço do enlutado, ficarem atentos a esses aspectos, procurando uma ajuda médica em casos mais graves.

Por fim, o luto é uma experiência devastadora e por mais que tenhamos conhecimento, nunca saberemos como reagir mediante a esse caso, não teremos respostas, ou mesmo que tenhamos, não saberemos explicar. Neste momento, é importante demonstrar carinho, respeitar o espaço e acima de tudo humanizar os casos, pois se tratam de vidas, de perdas que até hoje trazem sofrimento para aquele que passou por esse processo.

É necessário que a mídia tenha mais cuidado em noticiar matérias com mortes, pois em muitos casos, a informação retratada de forma errônea pode causar mais dor à pessoa enlutada. Nesse aspecto, sugiro que os meios de comunicação busquem formas mais humanizadas de repassar a notícia que envolvem perdas, principalmente de pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa / Danilo Angrimani Sobrinho.** – São Paulo: Summus, 1995. – (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47)

FREUD, S. **Artigos sobre Metapsicologia.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004.

HUMPHREYS, Sarah e KING, Helen. **Mortality and immortality: the anthropology and archaeology of death.** London: Academic Press, 1981

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. **Pedagogia da Humanização – A pedagogia humanista de Paulo Freire.** São Paulo: Paulus, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Ideologia e processo de seleção de notícias.**In: MOTTA, Luiz Gonzaga (coord.). **Imprensa e Poder.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

PARKES, C. M. **Luto. Estudos sobre a Perda na Vida Adulta.** São Paulo. Summus Editorial, 1998.

PENA, Felipe. **O Jornalismo Literário como gênero e conceito.** 2006. Disponível em: <http://felipepena.com/wp-content/uploads/2015/03/jornalismo-literario-genero-conceito.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

PEREIRA, Edivaldo. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4ª edição revista e ampliada. Editora Manole, 2009.

PEREIRA, Edvaldo. **Jornalismo Literário para Iniciantes.** 1ª edição. Editora Edusp, 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.



RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, maio de 2008.

SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – Notas sobre a Narrativa Jornalística. 7 Ed. São Paulo: Summus, 1986.

TAVERNA, Gelson, SOUZA, Waldir. **O LUTO E SUAS REALIDADES HUMANAS DIANTE DA PERDA E DO SOFRIMENTO.** CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR, CURITIBA, V.2, N.1, P.38 - 55, 2014.

WOLFE, Tom. **El Nuevo Periodismo.** Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.

#### **Sites Acessados:**

CANELLAS, Marcelo. Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia. 29 out 2009. Disponível em <<http://www.fesmp.com.br/upload/arquivos/3628636.pdf>> Acesso em 27 ago 2016 às 14h

CZARNOBAI, A. F. P. **Gonzo – o filho bastardo do new journalism.** UFRGS, Porto Alegre, março, 2003. Disponível em: <<http://www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf>>. Acesso em: 30 de abril de 2017

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em [http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros-1.pdf](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf) acessado 17.08.16 às 9h

KUBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. 17.08.2016 às 8h. Disponível em [http://faa.edu.br/portal/PDF/livros\\_eletronicos/medicina/sobre\\_a\\_morte\\_e\\_o\\_morrer.pdf](http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/medicina/sobre_a_morte_e_o_morrer.pdf)

MARTELLI, F. P. **Jornalismo gonzo: Uma análise acerca do jornalismo Literário.** UniCEUB, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1490/2/20264463.pdf>>.

Acesso em: 10 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Marina e Vernier, Louise. Mesmo inevitável morte ainda é tabu e assusta muita gente. 12 fev 2015 Disponível em: <http://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2015/02/12/mesmo-inevitavel-morte-ainda-e-tabu-e-assusta-muita-gente.htm> Acesso em: 17.08.2016 às 8h

PASSOS, Mateus e ORLANDINI, Romulo. **Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário.** Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0123-3.pdf> Acessado em 20.08.2016 às 14h

SANTOS, Sandra Ferreira. **Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um espaço feminino**

Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/ritosfunerarios-feminino.pdf> Acesso em: 17.08.2016 às 8h

SANTOS, Sara. **A morte nas diferentes sociedades.** Disponível em: <[http://www.notapositiva.com/old/trab\\_estudantes/trab\\_estudantes/filosofia/filosofia\\_t\\_rabalhos/mortediferentessociedades.htm](http://www.notapositiva.com/old/trab_estudantes/trab_estudantes/filosofia/filosofia_t_rabalhos/mortediferentessociedades.htm)>. Acesso em: 10 de julho de 2017

SILVA, A. L. e CONCEIÇÃO, F. G. **Jornalismo Cultural: em busca de um conceito.** Intercom, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1253-2.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2017.

## **Entrevistas**

SOUZA, Maria. Entrevista concedida a Caroline Miranda de Lima. Macapá, 20 mar. 2017 [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo “1” deste memorial]

TAVARES, Ina. Entrevista concedida a Caroline Miranda de Lima. Macapá, 18 abr. 2017 [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo “2” deste memorial]

SILVA, Maria. Entrevista concedida a Caroline Miranda de Lima. Macapá, 04 jul. 2017 [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo “3” deste memorial]

MOURA, Daniele. Entrevista concedida a Caroline Miranda de Lima. Macapá, 01 ago. 2017 [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo “4” deste memorial]

## ANEXOS

### **ANEXO A: Entrevista de Maria Souza**

**Mãe:** “Maria” – nome fictício, 50 anos, doméstica.

**Nome da filha:** Regiane, 21 anos.

**Duração da entrevista:** 15 minutos

#### **Entrevista realizada em 20 de março de 2017**

##### **1 – Como era a Regiane? Fale um pouco sobre suas características**

Ela era uma filha muito amável, muito querida, muito boa, uma ótima pessoa, tinha um coração muito bom. Era uma pessoa alegre, gostava de festa, de se divertir.

##### **2 – Características físicas de Regiane?**

Ela era alta (entre 1,60 a 1,70), magra, cabelos compridos enrolados, no meio da costa, morena.

##### **3 – O que a senhora lembra de Regiane durante sua infância e juventude?**

Eu lembro de tudo, como ela era uma ótima filha, uma irmã amável e muito carinhosa, principalmente comigo. Todo dia eu lembro do jeito dela, como ela era, eu não consigo esquecer nenhum dia o jeito dela, muito boa sabe?!.

##### **4 – Na época em que faleceu, qual era o grau de escolaridade de Regiane?**

Regiane estava terminando o ensino médio

##### **5 – Você lembra do dia em que Regiane morreu? Do fato?**

Foi em uma terça-feira, no dia 13 de fevereiro de 2002. Ela estava bem, na segunda havia ido em minha casa, pois ela já era casada e morava com o marido, me convidou

para ir no desfile da Banda. Ela nem me chamava de mãe, só de Ina: “Tu vai Ina para a banda amanhã?”, me perguntou. Eu disse: “Vou, tu me pega aqui”.

No entanto, eu fiquei gripada e Regiane apareceu no dia seguinte me convidando, foi que eu respondi que não iria pois estava muito doente. Ela respondeu “então eu vou, até mais tarde!”.

“Só sabemos da morte de Regiane no outro dia”, diz olhando para um canto fixo da parede. O caso acontecido na praça foi de 23:30h para as 24h. “Aí eu soube só da triste notícia no dia seguinte do que tinha acontecido”, diz com um tom de lamentação.

## **6 – Que horas você recebeu a notícia?**

Eu recebi a notícia entre 12h a 13h, eu estava no meu local de trabalho. Para lhe falar a verdade eu não sei ao certo o que havia acontecido durante a banda. A única informação que temos é a de que mataram Regiane enganada. “Mas não sei se procede, era de noite e ninguém da família estava por perto para saber o que havia acontecido”.

“Todas as manhãs eu ligava o rádio para escutar as notícias do dia, mas nesse dia eu lembro que eu não liguei o som porque se eu tivesse feito isso tinha escutado o nome dela na rádio. Os vizinhos escutaram o nome dela, mas parece uma coisa, eu já fui saber no meu trabalho o que tinha acontecido”.

Soube da notícia através de uma sobrinha (Brenne) que me ligou e falando o que tinha acontecido. Na hora eu não acreditei, sai para saber o que tinha acontecido e era verdade! Parece uma coisa, que no dia em que aconteceu a tragédia, ela estava com a identidade dela no bolso e anunciaram logo no rádio, mas como sai para trabalhar fiquei sabendo depois do que tinha acontecido.

“Foi por isso que demorei a saber da morte de minha filha horas depois”.

Pelo que me falaram, ela levou três facadas, por volta de 23h30. Ela faleceu por volta de 1h da madrugada.

Ela havia ido com umas colegas para a banda, sem o marido. Se as amigas viram o que aconteceu não quiseram comentar.

## **7 – Após o choque de receber a notícia, você sentiu que em algum momento houve uma despedida por parte dela?**

Eu senti uma despedida da minha filha, foi no domingo de carnaval, quando ela havia ido para casa com o marido dela lavar roupa. Na ocasião, minha mãe (avó da vítima) emprestou uma tesoura para que ela cortasse uma calça do marido, para fazer bermuda. E parece assim uma coisa né, porque no outro dia em que procuramos a “bendita” tesoura não encontramos.

“A gente procurou, procurou e a minha mãe queria de qualquer jeito a tesoura, só que não achamos”.

Foi aí que minha filha falou para sua avó: “Deixe vovó, eu vou comprar uma tesoura para a senhora, mas essa é a última vez que eu vou pedir alguma coisa de alguém”.

“Isso que eu sempre lembro sabe assim quando ela falou isso, fiquei com aquilo no pensamento, parecia uma despedida quando ela disse que nunca ia pedir mais nada de ninguém”, frisou dona Ina.

Uns três dias depois da morte dela, eu havia ido limpar a estante da sala de casa e achei a tesoura lá. E já havíamos revirado a casa toda e não encontrávamos a tesoura.

Parece uma coisa que até hoje não consigo esquecer disso. Tive a certeza que ela estava se despedindo da família.

“Eu fico pensando todas as noites que ela chegou a se despedir de nó, quando falou isso. Quando disse que nunca mais iria pedir algo de ninguém, de fato aconteceu, pois morreu dois dias depois sem pedir algo”.

## **8 – Como o marido agiu ao receber a notícia de que Regiane teria falecido?**

Regiane já tinha dois filhos com o primeiro marido. Casada a nove meses com esse rapaz, eles ainda não tinham filhos. Para ele foi muito triste receber a notícia que Regiane havia falecido, pois eles estavam juntos, estavam bem. Ele sofreu muito.

**9 - Na época de sua morte, os filhos de Regiane tinham quantos anos?**

O mais velho tinha 6 anos quando a mãe faleceu e o filho caçula tinha 3 anos. Eles moravam com a mãe, mas não tem lembrança do que aconteceu com a mãe.

Após a morte de Regiane, o filho mais velho foi morar com a avó por parte de pai e o menor morou comigo.

Pelo fato de ser pequeno, o mais novo chama a avó de mãe e não tem lembrança de Regiane. Na época em que faleceu, Ina contou que pelo fato dele praticamente morar com ela, não perguntava muito pela mãe. Para ele é como se fosse uma irmã.

**10 – A senhora chegou a passar mal com tudo que aconteceu?**

Sim, tive um choque muito grande com a notícia da perda da minha filha. No entanto, sou uma pessoa forte, não tenho um emocional fraco e por conta disso consegui enfrentar toda a situação. Senti muito pela perda, chorei, mas não me medicaram porque fui até o fim do velório aguentando o que estava sentindo.

Minha irmã passou muito mal, ela sofreu muito, desmaiou, tomou remédios, pois era muito apegada a família.

**11 – Durante esses 15 anos a polícia chegou a descobrir o que ocasionou a morte de Regiane?**

A única coisa que sabemos que uma das três moças, foi presa acusada pelo crime que tirou a vida da minha filha. Ficou por uns anos presa e foi liberada.

A facada foi desferida por três mulheres, sendo que duas seguraram enquanto a terceira desferiu os golpes. Ao todo, foram três facadas em sua costa.

**12 – O que a senhora lembra dela?**

Eu acredito que se minha filha estivesse viva, ela seria a mesma pessoa de 15 anos atrás. Ela era trabalhadora, muito responsável, tudo que fazia era bem feito, e tudo que pedíamos para ela fazer não pensava duas vezes em ajudar. Uma pessoa alegre que conquistava todo mundo.

## **ANEXO B: Entrevista com Ina Tavares**

**Mãe:** Ina Maria Marques Tavares, 55 anos, doméstica.

**Nome da filha:** Daniele Marques Tavares, 17 anos, caçula de sete filhos.

**Duração da entrevista:** 10 minutos

### **Entrevista realizada em 18 de abril de 2017**

#### **1 – Em que data Daniele faleceu?**

Ela morreu no dia 7 de maio de 2007.

#### **2 – Como era Daniele?**

Daniele era uma ótima filha, filha caçula, querida por todos da família, tinha aquela mimação por parte dos irmãos, mas sem muita tolice. Estudiosa, muito inteligente, estava no primeiro ano do ensino médio, estudava no Colégio Amapaense. Os professores gostavam muito dela, ela era uma ótima aluna.

Em casa, ela era de fato uma dona de casa, fazia de tudo e muito bem feito, desde uma louça para ser lavada, um almoço até uma faxina completa.

#### **3 – Fale sobre as características de Daniele.**

Ela era morena, baixa, com 1,55, tinha cabelos compridos, pretos.

#### **4 – Como Daniele morreu?**

Morávamos aqui nessa baixada do Perpétuo Socorro, onde aconteceu um grande incêndio em 2013.

Daniele estava grávida, com quase nove meses de gestação. O médico disse que ela teria o filho do dia 12 em diante de maio. De uma mordida de gato, provocou a morte de minha filha, o médico disse.



Estávamos em casa, deitados na sala, eu gostava de me deitar no assoalho de casa né, porque a tabua é fria. Eu lembro que nessa tarde, em uma quinta-feira, a minha vizinha, que gostava muito de Daniele, a chamou para dar um pouco de risoto para ela. Quando ela chegou lá, o gato da vizinha a mordeu.

Passou alguns minutos na casa da vizinha e voltou para nossa casa, quando chegou aqui ela disse: “Mamãe, pois o gato da vizinha me mordeu!”.

De acordo com Ina, o gato da vizinha era muito manso, que ninguém nunca tinha visto o bicho agatilhar ou morder alguém. Neste dia, parece que foi uma coisa, mordeu justo ela.

Aí depois que ela falou que o gato tinha mordido ela na perna, eu disse para ela: “Lava tua perna, minha filha! Que ele te arranhou e mordeu”.

Ela foi lavar a perna com sabão grosso e água corrente.

“Mas quando que a gente ia imaginar né que ia causar a morte dela”.

Aí os dias passaram, quinta, sexta e quando foi no sábado eu cheguei do trabalho e ela estava ardendo em febre. Eu perguntei para ela se não queria ir no posto de saúde. E ela disse:

“Não mãe, só estou com uma febre, meu pé está inchado”. De fato o pé dela estava inchado, por conta da gravidez, estava perto de ganhar neném. Aí nem nos importamos de nada, de levar ela no médico, achávamos que era apenas uma febre e que iria passar.

Quando foi em uma segunda-feira, de repente, deu uma crise nela. Nos fim de semana ela dormia na casa ao lado da nossa, que é da minha irmã mais nova, que ela saia para a festa no domingo e pedia para Daniele ficar com os filhos dela.

Aí na segunda, por volta de 10:30, eu bati na porta da casa da minha irmã para chamar a Daniele. Foi quando eu vi ela só se debatendo na porta, eu gritei para o meu sobrinho abrir a porta que minha filha já estava caída no chão. Foi quando ele desceu e abriu a porta.

Minha filha estava jogada no chão, soltando uma baba branca da boca, fazendo um barulho parecido com o de um gato morrendo envenenado. Nem respondia quando eu a chamava.

Sai gritando em direção a minha casa, chamei meu filho e um amigo que estava na casa, foi quando chamamos um carro e levamos ela para a maternidade. Infelizmente, antes dela chegar na maternidade já estava morta.

O meu filho, que havia ido com ela na ambulância, me ligou dizendo que ela tinha acabado de morrer nos braços dele a caminho do hospital.

Morreu a mãe e a criança, uma menina. Os médicos não conseguiram salvar a bebê. O médico falou que se a gente tivesse levado no dia em que o gato mordeu talvez tivesse conseguido salvar ela ou a criança. Mas agente nunca imagina que vai acontecer uma tragédia dessa.

“A gente nunca imaginou que devido a uma mordida de gato a minha filha iria morrer. Pois já estávamos acostumados a viver com os bichos”.

Depois de um tempo é que fomos pensando que se tivéssemos tomado às providências necessárias talvez minha filha e minha neta não tivessem morrido. Mas já passou, não tem mais como voltar atrás.

#### **5 – Você lembra qual doença foi constatada no laudo de óbito de Daniele?**

O médico falou que quando a mulher está grávida, ela está mais vulnerável a qualquer situação. Então se qualquer bicho morder ela, o risco de contrair alguma doença é maior do que em pessoas que não estão em gestação.

Como o gato mordeu ela e não tomamos providência, a infecção afetou a criança e daí resultou na morte dela e da bebê.

#### **6 – Daniele era casada?**

Ela era casada e para o marido a perda de Daniele com a filha foi muito triste. Até hoje, após 10 anos, ele diz que não tem vontade de ter outra mulher, porque minha filha será a única mulher da vida dele. Atualmente ele mora com a mãe.

“Ele gostava muito dela, até hoje chora por causa de Daniele, pois ela foi a primeira namorada dele e ele o primeiro namorado dela. Por conta disso, ele sofre bastante, nunca ouvi falar que ele se envolveu com outra mulher, toda semana ele vem aqui em casa conversar comigo, com meus filhos, parece que ele sente a presença dela quando está aqui”.

### **7 – Como foi receber a notícia de que sua filha morreu?**

Foi extremamente triste a morte de Daniele para mim, uma menina nova, cheia de saúde, tinha muita coisa para viver, principalmente com sua filha que também estava a caminho.

“Ela era minha filha caçula, Deus o livre eu por ela! Tudo que eu fazia era pensando nela, então para mim foi um choque, uma perda insuperável, extremamente triste”.

### **8 – Você sentiu uma despedida por parte de Daniele?**

Eu senti uma despedida dela, inclusive de meses antes, porque no mês de março, no aniversário de 15 anos da irmã do marido de Daniele. Ele havia me pedido para levar ela no aniversário, só que como ela nova, estava grávida, eu não aceitava muito o relacionamento deles.

“A gente que é mãe sempre quer proteger nossos filhos”.

Nesses 15 anos, a família do marido de Daniele mandou o convite e eu não quis ir e nem deixar ela ir na festa. Daniele reclamou: “Poxa mamãe, a Socorro está lhe chamando para ir no aniversário da filha dela, a senhora não quer ir!”

Foi que eu respondi: “Eu já falei que não quero ir, tu sabes que eu não gosto do teu marido” – assim né, coisa de mãe, mas ele sempre tratou bem dela, era implicância minha com ele.

“Poxa, o pessoal do meu namorado me convidou com toda alegria, porque a senhora não vai?”

“Eu não vou Dani, eu não quero ir, já te falei que não quero ir para essa festa”

“Poxa mamãe, a senhora não quer ir, estou te pedindo. Um dia a senhora irá sentir muito minha falta, a senhora vai ver”.

Essa frase sempre me marcou, dizer que eu ainda iria chorar muito e sentir falta dela, dois meses antes de falecer.

Eu fico pensando, parece que ela estava se despedindo de mim. E de fato se concretizou, chorei bastante com a morte dela e até hoje sinto falta da minha caçula.

### **9 – Como conviver com essa perda?**

Até hoje eu rezo, peço para Deus proteger meus cinco filhos, que ainda estão vivos, para que tenham uma vida prospera e que ainda não partam dessa terra. Pois é uma coisa muito triste, porque nunca esquecemos, nós fazemos de forte no dia a dia, mas é uma coisa que só será superada talvez no dia em que morremos, porque é uma perda que não dá para esquecer.

### **10 – Em que datas você se lembra muito de sua filha?**

A época de natal é a mais dolorida para mim até hoje, porque era um período em que reuníamos todos os familiares e celebrávamos o nascimento de Jesus. Ela me faz muita falta, mas nessa época a saudade é tremenda, porque eu lembro que sempre saíamos para comprar as coisas da ceia, as roupas dela.

Nesta época, eu fazia todas as vontades dela, o gosto da roupa, do sapato, era ela que escolhia.

Eu continuo levando minha vida, meus cinco filhos, todos homens, já estão grandes, tenho netos e vou seguindo minha vida com a família. Mas é impossível olhar para eles e me sentir 100% completa, porque sempre vai faltar aquele espaço, que só pode ser preenchido pela minha filha, que não está mais aqui comigo.

### **ANEXO C: Entrevista Maria Célia Silva**

**Obs: pode ser chamada pelo nome; o filho morreu aos 16 anos.**

**Mãe:** Maria Célia, 55 anos, doméstica.

**Nome da filha:** Emanuel Cordeiro da Silva Júnior

**Duração da entrevista:** 20 minutos

**Acompanhamento:** 04 de julho

**Entrevista realizada em 04 de julho de 2017**

**1 – Qual foi o dia em que Manoel Morreu?**

Ele faleceu dia 1º de junho de 2013

**2 – Características do Manoel?**

Ele era moreno forte, não era muito baixo, cabelo crespo preto, caçula de três filhos. Ele estudava a noite na escola São Bento, onde fazia o segundo ano do ensino médio.

**3 – Características da personalidade de Manoel?**

Ele era um menino muito alegre, brincalhão principalmente comigo

**4 – Como era a rotina de Manoel?**

Ele fazia um curso na Casa Brasil pela tarde, chegava em casa tomava banho e se arrumava para ir para a escola à noite. Depois retornava e chegava entre 22:30 e 23h. Para ele ficar triste só mesmo quando estava doente, fora isso só vivia alegre. “Todo o tempo a vida dele era alegre, brincava com todo mundo”.

**5 – Manoel era caseiro?**

Ele era muito caseiro, gostava de ficar em casa. Ele só tinha um hobby que era jogar baralho na casa dos colegas, fora isso ele era um rapaz que não gostava de estar em festa.

**6 – Que lembrança tem de vocês dois?**

Ele me chamava muito de “minha velha” e gostava de bater no meu bumbum. Se ele dava dez voltas por mim, dez vezes ele me abraçava e me beijava. Não era só comigo, com as cunhadas dele também, sempre foi muito carinhoso.

Nos dois tínhamos um ritual, quando eu saía para trabalhar, sempre ia na cama dele e dava um beijo em seu rosto. Quando ele acordava ia no espelho olhar a marca de batom e dizia: mamãe deixou meu beijo de bom dia.

“Desde quando ele nasceu eu peguei esse costume, quando não era beijo eu escrevia um bilhete dizendo que estava indo para o trabalho e no fim dizia que o amava e beijava o papel, deixando na frente do espelho para ele ler”.

Era a comunicação deles dois, por ser o caçula, a mãe era muito apegada e apesar da idade dormiam no mesmo quarto.

## **7- Como foi o dia em que Manoel morreu?**

O primeiro dia que ele amanheceu na rua, foi nesse único dia, de sexta para sábado, dia de sua morte. Teve um rodeio da prefeitura, e ele resolveu ir com os colegas prestigiar o evento. Eu não sabia que ele tinha ido para esse evento, pensei que estava jogando baralho na casa dos colegas, tanto é que por volta de 1h, eu fui atrás dele, mas não o encontrei.

Quando cheguei em casa pedi para minha nora ligar para ele e ver onde estava, ele atendeu e disse que estava no rodeio.

- Você vai demorar meu filho? – perguntou a mãe

- Não velha, eu vou dormir aí com a senhora hoje! – respondeu o filho.

-Então tá, vou te aguardar – respondeu a mãe.

Eu tinha o costume de deixar o portão da frente de casa só encostado para ele entrar, e deixei assim. Manoel chegou por volta de 6:15h da manhã e eu nem vi quando ele entrou. Só quem viu foi o pai dele e o irmão.

Quando foi 7:30 eu tinha terminado de me arrumar para ir trabalhar. Sai de casa e fui para a casa da minha patroa. Fazia 15 minutos que eu tinha chegado lá, quando uma pessoa, que nunca vi na minha vida, me avisou que meu filho estava morto.

Eu estava na cozinha, quando o homem entrou por trás da casa da minha patroa e perguntou:

- você que é Célia?

-Sim – respondi.

-você que mora naquela casa próximo à Tancredo Neves, que tem um bar?

- Sim, eu moro lá.

- quando você saiu da sua casa estava tudo bem com sua família?

- claro que está

-É, mas agora não está.

- Por que você está falando isso? - perguntou Célia

- porque seu filho está morto lá atrás.

Quando esse homem me falou isso, fiquei pasma sem acreditar. Não sabia de qual filho ele estava falando.

Eu disse para ele que estava mentindo, pois todos em casa estavam bem. Foi ai que ele falou:

- então pegue, convide sua patroa e vão na sua casa para vocês verem que está cheio de gente e de polícia lá.

“Quando eu sai de casa estava tudo bem, Manoel estava na rede deitado aberto e me olhando”.

Eu lembro que nesse dia foi a primeira vez que eu não havia dado o beijo matinal que sempre dava nele. Ele ficou me olhando sem dizer uma palavra e eu na pressa saí sem dizer um até logo ou ao menos beijar ele.

“Aquilo que era de costume eu fazer com ele, não fiz naquele dia. Não dei nem um abraço nele ou perguntei porque ele tinha chegado naquele horário, o que tinha acontecido, nada! Ele só fez me olhar”.

Naquele momento eu senti uma tristeza naquele olhar dele, umas lágrimas naquele olho murchinho. Mas com toda essa situação e a pressa para ir ao trabalho não perguntei o que tinha acontecido, peguei minha bicicleta, saí no portão, fiquei olhando para o céu pensando:

-Será que vai chover?

Meu coração pedia para eu não ir embora para o trabalho, mas minha consciência dizia para mim ir. Deixei a bicicleta no pátio e entrei em casa novamente, no quarto e ele estava na rede deitado, continuou me olhando sem falar nada. Eu não troquei uma palavra com ele naquela manhã.

Dia de sábado eu chegava cedo em casa, só ia no trabalho arrumar e voltava logo, mas nem isso parei para avisar a ele que não ia demorar.

Não sei o porquê, mas não dei nem beijo, nem abraço e não falei nada com o meu filho antes de sair.

“Muitas pessoas falaram várias coisas após o meu filho morrer, mas até hoje não entendo porque ele fez isso. Na minha cabeça não tinha motivos para ele tirar a vida daquela forma, nós somos humildes, mas dava para sobrevivermos. Não precisava ele fazer isso com a vida dele, porque ele poderia ter ao menos pensado que eu iria sofrer muito na minha vida, como sofro até hoje”.

## **8 – Qual foi sua reação ao receber a notícia que seu filho tinha morrido?**

Bom, minha reação foi que eu fiquei sem saber de qual filho se tratava, pois teve uma época em que meu filho mais velho, Mickey, vivia com uma mulher que prometia muito



matar ele. O primeiro filho que veio na minha cabeça quando o homem deu a notícia foi ele.

“Ele foi o primeiro que veio na minha cabeça, pois essa mulher prometia muito que ia matar ele. Além de que ele era o único que estava na frente de casa acordado quando sai para trabalhar”.

Depois que o homem me disse essas palavras ele foi embora. Minha patroa estava no banho, quando saiu perguntou o que havia acontecido e eu contei. Na hora não demonstrei nenhuma reação, não chorei, nada! Só fiquei pensando se o que o homem tinha falado era verdade.

Cheguei a ligar para minha família e ver o que tinha acontecido, mas parece uma coisa, ninguém atendia.

“Achei estranho que ninguém me ligou, né. Ai eu disse que isso era mentira, que aquele cara só podia ser doido, vem de lá falar uma mentira dessa, que está tudo bem lá em casa”.

Minha patroa, a Cláudia, disse que talvez fosse mentira, mas para que eu ficasse mais calma ela iria me levar em minha casa para ver o que estava acontecendo.

Antes de irmos, ela me deu um remédio para acalmar meus ânimos.

“Tome esse remédio que eu vou terminar de lavar meu cabelo e nós vamos na sua casa”.

Sáímos da casa dela em direção a minha, quando subi a ladeira da rua de casa eu vi o movimento, várias pessoas, policiais, imprensa, tudo no pátio de casa.

“Meu Deus, aconteceu mesmo alguma coisa!”

Quando cheguei em casa que eu fui saber que era meu filho caçula que tinha morrido. Cheguei a ver ele lá atrás, é a única lembrança que tenho desse dia.

**9 – Após ver a situação que seu filho estava, o que veio na sua cabeça? (Chora muito nesse trecho)**

Na hora que vi ele naquela situação não acreditei que estava morto, para mim ele estava vivo dormindo, do jeito que havia ficado quando sai de casa. Todos os meus familiares estavam na casa, só eu que não sabia de nada.

Quem tirou ele da corda foi meu outro filho, o Anderson.

Ele deixou uma carta antes de cometer o suicídio, nela dizia que ele me amava muito, que eu dava tudo do bom e do melhor para ele. Só havia uma coisa que ele escreveu, que foi o que mais me intrigou:

- mãe, só tem uma coisa que a senhora sempre fala para nós, quem morre de gosto não fede. Só que eu não estou morrendo de gosto, estou morrendo de desgosto.

Além de deixar recado para mim, deixou lembrança para os irmãos dele, beijos e abraços para os amigos mais íntimos e para a família. Mas em nenhum momento disse o porquê de estar fazendo isso com a vida dele.

“Eu queria uma justificativa, uma resposta de ele ter tirado a vida dele, eu queria muito um motivo, porque talvez assim não iria doer tanto dentro de mim o que dói, de ficar com essa dúvida cruel”.

### **10 – como é conviver no local onde seu filho cometeu suicídio?**

Hoje em dia eu frequento o quarto onde meu filho foi encontrado, limpo, arrumo. Mas no começo foi muito difícil para mim, toda vez em que ia lá parece que estava vendo meu filho pendurado em uma corda.

Eu já recuperei de muita coisa após a morte do Emanuel, agora essa dor nunca irá passar. Eu lembro do meu filho todos os dias, não há um dia que não chore por causa dele.

### **11 – tem alguma data específica que a lembrança bate mais forte?**

Sempre sinto muita falta do meu filho, especialmente quando a família se reúne para alguma confraternização em que todos estão presentes, menos meu Emanuel. (Chora ao falar).

“Ele era um menino bem alegre, gostava de brincadeira, para onde eu ia nesse negócio de aniversário ou confraternização, ele sempre estava junto. Era meu parceiro, sempre estive ao meu lado todos os dias”.

Ele sempre estava comigo para tudo que eu fazia, se eu fosse viajar ele ia comigo. Não o deixava para nada, éramos extremamente unidos. Apesar da idade, ele ainda dormia comigo, deitado sobre meu braço e com o rosto colado no meu pescoço, ele dizia que gostava de sentir meu cheiro.

## **12 – Possui pertences dele guardado?**

Tenho muita coisa dele guardado pois não consegui me desfazer dos pertences dele. Tenho uma mala cheia de roupa dele, não consigo doar ou fazer qualquer ação com essas coisas, as vezes me pego cheirando os pertences dele.

## **13 – Houve algum momento em que sentiu que seu filho estava se despedindo?**

Acredito que foi um dia antes, na sexta-feira no fim da tarde, eu estava na casa da minha irmã, quando ele chegou com aquele sorriso lindo, que só ele tinha. Foi quando ele disse:

-a senhora está aqui, né sua velha!

- estou filho, eu vim do trabalho e parei aqui para ver o pessoal que chegou do Laranjal do Jari.

- Mãe, manda o Carlinhos gravar para mim um CD, que amanhã eu vou jogar em casa no vídeo game.

Por ele sempre ser um filho que me respeitava e cuidava de mim, sempre atendia quando ele queria alguma coisa. Eu disse para ele ligar para o rapaz e pedir o CD que eu pagava.

Ele pegou meu celular, ligou para o Carlinhos e pediu para gravar o CD e mandar pelo primo dele. Depois que ele me entregou o celular, eu olhei para ele e disse:

- tu estás muito bonito hoje, meu filho! Está cheiroso, está lindo.

- a senhora vai demorar aí, mãe?

- não filho, já estou indo.

Quando chegamos em casa ele disse que iria dar uma volta, mas que não iria demorar. Foi que dessa volta ele foi para o rodeio.

“Meu filho era minha vida, foi embora e levou um pedaço de mim”.

#### **14 – O que a senhora já superou?**

Eu acho que nunca vou superar a morte do meu filho, se eu pudesse encontrar com o meu filho eu já tinha ido deste mundo. Eu brinco, converso, mas sinto muita falta do meu filho. Eu tenho mais três filhos, no entanto, ainda sinto um vazio no meu coração, eu acho que nunca vou parar de sofrer.

Eu me sinto mais triste também porque nem pude me despedir do meu filho direito, do jeito que eu queria, não consegui. Nem o velório dele eu não acompanhei, porque fiquei abalada de uma tal maneira, que me doparam de tanto tranquilizante que me deram, deu um branco na minha mente e ali apaguei, dormi durante o velório todo. Não acompanhei nada, não vi quem veio, como ele estava vestido.

Eu sinto muito por não ter ficado perto dele durante esse processo do enterro, nem que fosse para ver pela última vez aquele rosto lindo, que tinha um sorriso que encantava a todos. Ele sempre foi querido, não existia esse negócio de falarem que não gostavam dele, porque onde chegava ele fazia amizade e conquistava a todos.

“Por mais que ele tivesse morto, eu queria estar ao lado dele para me despedir, isso me atormenta demais. Além dele não ter deixado um motivo para fazer o que fez e não pensou em mim que vivia para ele”.

#### **ANEXO D: Entrevista Daniele Moura**

**Nome:** Daniele Moura

**Formação:** psicóloga especialista em educação, cultura e organização social e possui mestrado em psicologia clínica. Trabalhou a vivência do luto, com a demanda de pessoas que haviam perdido entes queridos.

### **Entrevista realizada em 01 de agosto de 2017**

#### **1 – O que é o luto?**

A palavra luto vem do latim, que é *Luctus*, que fala de trabalho, de dor, de mágoa. Então o luto é uma reação esperada do ser humano, todo o ser humano que vivencia uma perda ele vai passar por um processo de luto.

O nível de significância que o objeto que a pessoa perdeu tem para sua vida que será determinante no processo de luto.

“Todo mundo vivencia a perda, mas cada um enfrenta de um jeito pelo fato de cada ser humano atribuir um significado diferente para suas experiências e para o objeto que perdeu”.

Quanto mais importante for o objeto mais ele pode afetar no meu processo de elaboração do luto. “Perder todo mundo perde, já nascemos perdendo e ao longo da vida vamos experimentar a perda. No entanto, o significado dessa perda é individual, cada um vai atribuir conforme o significado que vai dar para aquele objeto”.

#### **2 – Qual é a importância de vivenciar o luto?**

Se a perda é um evento que faz parte de nossa vida, porque é tão difícil a gente perder, se ao longo da vida vivemos experimentando diversas situações de perda? O primeiro empecilho para essa dificuldade é a nossa cultura, não somos estimulados a superar a perda no sentido saudável.

Um exemplo, no filme *Marley e Eu* a família realiza uma cerimônia para que as crianças se despeçam do cachorro que faleceu, isso porque o cachorro não era considerado apenas um animal, mas um membro da família, porque foi essa atribuição de significância que a família havia dado a ele.

Em muitos casos, os pais não sabem lidar com a perda que a criança vive. Quando a criança chora por perder um animal de estimação os pais falam para eles não ficarem tristes e os convida a comprar outro animal, como se aquele objeto fosse substituído facilmente.

“As relações não podem ser simplesmente substituídas, precisamos de um tempo para pensar o que aquela pessoa ou aquele objeto tinha de significado na minha vida”.

O tempo é importante pois ele vai dar a medida do que aquela perda impacta na minha vida.

### **3 – Por que a morte é considerada um tabu para a sociedade?**

Sobre a morte e o morrer vem na mesma compreensão da perda. A sociedade não encara essa etapa como um evento natural, um evento esperado, mas sim como uma tragédia. Na antiguidade as pessoas não compreendiam a morte como compreendemos atualmente, devido ao fato das pessoas morrerem mais cedo.

Conforme nossa sociedade foi evoluindo a morte também foi sendo postergada. Hoje, na era da modernidade todas as nossas relações estão vivendo em uma fragilidade que se torna difícil em cultivar um vínculo. Não se tem mais outra compreensão de relacionamento, é tudo muito para satisfazer o prazer pessoal imediato. A ideia da morte vem junto com essa ideia da perda e do envelhecimento: “é feio, não é valorizado, é desgastado, eu preciso viver mais, preciso estar sempre bem”. Tudo isso é para atender um padrão social.

Não pensamos na morte como uma etapa natural, mas sim como algo que deve ser evitado.

“Enquanto nossa sociedade continuar a pensar desse jeito, a gente vai reproduzir isso para nossas crianças, iremos vender isso”.

A ideia que as pessoas fazem da morte é a de evitar, se postergar, fugir para negar a finitude. Não pensamos nessa etapa, tanto é que não planejamos nada para ela, porque queremos evita-la, não queremos que nos atinja.

### **4 – O que a perda pode causar nas pessoas?**

Existem vários tipos de perdas, no mestrado trabalhei com pessoas que perderam somente ente queridos, mas não perdemos somente pessoas que amamos, a gente perde saúde, perda da autoimagem, perda de um amor e entre outros.

Há também aqueles lutos que não são reconhecidos socialmente, pelo fato de ser difícil para as pessoas lhe darem com eles. Como por exemplo, a perda pelo aborto.

No caso do aborto espontâneo, a sociedade não reconhece esse acontecimento como uma perda. Em muitos casos, as pessoas costumam a dizer para aquela pessoa que passa por essa etapa, que essa fase vai passar, que ela poderá ter outros filhos.

“Isso não significa que a sociedade seja maldosa, mas sim que pelo fato do sofrimento do outro mexer com a gente. Nos sentimos impotente, por isso a primeira coisa que o ser humano sente ao ver outra pessoa sofrer é incomodo”.

A menina fez um aborto provocado, ela não pode estar sofrendo pois foi ela que quis abortar. Isso também é um luto, chamamos de luto não sancionado socialmente. Outro caso é quando a mulher tem um relacionamento não oficializado, era amante e o homem morreu, a sociedade julga que ela não pode sofrer pois ela era a outra.

A sociedade que determina se aquele acontecimento é ou não uma perda. Não se valoriza a experiência afetiva.

A sociedade associa muito a perda com o sofrimento. Se aquele ser não está demonstrando sofrimento, ele não está sentindo aquela perda é o que determina a sociedade.

“A sociedade espera que você reaja de um determinado jeito. Só que as pessoas não são iguais, cada um vai viver, sentir, expressar seus sentimentos de uma maneira singular. Se aquele ser não demonstra para a sociedade, não significa que ele não sinta por aquela perda”.

É importante frisar que a pessoa precisa enfrentar as perdas, pois ela é um processo da vida. Por conta disso, é necessário que se passe por esse processo e o enfrente, demonstre o que está sentindo, porque caso contrário o corpo reage a esse sofrimento podendo ocasionar uma doença ou algum sintoma anormal em seu corpo.

## **5 – Guardar pertences de um ente querido é saudável? Até que ponto?**

A pessoa vivencia o processo de luto durante um tempo, que em média são seis meses, considerado normal. Segundo a psicologia, esse tempo é o período de adaptação daquela pessoa, que tinha uma rotina, toda uma história construída e após a morte do ente querido ficou um buraco. Esse período é a média para que a pessoa possa preencher esse espaço, isso leva tempo.

Para algumas pessoas, o pertence serve para uma representação material daquele que partiu. Esse tipo de atividade é saudável, caso a pessoa tenha consciência que aquele objeto é uma lembrança, igual quando guardamos uma foto, uma carta e outras coisas. É uma recordação de um momento feliz da vida da pessoa.

Mas se de repente é algo que toma uma proporção, o que seria isso? Imagina uma mãe que perdeu seu filho e ela manter durante 10 anos o quarto intocado, que a qualquer momento dá a impressão que ele vai voltar. Será que aquilo não está simbolizando que ela ainda não aceitou a partida dele?

Precisamos avaliar cada processo individualmente, porque assim como eu posso conservar um objeto como uma memória afetiva, e aquilo fazer parte de um processo saudável de transição, eu posso observar também que determinados comportamentos podem estar dizendo a não aceitação da pessoa de que ocorreu essa morte. Portanto, deve-se avaliar caso por caso.

## **6- Por que algumas pessoas têm dificuldade de aceitar que uma pessoa morreu?**

Assim como cada ser humano pode reagir de forma diferente ao passar por um processo de luto, tem pessoas que não aceitam logo a morte de um ente querido. Esses casos são comuns e aceitáveis para a psicologia. No entanto, existem tipos de perdas que influenciam para que a pessoa demore a aceitar a morte de alguém que ama.

O suicídio é um dos casos mais comuns em que a pessoa demora a aceitar que aquele que ama morreu. No entanto devemos ter cuidado ao fazer uma avaliação nesses casos. Isso porque, em geral, ele pode mobilizar o sentimento de culpa e acaba atrapalhando o processo de elaboração.



“A pessoa se questiona: poxa será que isso aconteceu porque eu deixei de fazer aquilo? ”. Então a pessoa fantasia, tem pensamentos que irão atrapalhar a maneira dela viver saudavelmente.

O luto por um suicídio é algo que devemos ter um olhar mais cuidadoso, justamente por esses afetos que podem estar deslocados. Aí ele pode ser mais conflituoso.

A questão temporal também vai influenciar na aceitação ou não da morte do ente. Em muitos casos, a sociedade aceita mais a morte de um idoso do que de uma criança ou jovem, por acreditarem que esses últimos tinham muito o que viver ainda.

Outro fator são as mortes inesperadas. Geralmente são ocasionadas por acidentes de trânsito, assassinatos e entre outros. A pessoa não estava preparada para se despedir do ente. Diferente da doença, quando a pessoa perdeu um ente após um processo longo de tratamento de uma doença. Esse processo proporcionou com que a pessoa fosse se preparando emocionalmente para a morte do ente, já que a doença não tinha cura.

“Tem algumas situações que podemos considerar como um fator agravante de um luto mal elaborado”.

## **7- O que o processo do luto pode trazer de bom para a pessoa?**

O processo do luto visa a aceitação de uma perda, e não é qualquer perda. É uma perda de alguém ou de algo que era muito importante para aquela pessoa. Quando aprendemos a aceitar, a deixar essa situação partir e essa pessoa ir, também estamos aprendendo reconhecer que a vida é feita de ciclos e que perdemos a pessoa que amamos, esse processo é chamado de tempo de amadurecimento.

“Quando aprendemos a lidar com perda, estamos evoluindo emocionalmente, aprendendo aceitar o tempo das coisas, aceitar a frustração, aprendendo a lidar com o sentimento de raiva, de tristeza. Compreendendo que a vida sempre vai ter os dois polos”.

Todo esse processo leva tempo, isso tem a ver com a história de cada indivíduo. O segredo é o tempo que aprendemos a elaborar esse processo. Volto a frisar que cada caso deve ser avaliado separadamente.

Em alguns casos, as pessoas necessitam de auxílio terapêutico para passar por esse procedimento. Alguns casos, pessoas tomam medicamento. Se a pessoa já tem uma pré-disposição para uma depressão e vivência uma perda que foi muito difícil superar, ela pode desencadear um episódio depressivo.

### **8 – Por que é importante respeitar o processo de luto de cada indivíduo?**

Cada processo é singular. A psicologia fala de um intervalo de seis meses a um ano para que a pessoa supere essa perda, mas isso só para efeito de visualizar um período de adaptação. Tem algumas perdas para algumas pessoas que podem durar uma vida inteira, porque o nível de investimento daquela pessoa naquele ente era alto, dificultando superar aquela perda.

No trabalho foram três mulheres, todas elas vivenciaram perdas, mas nenhuma perda é igual, nenhuma reação será igual a outra, porque questões emocionais e pessoais estão envolvidas. É necessário investigarmos o que aquele ente querido que morreu representava na vida daquela pessoa, que esforços ela está fazendo hoje para se readaptar a viver sem aquela pessoa.

“Quanto mais vínculos, mais difícil. Porque o esforço que eu vou ter que fazer para me reerguer será maior”.

### **9 – Qual análise você faz dos personagens deste trabalho?**

Acredito que acabei falando um pouco dos casos de uma maneira bem ampla, por exemplo da questão de que tem alguns fatores que consideramos de risco para ter um luto complicado. O luto é normal, todo mundo que vive uma perda importante vai passar por esse processo, mas depois de um certo tempo se a pessoa não consegue voltar e adaptar a viver da forma que vivia antes da perda e começar a desenvolver alguns sintomas, como episódio depressivo, insônia, isolamento, tristeza muito profunda, afetando a vivência da pessoa com os outros, ela está evoluindo para um processo chamado de luto complicado.

O luto complicado mostra que a pessoa não consegue reorganizar a vida após ter se passado um período longo da morte do ente querido.

“Não é considerado normal que uma pessoa esteja sofrendo intensamente após passar 10 anos da morte do ente querido”.

Após um longo período a pessoa retorna a viver sua vida, ela vai lembrar do ente que perdeu, vai chorar, em algumas datas aquele sentimento se torna mais forte, como natal, aniversário e outras. Mas é esperado que a pessoa, depois de um certo processo de elaboração, lembre com saudade e não com aquela dor aguda naquele momento em que perdi a pessoa amada.

Nesses casos é necessário que a pessoa tenha uma atenção diferenciada, já é indicado acompanhamento psicoterápico para entender quais as razões que fazem com que a pessoa continue “presa” a essa dor que não passa.

Então cada caso desses específicos tem suas particularidades, como a idade em que as pessoas morreram, a morte foi causada por um acidente, de forma inesperada ou foi uma forma que a pessoa já sabia que o ente iria morrer. A forma como a pessoa recebeu a notícia, se teve velório, tudo isso influencia no processo de luto do indivíduo.

O ritual de velório é muito importante para a pessoa, pois é uma maneira de constatar que aquele ciclo encerrou, pois ela está vendo que aquele ente está sendo enterrado. O luto de uma pessoa que tem alguém desaparecido é horrível de lidar, porque não tem prova material do desaparecimento, a pessoa fica com a ideia de que a qualquer momento o desaparecido pode voltar, por conta disso a pessoa não consegue acomodar a ideia de que o ente partiu.

Cada uma dessas histórias tem um singular.

“É necessário analisar caso a caso para entender que tempo essa pessoa está vivendo, em que processo ela está no momento”.

O luto não é frescura, é necessário respeitar o espaço de cada indivíduo, pois o território de nossas emoções é algo muito delicado, não tem um tempo específico.

Precisamos valorizar a parte emocional e reconhecer que isso é uma dimensão da saúde humana é um diferencial. A perda afeta diversos níveis de nossa vida.

### **ANEXO E: Reportagem “A hora do adeus”**

*“Perder alguém é uma dor que jamais será superada, apenas amenizada com o tempo. Sabemos que um dia a morte irá chegar, mas nunca estamos preparados para este dia”.*

#### **Caroline Lima**

As pessoas nunca irão saber a hora em que a morte chegará, mas talvez pressentem o momento de partir. Falar de morte é algo complexo apesar desse fato ocorrer diariamente. As pessoas que perdem alguém querido, nunca deixarão de sentir saudade, mas o tempo encarregará de minimizar a dor que esse sentimento causa.

Artur, era um garoto cheio de vida, como dizia sua avó. Menino alto, com 1,70 metros, moreno, olhos castanhos, cabelos encaracolados, magro, tipo físico de atleta, era um eterno meninão, com 14 anos, vivendo sua adolescência.

Ele gostava de fazer coisas que os demais garotos de sua idade faziam, como jogar futebol, videogame, bater papo e falar besteiras. Aliás, o futebol era sua paixão, torcedor fanático do São Paulo e atleta de escolinha de futebol do bairro, era considerado um dos melhores. Todos os dias tinha a tradicional “pelada” e seus amigos sempre o chamava para participar, era o artilheiro do time.

Muito querido por todos, vivia rodeado de familiares e amigos, a mãe Sandra era louca pelo caçula, o tratava como um príncipe, mas quando era necessário sabia brigar. Artur tinha uma irmã, Carol, pessoa com quem vivia implicando, mas que a amava muito.

- Ei menina feia, vem servir meu café! Provocava João

- Eu não, tu que venha se servir se tiver com fome, não sou tua empregada! Respondia Carol.

Essas brigas eram rotineiras, os irmãos não eram de demonstrar carinho um pelo outro, mas no fundo se amavam. Artur tinha uma paixão, seu sobrinho Pedro Henrique. Ele amava cuidar, brincar e participar sempre da vida da criança.

Artur tinha uma vida bastante rotineira, com estudos, lições e deveres de casa, mas no fim da tarde tinha que ir a uma partida de futebol com os amigos.

- Ei tutu, vamos jogar bola! A galera já está no campo esperando a gente! – falava os amigos, escorados no portão da casa de Artur.

- Já vou, mãeeeeeee vou jogar bola! - era como o garoto se despedia da mãe.

- Vai com Deus meu filho e não volta tarde! Sempre respondia a mãe.

Assim eram os dias de Artur, até que um dia essa rotina se tornou diferente e mudou a vida de todos que conviviam com o garoto.

Era 13 de março de 2013, quando algo diferente aconteceu nessa família. Artur estava diferente, pensativo. Sua irmã entrou no quarto dele e reclamou da bagunça, pela primeira vez ele não a xingava ou mandava ela ir cuidar da vida dela. Apenas respondeu que iria arrumar, se levantou da cama e foi tomar banho.

Pedi a benção da mãe e disse que iria treinar na escolinha de futebol e depois iria passar na casa de seu pai, pois fazia dias que não o via. Horas depois retornou para casa e foi para o quarto.

As briguinhas cotidianas que tinha com a sua irmã, não ocorrerá naquele dia. Preferiu ficar em seu quarto, 4 por 4, onde tinha sua cama, ventilador, televisão e seu guarda roupa, quarto bagunçado de menino, com roupas espalhadas em cima da cama e prato sujo de comida na estante da TV, resolveu limpar tudo.

Sua mãe, chamada Sandra, uma senhora com mais de 40 anos, na maioria das vezes passava o dia fora, devido ao seu trabalho, no entanto, recentemente havia sido demitida e passara seus dias dentro de casa. Artur se dirigiu ao quarto de sua mãe e passou o resto do dia ao seu lado, o que causou espanto nela.

- Artur, está acontecendo alguma coisa contigo? Estás quieto, não quis sair hoje! – perguntou a mãe preocupada com o filho.

- Não mãe, só quero ficar em casa mesmo. Não está acontecendo nada! – respondeu Artur deitado na cama.

Como de costume, seus amigos haviam ido na casa de Artur, para que ele fosse jogar uma partida de futebol. No entanto, o garoto recusou, alegando estar cansado. As partidas de futebol dos garotos eram sempre uma disputa, poderia fazer sol ou chuva, de segunda a domingo, não importava o que havia acontecido, eles sempre estavam presentes nas partidas.

As partidas eram tão intensas que Sandra lembra uma vez em que o menino chegou com o olho roxo após jogar bola.

- Ele saía todo o dia para esse 'bendito' futebol, quando de repente, ele me aparece com o olho roxo, na mesma hora percebi e fui perguntar o que havia acontecido, ele disse que não foi nada que apenas tinha batido com o rosto na trave, a Carol foi atrás da verdade e descobriu que nessas brigas por causa de bola ele havia se desentendido com um colega e levou um soco no rosto, o garoto me escondeu a história só para eu não proibir ele de jogar futebol- lembra a mãe com um olhar de tristeza.

Naquela dia, já havia anoitecido e João não saiu de casa para nada, até o momento em que um amigo chamado Júnior surgiu na porta da casa perguntando por ele, como já era acostumado a estar na residência, foi entrando e caminhando em direção ao quarto do menino onde estava deitado assistindo uma partida de futebol.

-Ei Artur, vamos dormir lá em casa hoje? Jogar videogame! – perguntou dando soquinhos nos braços do garoto.

Júnior era um amigo mais velho de João, o rapaz já tinha 22 anos e era casada com a tia por parte de pai de Pedro, sobrinho de Artur.

Os dois sempre saíam juntos e nos fins de semana se reuniam para uma maratona de videogame, no entanto, naquela noite João não se sentia à vontade para sair. Por

muita insistência do amigo foi pedir permissão a sua mãe para dormir na casa de Júnior.

- A mamãe havia falado para o João não sair mais a noite, ele estava no quarto brincando com meu filho, quando o Júnior chegou e insistiu para que ele fosse dormir na sua casa - recorda Carol.

Após bastante insistência, Sandra deixou João partir, com aquele jeito desastrado disse que só iria pegar uma roupa, pegou seu boné e colocou sobre sua cabeça, de short fino, camiseta, sandália e a mochila, onde levava mais uma camisa e uma bermuda se despediu da mãe, irmã e sobrinho. Com um sorriso estampado no rosto, virou-se para o lado e disse que amava sua mãe, naquele momento era a última vez em que sua família via Artur com vida.

A noite não foi agradável para a família de Artur, havia algo que incomodava a mãe e irmã. Na varanda da casa, sentada esperando o namorado que viria do trabalho, Carol estava pensativa e lembrava do dia que teve com o irmão.

- Mãe, hoje o Artur estava diferente, ele veio deitar no meu colo pediu para eu tirar espinhas do rosto dele e disse que me amava! - Desabafou Carol.

- Oh Camila, para de implicar com seu irmão, é claro que ele te ama o problema é que vocês mais brigam do que demonstram algum afeto – disse a mãe andando de um lado para o outro.

Por volta de 23 horas, Roger, o namorado de Carol, havia chegado na casa. Ele sempre ia na casa da namorada após sair do trabalho.

Após ele chegar, todos entraram para a casa e cada um procurou seu quarto. A noite demorou a passar e Sandra não tinha sono, revirava de um lado para o outro em sua cama, levantou-se por duas vezes e dirigiu-se ao quarto de seu filho, no qual havia deixado arrumado pela primeira vez. Retornou ao seu quarto e tentou dormir novamente.

Como já era costume acordar cedo, devido a rotina de seu antigo emprego, às 6 horas Sandra já estava de pé, tomou banho, fez o café, arrumou seu quarto e vestiu uma

roupa básica, bermuda e camisa prendendo seus cabelos encaracolados para ir à padaria que ficava a duas quadras de sua residência.

Ao chegar na padaria, comprou pão e efetuou o pagamento no caixa. Saiu do local, e avistou próximo dali uma multidão, que se aglomerava em frente a um terreno abandonado, no entanto, ela não teve curiosidade em saber o que estava acontecendo e foi embora para sua casa.

- Naquele dia eu não havia dormido bem, acordava constantemente, por volta de 4 horas da manhã senti uma pontada no meu peito muito forte e desde então não dormi mais, quando levantei fui na padaria, eu vi aquele movimento, mas estava tão preocupada com Artur que nem me atentei em ir ver o que era - lembra Sandra.

Carol e seu filho Pedro levantaram horas depois, Roger já havia saído para resolver um problema. A mãe de Artur não saía da varanda da casa, a todo tempo olhava para o portão com a esperança de que o filho entraria a qualquer instante.

A filha ainda sonolenta indagou a mãe o que a afligia: - Mãe, está com algum problema? Desde quando acordei percebo que está preocupada.

- Seu irmão que ainda não apareceu, ele sempre costuma chegar cedo até comprei o pão para ele comer e até agora nada! Liga para o Júnior e ver se ele ainda está dormindo, diga pra ele vim embora – disse com uma voz estremecida, como se quisesse chorar.

Ao entrar em contato com Júnior, Carol foi informada que Artur já havia saído cedo da casa do amigo e que não estava mais lá. Sua mãe começou a ficar preocupada pois não tinha como entrar em contato com ele, tendo em vista que estava sem celular.

- Carol, vai lá no campinho ver se teu irmão está por lá, já liguei para o teu pai e ele disse que o garoto não apareceu hoje na casa dele.

-Deixa o Roger chegar mãe que vamos lá, mas calma não aconteceu nada ele deve estar em algum lugar – disse a filha tentando consolar a mãe, mas no fundo também estava preocupada.



Por volta de 11 horas, Roger apareceu em uma moto na casa de sua namorada, Carol pediu para que ele a levasse nos lugares em que Artur costumava ficar. Foram na casa de seu pai, sua avó, no campinho de futebol e por último na casa de uma amiga onde Artur passava os finais de tarde conversando.

- A casa da Graça foi o último lugar que decidi ir, já estava desesperada, ela me ligava toda hora perguntando pelo meu irmão. Quando cheguei lá, todos os meus amigos e do meu irmão estavam no local, pediram pra eu ter calma e sentar, não estava entendendo nada e pedi que falassem logo, foi quando veio a notícia de que em um noticiário local haviam encontrado um rapaz morto. As características batiam com as do meu irmão e entrei em desespero - chorou Carol ao contar o fato.

A casa de Júnior ficava na mesma esquina da casa de Graça, sem pensar duas vezes, Carol saiu pela rua gritando, descalça, descabelada e em prantos no sentido da residência de Junior, lugar onde Artur havia passado a noite. Bateu na porta por inúmeras vezes, até que ele apareceu, sem olhar para Carol, ele apenas baixou a cabeça e disse que sentia muito. Nesse momento, no auge da emoção, Carol começa a agredir Júnior.

- você tirou meu irmão de casa para ele morrer, como tu pode dizer que não sabe de nada para mim no telefone se tu sabia que ele havia morrido, como tu me explica isso!!!! - Gritava na rua, desesperadamente.

Ainda não haviam confirmado que o corpo encontrado era de Artur. Após brigar com Júnior, Carol se acalmou e com o auxílio de sua amiga Cláudia entrou em contato com a polícia, o agente solicitou que a moça fosse para sua casa e que ele estaria a caminho para conversar.

- Nessa hora entrei em desespero, como eu ia chegar para minha mãe e dizer que meu irmão havia morrido, eu tinha ido atrás de informações dele era para eu trazer ele, mas não morto - frisa a irmã.

No auge do desespero, Sandra que já estava preocupada com a demora de Carol, recebeu a notícia de que a polícia estava na frente de sua casa. Avisada por uma vizinha, a mãe de Artur começa a reclamar dizendo que a filha estava doida por chamar a polícia.

- Essa Carol é doida? Eu mandei ela ir atrás do irmão, não chamar a polícia!

Ao mesmo tempo em que Sandra chegava para falar com os policiais, Carol chegava em um carro. Na hora, a filha desceu aos prantos e sem condições de ser forte e procurar a melhor forma de dizer que João estava morto.

-Mãe, Mãe! Exclama Carol aos prantos. – o João morreu mãe, ele está morto, encontraram o corpo dele na rua de trás em um terreno baldio! – disse com a voz estremecida e cansada de tanto chorar.

Sandra passa mal e desmaia com a notícia, todos a levam para o quarto, quando acorda entra em desespero pela morte de seu filho.

- Nunca esqueço desse dia, foi o pior da minha vida, receber a notícia de que um filho teu está morto não é fácil. Naquele momento a única coisa que senti foi uma dor muito grande no meu coração, quando lembro que ele passou um dia inteiro ao meu lado antes dele morrer, dói demais lembrar! Hoje não tenho nenhuma dúvida de que naquele momento ele estava se despedindo de mim, quando ele pulou na bicicleta e virou para o lado com um sorriso dizendo que me amava meu coração recebeu a despedida dele desta terra – disse a mãe emocionada relembando o fato.

## **A morte**

Após a notícia chegar à família, o corpo ser encontrado e os preparativos para o velório começarem a ocorrer, foi que a verdadeira causa da morte de Artur começou a aparecer. O menino que havia sido encontrado em uma esquina antes de sua casa, foi morto com um tiro no abdômen.

Artur teria sido vítima de um assalto quando retornava para casa, era de madrugada, quando ele havia brigado com Júnior e resolveu ir embora. O amigo, que não se preocupou com a segurança do garoto, deixou com que ele partisse sem que oferecesse uma carona para o acompanhar em sua casa.

Na esquina onde seu corpo foi encontrado, Artur havia sido abordado por um homem que estava visivelmente embriagado e drogado. O homem exigiu os pertences de

Artur, como sandálias e mochila, pelas câmeras de segurança da vizinha percebesse que o garoto entregou tudo sem reagir.

No entanto, mesmo com todos os pertences em mão, o homem atira no garoto, acertando a região de sua barriga. Artur cai no chão e não resiste aos ferimentos, morrendo no local. O homem saiu correndo e até hoje não se descobriu de quem se tratava.

Vizinhos que moram próximo ao local do crime, não ouviram nada naquele dia. O corpo foi encontrado por um casal que estava em uma motocicleta, ao avistar Artur no chão e sem vida eles saíram da rua e foram em direção do batalhão de polícia que fica a poucos metros dali. Minutos depois uma viatura chega ao local e realiza o procedimento de retirada do corpo.

Essas filmagens foram vistas semanas depois pela família, que com muita tristeza lamenta tudo que aconteceu com o Artur.

- Um menino tão novo, tínhamos tantos sonhos e planos para ele. Eu nunca consegui perdoar o Júnior por se responsabilizar a cuidar do meu filho, que era de menor e deixar ele ir embora e acontecer essa tragédia. Se tudo isso aconteceu, foi por insistência dele, Artur não queria ir para casa dele, só foi porque ele ficou pedindo. Hoje, olho para minha filha e meu neto e não me sinto completa, sempre vai faltar meu filho - concluiu a mãe.

Carol sente até hoje a falta do irmão e se vê na obrigação de cuidar com muito amor de sua mãe, que depois de muita batalha, conseguiu sair da depressão após a morte do filho.

- Já faz 4 anos que isso tudo aconteceu, carregar essa notícia foi muito difícil. Lembro que todos me proibiam de chorar pela morte do Artur, pois eu deveria ser forte ao lado da minha mãe, na época ela nem conseguia me olhar pois me culpava por sempre vivermos brigando, e isso me machucava muito. Se eu pudesse voltar atrás faria tudo diferente, aproveitaria mais meu irmão, diria que o amava sempre e demonstraria o quanto ele é importante na minha vida. Nossas vidas mudaram completamente depois disso, minha atenção com minha mãe redobrou, pois ela teve princípio de depressão e tive que lutar muito para reverter a situação, tudo que faço hoje é exclusivamente

por ela, pois não suportaria uma outra perda. Me perguntam se eu não canso dessa rotina e sempre respondo que eu sou a única filha e não me arrependo de nada que faço por ela, pois sei que onde o Artur estiver ele sempre vai me dar forças para seguir essa caminhada - disse Carol.

#### **ANEXO F: Reportagem “Carnaval sem confetes”**

*“Para muitos a festa é vista como sinônimo de alegria, mas para mim esse período só me traz a recordação da filha alegre e espontânea que perdi por conta de um crime bárbaro”.*

#### **Caroline Lima**

Em uma vila de quitinetes, numa pequena sala, sentada em um sofá, de pernas cruzadas e com o olhar distante, Ina Maria Marques, uma senhora de 55 anos, relembra de um acontecimento que mudou a sua vida.

De óculos escuros, não se permitia olhar em seus olhos, não deixava que percebesse sua expressão, ao relatar que teria acontecido em sua família há 15 anos atrás. Com o rosto fixo para o canto da parede, Ina Marques relembra a perda de sua filha.

Era noite de carnaval, de festejo, barulho, gritos e milhares de pessoas pelas ruas, todos com o mesmo objetivo celebrar mais uma noite. Para uns, o momento é lembrado por diversão, bebedeira, dança e brincadeiras até o dia amanhecer, para Ina Marques o período não traz nenhum desses sentimentos.

Em uma terça-feira, 13 de fevereiro de 2002, feriado de carnaval, as ruas de Macapá estavam movimentadas, várias pessoas fantasiadas com o objetivo de ver a maior banda desfilar pela cidade.

Ali na orla de Macapá, ponto de concentração das pessoas, onde todos dançam e comemoram o último dia de festa aconteceu a maior tragédia da vida de Ina. Sua filha, a primogênita de sete filhos, cheia de vida para dar e vender, foi vítima de uma grande crueldade, que até hoje atingi a população, o assassinato.

Regiane Marques Tavares que tinha 21 anos era uma mulher linda. Casada, mãe de dois meninos, ela queria apenas se divertir, no entanto, não sabia que seu destino acabaria em uma das festas que mais gostava de se divertir, na noite de carnaval.

Um dia antes do feriado de carnaval, Regiane foi visitar sua mãe. Ina, sentada na entrada de sua casa, de madeira, em uma área de ressaca, avistou sua filha de longe.

-Lá vinha Regiane, alta, com 1,70 de altura, cabelos enrolados compridos, pretos, pele morena, moça bonita e sempre com um sorriso no rosto, era sempre assim que víamos ela.

Entusiasmada, a filha chega dando um beijo na mãe, que chamava de Ina e na avó a qual chamava de mãe por ter sido criada por ela.

- Oi família! Inaaaa – diz com uma voz animada – tu vai para a banda amanhã? Se divertir, olhar o povo passar, é o último dia de carnaval, vamos lá acompanhar? - Perguntou Regiane com esperança da resposta ser sim.

-Ah Regiane, vamos! Passa aqui e me pega – havia combinado Ina Marques com a filha.

Após acertar tudo, a filha continuou na casa a fazer companhia para sua família. No dia seguinte, feriado de carnaval, Regiane escolheu uma roupa cheia de brilho para acompanhar o desfile da banda. Com o cabelo cheio de adereços e com uma maquiagem extravagante, ela chegou na casa da mãe para que juntas pudessem ir se divertir.

Ao entrar na casa, viu Ina deitada na cama e estranhou por não estar arrumada.

- Vixe, tu ainda está assim Ina? Vai logo te arrumar para a gente ir logo! – Disse Regiane pegando no braço de Ina Marques.

- Ah Regi, não vou mais, estou muito gripada e sem condições de sair – disse Ina.

- Então eu vou, até mais tarde! Te cuida – saiu Regiane animada para o grande festejo.

Foi a última vez que Ina havia visto a filha viva, ela lembra que Regiane saiu pela rua animada e alegre, dançando e pulando ao som de um carro que tocava ritmo carnavalesco em direção à concentração da banda. Seu marido estava trabalhando e não pôde ir, por isso ela acabou indo sozinha para a festa, sem imaginar que aquele destino mudaria a vida de muitas pessoas.

Chegando na concentração da banda, a jovem encontrou com algumas amigas e iniciaram a diversão. Regiane dançava, cantava, brincava e interagia com as amigas e foi assim do fim da tarde até por volta de meia-noite, quando sua comemoração tomou um rumo diferente.

De repente, quando o circuito da banda terminou e todos os brincantes ficaram na orla de Macapá, Regiane e as amigas resolveram parar para descansar. Encostada na parede de uma antiga lanchonete, a jovem ficou repousando enquanto as amigas teriam ido para outro lugar. Na ocasião, três mulheres se aproximaram de Regiane e começaram a agredir verbalmente e fisicamente.

Apesar da multidão, ninguém presenciou o que realmente teria acontecido naquele momento, os poucos que viram afirmaram que as jovens pareciam estar discutindo e minutos depois Regiane teria caído no chão enquanto as três mulheres fugiam. Curiosos se aproximaram e viram que as mulheres desferiram três facadas em Regiane.

Pouco se sabe o que de fato aconteceu com Regiane durante a passagem da banda, mesmo após ter se passado 15 anos do acontecido. Ina, com um tom de tristeza, entrelaçando os dedos e o rosto fixo para a parede, com o ar de quem ainda tenta entender o que de fato teria acontecido naquele dia.

- Não havia nenhum conhecido nosso, a única coisa que sabemos é que ela estava na companhia de algumas amigas, que na hora do assassinato não estavam por perto  
- lamenta Ina Marques.

### **A notícia**

Após o ocorrido, populares acionaram a polícia e o atendimento médico, em busca de salvar Regiane, mas horas depois ela faleceu. Familiares e amigos ainda não sabiam

o que tinha acontecido. No entanto, Ina lembra que demorou a dormir naquela noite, a sensação ruim e o aperto no peito fez com que rolasse várias vezes na cama. Após muita insistência, finalmente conseguiu descansar por algumas poucas horas.

No dia seguinte, quarta-feira de cinzas, o silêncio reinava na cidade, ruas vazias, apenas os garis limpando a sujeira deixada durante o festejo da Banda. Ina levantou-se para ir trabalhar, sem ainda saber o que teria acontecido com Regiane.

O costume de ouvir as notícias pela rádio enquanto se arrumava não havia praticado naquele dia, a pressa de chegar ao seu local de trabalho fez com que ela se desligasse do mundo.

Com muita aflição e sem entender porque estava com aquela sensação, Ina, que trabalhava de empregada doméstica, deu início a mais um dia de batalha. Por volta de 12 horas seu telefone toca, era sua sobrinha que ligará para lhe dar a notícia.

-Alô? Quem fala? – pergunta Ina com sentimento de notícia ruim

- Tia? É a Brenne, você está no trabalho? Preciso conversar com a senhora – O tom era de choro, não conseguia controlar a emoção de dar a fatídica notícia.

- O que houve? O que está acontecendo? – Questionava Ina Marques

- Tia, a Regiane...

-O que aconteceu – interrompe Ina desesperada

- Encontraram ela morta na Banda! - Disse Brenne com a voz embargada

E fez-se um silêncio que por segundos parecia uma eternidade.

- Tia? Está me ouvindo? – Perguntou Brenne com tom de preocupação

-Sim, estou indo para casa – responde Ina em estado de choque.

Ina Marques não deixa transparecer seu sentimento, busca repassar a imagem de uma mulher forte. Mas suas pernas inquietas, balançando constantemente e o rosto

sempre fixo para um lado da casa, não olhando para mim enquanto relembra a perda de sua filha, só retrata o quanto essa lembrança faz com que ela sofra.

- Às vezes me pego pensando como eu deveria ter recebido essa triste notícia. Todas as manhãs eu ligava o rádio para escutar as notícias do dia, mas nesse dia eu lembro que eu não liguei o som, porque se eu tivesse feito isso tinha escutado o nome dela na rádio. Os vizinhos escutaram o nome dela, mas parece uma coisa, eu já fui saber no meu trabalho o que tinha acontecido – relembra.

Ainda sem acreditar no que sua sobrinha havia lhe falado, Ina chega em casa buscando pela sua filha. Ao entrar na residência, os familiares estavam reunidos na sala, com olhos inchados de tanto chorar e pensativos em um grande silêncio, era como se não tivesse ninguém ali.

Ina Marques andou por toda casa em busca da filha, foi quando sua sobrinha Brenne lhe abraçou e disse que Regiane estava morta. Neste momento, Ina conta que não teve reação, só ficou parada olhando para o rosto da sobrinha.

Preocupada, a irmã de Ina Marques fez com que ela sentasse e tomasse um calmante, mas ela rejeitou o remédio e perguntou o que havia acontecido com a filha.

Sem muitas informações, a tia e sobrinha contaram que os vizinhos escutaram no rádio o nome de Regiane sendo anunciado como vítima de homicídio. A polícia também procurou a família para informar o ocorrido.

- Não lembro de muita coisa ao chegar em casa naquele dia, pois parecia que não era eu que estava ali apenas meu corpo. Pelo que me falaram, ela levou três facadas, por volta de 23h30. Chegou a ser levada para o hospital mas faleceu por volta de 1h da madrugada – contou Ina Marques tentando lembrar de detalhes do dia.

Ina Marques diz que receber a notícia da perda de sua filha foi um choque muito grande, mas enfrentou toda a tragédia firme e sem demonstrar que estava sofrendo.

-Senti muito pela perda, chorei, mas não me medicaram porque fui até o fim do velório aguentando o que estava sentindo. Não tem dor maior do que ver tua filha sendo enterrada e sem entender o que aconteceu! – Disse inconformada.



A mãe relembra tudo que acontecera dias antes da filha falecer.

- Eu senti uma despedida da minha filha, foi no domingo de carnaval, quando ela havia ido para casa com o marido dela para lavar roupa.

Na ocasião, a avó de Regiane emprestou uma tesoura para que ela cortasse uma calça do marido, para fazer bermuda. Após isso, ninguém mais achou a tesoura, que acabara fazendo com que Regiane levasse a culpa pelo desaparecimento da ferramenta.

-Deixe vovó, eu vou comprar uma tesoura para a senhora, mas essa é a última vez que eu vou pedir alguma coisa de alguém – disse indignada.

Ina Marques diz lembrar da cena como se fosse hoje.

-Isso que eu sempre lembro sabe assim quando ela falou isso, fiquei com aquilo no pensamento, parecia uma despedida quando ela disse que nunca ia pedir mais nada de ninguém - frisou dona Ina.

Uns três dias depois da morte dela, Ina limpava a estante da sala de casa e achou a tesoura atrás de um aparelho.

-Parece uma coisa que até hoje não consigo esquecer disso, já havíamos revirado a casa toda e não encontrávamos a tesoura. Eu fico pensando todas as noites que ela chegou a se despedir de nós, quando falou isso. Quando disse que nunca mais iria pedir algo de ninguém, de fato aconteceu, pois morreu dois dias depois sem pedir algo – lamenta, abaixando a cabeça e olhando para sua mão.

Dentre as maiores lembranças que Ina tem de sua filha é a bondade que ela tinha em seu coração.

- Eu lembro de tudo, como Regiane era uma ótima filha, querida pelos outros irmãos, amável e muito carinhosa, principalmente comigo. Todo dia eu lembro do jeito dela, como ela era, eu não consigo esquecer nenhum dia o jeito dela, muito boa sabe? – disse Ina Marques se virando para mim.

Regiane tinha dois filhos, um com 6 anos e outro com 3 anos. Após sua morte, o menino de 6 anos foi morar com a avó paterna dele e o menino de 3 anos foi criado por Ina Marques, que disse ter sido uma fase difícil, pois tudo que via em seu neto lembrava da filha.

- Pelo fato de ser pequeno, ele se acostumou a me chamar de mãe e não tem lembrança de Regiane.

Ina Marques relata que até hoje não sabe ao certo o que de fato aconteceu com sua filha naquele dia 13 de fevereiro de 2005. A única coisa que sabe é que três moças desferiram facadas em sua filha, sendo que duas seguraram enquanto a outra desferia os golpes.

-A Justiça é muito falha, apenas uma foi presa, mas depois de um tempo foi liberada. Eu acredito na Justiça de Deus, que tudo um dia será explicado e esse sentimento de não saber o que aconteceu irá acabar.

Para Ina Marques, se Regiane estivesse viva seria a mesma pessoa de 15 anos atrás.

- Ela era trabalhadora, muito responsável, tudo que fazia era bem feito, e tudo que pedíamos para ela fazer não pensava duas vezes em ajudar. Uma pessoa alegre que conquistava todo mundo. Com um tempo, a dor, a angústia, o sentimento de perda vai diminuindo, restante só as lembranças e saudades dela. Quando vejo todos os meus filhos reunidos imagino como seria se ela estivesse ao nosso lado.

#### **ANEXO G: Reportagem “O rompimento de uma família”**

*“É impossível olhar para meus filhos e me sentir 100% completa, por que sempre vai faltar aquele espaço, que só pode ser preenchido por minha filha, que não está mais aqui comigo”.*

#### **Caroline Lima**

A perda de um filho jamais será superada por uma mãe, principalmente pelo fato de nós seres humanos entendermos que os mais velhos sempre serão os que partem primeiro, é o que manda a lei da vida. Ver um filho partir antes de uma mãe, é uma dor que ninguém poderá entender além dela.

Em uma manhã chuvosa, na pacata cidade de Macapá, Maria, sentada no sofá de sua pequena casa, de alvenaria, construída com maior esforço para sempre dar o melhor para seus filhos, conta como foi que sua vida mudou. Na sala, vejo uma pequena estante com diversas fotos que representa várias fases de sua vida, entre elas, fotografias de Daniele, sua filha caçula, repassando um pouco da imagem da menina meiga e amável, no auge de sua adolescência, onde teria muita coisa para viver.

Maria, uma senhora de 55 anos, mãe de seis filhos, morena, baixa de cabelos pretos, mas em algumas partes embranquecidos pela idade, conta um pouco sobre a perda de sua filha. Com o olhar entristecido voltado para a fotografia da filha, aparenta buscar lembranças e explicações para o que aconteceu há 10 anos.

Alegre, espontânea, estudiosa e dedicada, essas são as principais características ditas por Maria para definir sua filha Daniele, morena, baixa com aproximadamente 1,55, tinha cabelos compridos e pretos. Com 17 anos, estava grávida de seu primeiro filho, uma linda menina que já era muito amada desde o ventre da mãe.

- Daniele era uma ótima filha, querida por todos da família, tinha aquela mimação por parte dos irmãos, mas sem muita tolice. Estudiosa, muito inteligente, estava no primeiro ano do ensino médio, estudava no Colégio Amapaense. Os professores gostavam muito dela, ela era uma ótima aluna. Em casa, ela era de fato uma dona de casa, fazia de tudo e muito bem feito, desde uma louça para ser lavada, um almoço até uma faxina completa – ressalta Maria, olhando para a foto da filha, ao lado da televisão.

Em uma quinta-feira, 3 de maio de 2007, uma tarde ensolarada, Maria e seus filhos estavam em sua pequena casa, na baixada do Perpétuo Socorro, deitados em um assoalho de madeira para se refrescar de um dia calorento, quando a vizinha de Maria chamou por Daniele.

- Dani, vem aqui em casa pegar um pouco de risoto para você comer!

Daniele que estava com quase nove meses de gestação, teria sua filha depois do dia 12 do mês, com muito sacrifício se levantou do chão, ajeitou seu vestido e foi na casa da vizinha pegar o risoto que ela havia lhe oferecido.

Após ficar um tempo na casa da vizinha, Daniele retornou para sua casa assustada com o que havia lhe acontecido.

- Mamãe, pois a senhora acredita que o gato da vizinha me mordeu? - Falou com um tom de indagação.

Maria relata que se surpreendeu com o que a filha havia lhe falado, pois o gato da vizinha era bastante manso e nunca havia arranhado e mordido alguém. Com expressão de surpresa por até hoje não acreditar no que havia acontecido, ela se vira para o meu lado, tocando em minha perna:

- Neste dia parece que foi uma coisa, foi morder justo ela! – disse Maria.

Quando Daniele contou o que o gato havia feito, Maria imediatamente pediu para a filha lavar o local ferido com sabão grosso e água corrente.

- Mas quando que eu iria imaginar que ela morreria por causa de uma mordida de gato, se ao menos passasse pela minha cabeça uma coisa dessa não tinha mandado ela somente lavar o local ferido, teria ido imediatamente com ela para o médico. Mas é aquela coisa, eu que não tenho muito estudo não tinha conhecimento da gravidade que era a mordida – lembra Maria.

Alguns dias se passaram, e então num sábado Maria, que trabalhava de doméstica em uma residência no centro de Macapá, chegou em casa depois de mais um dia de batalha quando encontrou Daniele deitada em uma cama, embrulhada em cobertores ardendo em febre. Ela preocupada com a filha, que já estava quase para ganhar neném, perguntou se queria ir para o hospital ver qual era o motivo da febre.

- Não mãe, só estou com febre e meu pé está inchado, mas já vai passar! – Disse Daniele.

Maria conta que pelo fato de achar que era somente uma febre, tipo virose, ela não se preocupou em levar a filha no médico e deixou a filha descansar. Horas depois a febre passou e Daniele não reclamou mais de dor.

No domingo à noite, Daniele teria ido dormir na casa de sua tia, para ficar com seus primos. De acordo com Maria, ela sempre dormia lá nos fins de semana, pois sua tia saía para a festa e pedia para ela ficar lá cuidando das crianças.

Na manhã de segunda-feira, por volta de 10:30, Maria foi até a casa de sua irmã para chamar Daniele, que deveria ir para casa fazer os deveres e se alimentar.

- Quando eu cheguei na porta da casa da minha irmã eu chamei pela minha filha, quando vi pela janela, ela estava se debatendo no chão, toda babada, parece quando o gato morre envenenado, ela fazia um barulho estranho, não respondia aos meus chamados – contou Maria com lágrimas nos olhos.

A cena desesperadora fez com que Maria ficasse em choque por alguns segundos. A porta da casa estava trancada então Maria começou a gritar para que seus sobrinhos abrissem a porta.

- Pelo amor de Deus, abram esta porta! A Dani está chocada no chão, corre menino!

Ao abrir a porta, Maria saiu correndo em direção a filha a pegou em seu colo gritando para que ela tivesse alguma reação. Percebendo que ela não respondia, a mãe saiu desesperada pela rua em direção a sua casa para pedir ajuda aos seus outros filhos. Chegando lá, um dos seus filhos e um amigo que estavam na casa foram ajudar.

- Meu filho, corre! Dani está ali no chão da casa da sua tia, não sei o que houve, mas ela não me responde, só está babando muito.

Imediatamente, vizinhos que acompanhavam o desespero da mãe chamaram um carro para levar Daniele para a maternidade. A adolescente foi levada às pressas para a maternidade acompanhada de seu irmão, pois Maria estava muito nervosa e não tinha reação nesse momento.

Com uma expressão triste e com a cabeça inclinada para baixo, Maria olha para as suas mãos e fala que a filha morreu antes de chegar na maternidade para receber atendimento.

- Meus vizinhos já haviam me dado água com açúcar pois estava muito nervosa, foi quando eu recebi a ligação do meu filho me dando a triste notícia de que minha caçula

havia morrido antes de chegar na maternidade para o médico olhar ela – Nesse momento, Maria pega uma toalha de rosto que estava no sofá e começa a enxugar as lágrimas que caem de seus olhos. Eu, sem palavras, lamento cabisbaixa o que havia acontecido com a filha e pego em sua mão para mostrar minha solidariedade.

Perguntada sobre a bebê que estaria a caminho, Maria disse que nem a criança foi possível salvar. Já era tarde para as duas.

- Os médicos não conseguiram salvar a bebê, eles falaram que se a gente tivesse levado no dia em que o gato mordeu talvez tivesse conseguido salvar ela ou a criança. Mas a gente nunca imagina que vai acontecer uma tragédia dessa.

A família jamais imaginaria que uma mordida de gato iria tirar a vida de Daniele e conseqüentemente da criança, pelo fato de já estarem acostumados a conviver com o animal doméstico.

- Depois de um tempo é que fomos pensando que se tivéssemos tomado às providências necessárias talvez minha filha e minha neta não tivessem morrido. Mas já passou, não tem mais como voltar atrás.

A causa da morte de Daniele foi diagnosticada como Doença da Mordida de Gato, que é causada pela bactéria *Pasteurella Multocida*, encontrada na saliva de quase 90% dos felinos e a infecção precisa ser tratada com antibióticos.

- O médico falou que quando a mulher está grávida, ela está mais vulnerável a qualquer situação. Então se qualquer bicho morder ela, o risco de contrair alguma doença é maior do que em pessoas que não estão em gestação. Como o gato mordeu ela e não tomamos providência, a infecção afetou a criança e daí resultou na morte dela e da bebê.

Maria conta que foi extremamente triste receber a notícia de que Daniele morreu. Para ela, a menina que se tornava mulher tinha muito o que viver, principalmente com sua filha que estava a caminho.

- Ela era minha filha caçula, Deus o livre eu por ela! Tudo que eu fazia era pensando nela, então para mim foi um choque, uma perda insuperável, extremamente triste.

Apesar de estar grávida, Daniele não casou com o pai da criança, apenas mantinha um relacionamento de namoro. Segundo Maria, o rapaz sempre foi apaixonado pela filha e pela neta, para ele a morte de Daniele foi um choque muito grande e que ainda não conseguiu superar.

- Ele gostava muito dela, até hoje chora por causa de Daniele, pois ela foi a primeira namorada dele e ele o primeiro namorado dela. Por conta disso, ele sofre bastante, nunca ouvi falar que ele se envolveu com outra mulher, ele sempre fala que a única mulher da vida dele será Daniele. Toda semana ele vem aqui em casa conversar comigo, com meus filhos, parece que ele sente a presença dela quando está aqui.

### **A despedida**

Maria olhando fixo para o retrato de Daniele conta que sentiu a filha se despedir da mãe meses antes de morrer. Em março de 2007, a jovem teria sido convidada para o aniversário de 15 anos da irmã de seu namorado.

- Ele havia me pedido para levar ela no aniversário, só que como ela era nova, estava grávida, eu não aceitava muito o relacionamento deles e não deixei ela ir. Nós que somos mãe, sempre queremos proteger nossos filhos e decidir o que é melhor para eles. Ele não era uma má pessoa, pelo contrário, a tratava super bem, mas ninguém conseguia fazer com que eu aceitasse a relação deles.

Maria recebeu o convite de aniversário, mas resolveu não ir e nem deixar Daniele ir, o que deixou a filha chateada.

- Poxa mamãe, a Socorro está lhe chamando para ir no aniversário da filha dela, a senhora não quer ir?

- Eu já falei que não quero ir, tu sabes que eu não gosto do teu namorado – disse Maria implicando o namorado da filha.

- Poxa, o pessoal do meu namorado me convidou com toda alegria, por que a senhora não vai?

- Eu não vou Dani, eu não quero ir, já te falei que não quero ir para essa festa!

- Poxa mamãe, a senhora não quer ir, estou te pedindo. Um dia a senhora irá sentir muito minha falta, a senhora vai ver.

Olhando para mim, Maria fala que essa frase marcou a vida dela, pois nunca esqueceu o que Daniele havia lhe falado. A filha chegou a dizer que a mãe ainda ia chorar muito e sentir a falta dela.

- Eu fico pensando, parece que ela estava se despedindo de mim. E de fato se concretizou, chorei bastante com a morte dela e até hoje sinto falta da minha caçula – lamenta Maria.

O trauma de ter perdido a filha tão nova fez com que Maria se preocupasse sempre com os demais filhos, a proteção divina é o que mais pede em suas orações diárias.

- Até hoje eu rezo, peço para Deus proteger meus cinco filhos que ainda estão vivos, para que tenham uma vida próspera e que ainda não partam dessa terra. Pois é uma coisa muito triste, porque nunca esquecemos, a gente se faz de forte no dia a dia, mas é uma coisa que só será superada talvez no dia em que morremos, porque é uma perda que não dá para esquecer.

Apesar de ter passado 10 anos da morte de Daniele, Maria diz que ainda sofre muito com a falta da filha e que lembra dela e do seu jeito em quase tudo que faz, principalmente quando a família está reunida.

O natal é uma das épocas mais difícil para Maria, pois era o período em que saia com Daniele para fazer compras e realizar as vontades dela.

- Ela me faz muita falta, mas nessa época a saudade é tremenda, por que eu lembro que sempre saíamos para comprar as coisas da ceia, as roupas dela. Nesta época, eu fazia todas as vontades dela, o gosto da roupa, do sapato, era ela que escolhia.

Apesar do sofrimento que passou, Maria disse que conseguiu se reerguer e levar sua vida adiante com seus cinco filhos e agora com os netos.

- Eu continuo levando minha vida, meus cinco filhos, todos homens, já estão grandes, tenho netos e vou seguindo com a família. Mas é impossível olhar para eles e me



sentir 100% completa, porque sempre vai faltar aquele espaço, que só pode ser preenchido por minha filha, que não está mais aqui comigo.

#### **ANEXO H: Reportagem “Sem beijo de bom dia”**

*“Ele partiu sem ao menos dar seu beijo de bom dia, como fazia todos os dias, meu companheiro de todas as horas, sempre estava ao meu lado, com aquele sorriso lindo que encantava a todos que o conheciam”.*

#### **Caroline Lima**

Quando nos tornamos mãe conhecemos o verdadeiro sentido da vida, o verdadeiro amor. Por causa daquele pequeno ser nos tornamos fortes, ferozes e capaz de lutar contra tudo e todos. Os filhos crescem e nem por isso deixam de ser os “bebês da mamãe”, a vontade que temos é guarda-los em baixo de nossas asas para proteger de tudo que possa vir a machuca-los, infelizmente nem sempre as coisas acontecem como desejamos.

Maria Célia, uma senhora de 55 anos, teve quatro filhos, três rapazes e uma moça. Seu amor por eles sempre foi incondicional, a vontade de protege-los sempre existiu e por isso batalhou muito para cria-los e não deixar que nada de ruim acontecesse em sua família.

Ela considera os filhos como seus melhores amigos, aqueles que ela sempre pode contar além de ajudar a recarregar suas energias. De todos, o filho caçula, Emanuel Cordeiro da Silva Júnior, era o mais agarrado com Célia.

Um moreno forte, de altura mediana, cabelo crespo e sorriso largo, era o bebê da mamãe. Em plena adolescência, com 16 anos, o garoto era o xodó da família, especialmente de Célia. Apesar da idade, ele ainda dormia com a mãe, gostava de deitar em seu braço e encaixar seu rosto no pescoço dela, só para sentir aquele cheiro suave da colônia que usava.

Um eterno menino, assim o consideravam, não havia ninguém que não se encantava por aquele lindo sorriso, largo de orelha a orelha. Brincadeiras e demonstração de carinho eram as principais qualidades de Emanuel, especialmente com a mãe.

- Ele me chamava muito de “minha velha” e gostava de bater no meu bumbum. Se ele dava dez voltas por mim, dez vezes ele me abraçava e me beijava. Não era só comigo, com as cunhadas dele também, sempre foi muito carinhoso – lembra Célia, sentada em uma cadeira de plástico branca, observando as pessoas que passavam na frente de sua casa.

Segundo a mãe, os dois tinham um ritual de comunicação antes dela sair todas as manhãs para trabalhar de empregada doméstica. Muito vaidosa, ela sempre passava um batom na boca antes de ir para mais um dia de batalha, mas antes ia na sua cama e dava um beijo no rosto de Emanuel, que ao acordar olhava no espelho para ver se a mãe havia deixado seu beijo de bom dia.

- Desde quando ele nasceu eu peguei esse costume, quando não era beijo eu escrevia um bilhete dizendo que estava indo para o trabalho e no fim dizia que o amava e beijava o papel, deixando na frente do espelho para ele ler – diz ela fazendo gestos com a mão para demonstrar como era o beijo deixado na carta.

Emanuel tinha uma rotina básica, pela manhã ficava em casa treinando no seu violão, pois adorava tocar. Após o almoço, ele ia para o curso que fazia na Casa Brasil, quando chegava tomava banho e ia para a escola, onde cursava o segundo ano do ensino médio. Apesar de um dia intenso, Emanuel gostava de finalizar sua noite com uma partida de baralho entre os amigos. Sempre retornava para casa por volta de 23h e se demorasse Célia, protetora do jeito que era, ia atrás do filho ver se estava tudo bem.

- Emanuel sempre foi caseiro, a rotina dele era curso, escola e casa. A única coisa que ele tinha era o hobby de jogar baralho, quando via que demorava a retornar para casa eu ia atrás dele, mas nunca briguei, só tinha preocupação com ele para que nada acontecesse.

Nessas idas atrás do filho, Célia conta que a volta para casa era sempre uma verdadeira palhaçada. Cada um em uma bicicleta, Emanuel gostava de provocar a mãe e ficava propondo uma corrida.

- Vamos velha! Tu não tens força para pedalar nessa bicicleta? Tenta chegar primeiro que eu, vai, força! Está idosa já, né? – Ele provocava a mãe rindo alto na rua

- Filho de uma mãe, deixa eu chegar em casa que tu vais me pagar. Fica tirando graça com a minha cara – respondia e logo em seguida dava um sorriso para o filho.

Célia diz que ninguém via a bagunça deles ao voltarem para casa, em muitas vezes, nenhum dos outros filhos a via saindo para ir buscar o caçula.

E todos os dias eram assim a rotina dos dois, Célia dava um beijo e saía para trabalhar retornando somente no fim da tarde e Emanuel ia para o curso, para a escola, as vezes ia jogar um baralho e retornava para casa para enfim dormir com a mãe. E assim foi até o dia 1º de junho de 2013.

Célia jamais imaginou que sua vida iria virar do avesso depois desse dia, tudo aquilo que era uma rotina agradável para ela, hoje em dia são apenas lembranças.

Era fim de tarde de uma sexta-feira, 31 de maio de 2013, Célia chegava de mais um dia do trabalho, na ocasião, resolveu parar na casa da irmã para visitar os familiares que teriam vindo de outro município.

Alguns minutos depois chega Emanuel, abraçando todos que estavam na casa e com aquele jeito brincalhão falou para a mãe:

- Ah velha, tu estás aqui, né! E eu te esperando em casa, bonito hein! – Abriu-se na gargalhada.

- Sim bonitinho, vim visitar tua tia! – Retrucou a mãe. Após olhar como Emanuel estava vestido, a mãe continuou - Você está muito bonito hoje, meu filho! Está cheiroso, está lindo.

Ele sem graça, apenas riu do que Célia havia dito. Algum tempo depois, mãe e filho foram junto para casa. Chegando lá, Emanuel disse a mãe que iria dar uma volta com os colegas, mas que não iria demorar.

Nessa volta, ele e os colegas chegaram no rodeio, um evento que estava sendo realizado a poucos metros de sua casa. Já se passava de meia-noite e Célia preocupada com Emanuel que ainda não havia chegado, ela já tinha ido no lugar onde ele joga baralho, mas não havia encontrado seu filho. Estranho ele não ter chegado, pois nunca teria passado a noite na rua, então Célia pede para sua nora,

esposa do seu filho mais velho ligar para Emanuel e ver onde ele estava. Quando ele atendeu o telefone a mãe falou:

- Você vai demorar meu filho? – Perguntou

- Não velha, eu vou dormir aí com a senhora hoje, daqui a pouco estou indo! – respondeu o filho.

- Então tá, vou te aguardar – respondeu a mãe.

Célia foi na frente de sua casa, tirou o cadeado do portão e deixou apenas encostado para que Emanuel entrasse. A madrugada passou e o dia chegou, era 6:15h da manhã quando o filho entrou em casa, calmo, de cabeça baixa e sem falar nada.

A mãe não viu a hora que ele tinha entrado, só já o avistou na rede do quarto deitado. Por volta de 7h ela estava terminando de se arrumar para ir trabalhar. Devido a pressa, ela não deu pela primeira vez o beijo de despedida no filho, que ainda estava acordado, deitado de pernas abertas na rede observando a mãe saindo de casa.

- Eu lembro que nesse dia foi a primeira vez que eu não havia dado o beijo matinal que sempre dava nele. Ele ficou me olhando sem dizer uma palavra e eu na pressa saí sem dizer um até logo, nem dei um abraço nele ou perguntei por que ele tinha chegado naquele horário, o que tinha acontecido. Simplesmente sai do quarto sem falar nada e ele apenas me olhando de forma triste e pensativo.

Célia conta que ao sair no portão de sua casa, ela olhou para o céu, viu o tempo nublado e pensou se iria chover. Alguma coisa dizia para ela ficar em casa, mas acabou indo trabalhar.

- Meu coração pedia para eu não ir embora para o trabalho, mas minha consciência dizia para mim ir. Deixei a bicicleta no pátio e entrei em casa novamente no quarto e ele estava na rede deitado, continuou me olhando sem falar nada. Eu não troquei uma palavra com ele naquela manhã – relembra a cena com expressão de que não entende por que a saída para o trabalho havia sido tão difícil.

Seu filho mais velho estava na frente da casa se arrumando para também ir trabalhar. Célia o abençoou e subiu em sua bicicleta para ir para mais um dia de batalha. Por

ser sábado, ela ia somente arrumar as compras da semana e lavar umas louças na casa de sua patroa, para depois retornar para sua casa.

Fazia 15 minutos que tinha chegado no trabalho, sua patroa estava no banho enquanto Célia pegava as compras em cima da mesa para guardar. De repente ouviu alguém bater palmas na frente da residência, Célia parou o que estava fazendo e foi verificar quem estava na frente da casa.

Um homem mediano, moreno, aparentando ter mais de 30 anos perguntou se era naquela casa que trabalhava a Célia.

- Você que é Célia? – Perguntou o homem apontando o dedo para ela.

-Sim – respondeu ela.

- Você que mora naquela casa próximo à Tancredo Neves, que tem um bar? – Perguntou novamente o desconhecido.

- Sim, eu moro lá – respondeu Célia preocupada com o leque de informações que o homem já tinha sobre ela.

- Quando você saiu da sua casa estava tudo bem com sua família? – Enfatizou o homem.

- Claro que está – Disse Célia com tom de afirmação.

-É, mas agora não está – ironizou o desconhecido.

- Por que você está falando isso? - Perguntou Célia assustada.

- Porque seu filho está morto lá atrás – disse o homem da forma mais natural possível.

Célia sem acreditar no que havia acabado de escutar, não teve outra reação a não ser dizer que o homem estava mentindo e fazendo uma brincadeira de mal gosto.

- Você está doido? Mentira sua, na minha casa está tudo bem! – Disse indignada com o homem.

- Então pegue, convide sua patroa e vão na sua casa para vocês verem que está cheio de gente e de polícia lá – finalizou o homem virando a costa e indo embora.

A patroa de Célia escutou o alvoroço na frente de sua casa e correu para ver o que havia acontecido. Chegando no pátio, ela viu Célia parada, tremendo sem entender o que havia acontecido.

Célia explicou o que havia acontecido para sua patroa, ela, por ser médica, deu um calmante para a empregada.

- Célia, toma esse remédio, está muito nervosa. Esse cara deve ser doido, não aconteceu nada na sua família, mas para que você fique mais tranquila eu vou terminar de me arrumar aqui e te levo lá para ver que está tudo bem. - Disse a patroa que imediatamente correu para o quarto e se arrumou.

As duas entraram no carro e foram em direção a casa de Célia. No caminho, a empregada estava achando muito estranho a história que o homem havia contado pois ninguém da sua família havia ligado para dar notícias de alguma coisa. Ela ainda ligou para os filhos e ver o que estava acontecendo, mas ninguém atendeu.

Ao subir a ladeira ela enxergou uma grande movimentação na frente de sua casa.

- Meu Deus, aconteceu alguma coisa aqui.

Foi nesse momento que ela acreditou no que o homem estava falando, mas ainda não sabia de qual filho se tratava. Antes de entrar na casa, Célia conta que a primeira coisa que veio em sua cabeça foi que seu filho mais velho, Mickey, estava morto. Célia conta que pensou nisso, pois Mickey havia se envolvido com uma mulher e quando terminaram ela o ameaçava de morte.

- Ele foi o primeiro que veio na minha cabeça, pois essa mulher prometia muito que ia matar ele. Além de que ele era o único que estava na frente de casa acordado quando sai para trabalhar. – Disse Célia pensativa, de braços cruzados.

Ao descer do carro Célia não tinha nenhuma reação apenas entrou na casa para ver o que estava acontecendo. Ao chegar na parte detrás da casa, onde haviam uns

quartos que a família alugava, todos da família estavam chorando, o único que não estava presente era Emanuel.

Célia deu mais uns passos em direção a um dos quartos e ao olhar para dentro viu seu filho morto, com uma corda amarrada em seu pescoço, com menos de 15 centímetros de distância do chão.

A mãe, que já havia tomado um calmante, não teve nenhuma reação, apenas perguntou para seu filho por que ele havia feito isso. Depois disso, Célia não lembra mais de nada, pois devido ao seu estado, ela foi bastante medicada e passou o restante do velório dormindo.

Na hora que vi ele naquela situação, eu não acreditei que estava morto, para mim ele estava vivo e dormindo, do jeito que havia ficado quando sai de casa. Todos os meus familiares estavam na casa, só eu que não sabia de nada.

Até hoje Célia se culpa por não ter tido condições de ficar ao lado do seu filho durante o velório e o enterro.

- Por mais que ele tivesse morto, eu queria estar ao lado dele para me despedir, não ter feito isso me atormenta demais. Queria ter visto pela última vez aquele rosto lindo, que tinha um sorriso que encantava a todos. Ele sempre foi querido, não existia esse negócio de falarem que não gostavam dele, por que onde chegava ele fazia amizade e conquistava a todos – ressalta com a voz embargada devido chorar muito.

## **O Choque**

Emanuel foi encontrado morto em um dos quartos de sua residência, por volta de 7:15 da manhã. Sua cunhada havia acabado de acordar, ao passar pelo quarto sentiu o cheiro de cigarro e brincou:

-Emanuel, você já está fumando a essa hora? O que você faz aí para trás?

Sem ter nenhuma resposta, a cunhada se aproximou do quarto, que estava apenas com a porta encostada e empurrou para ver o que Emanuel poderia estar fazendo para não a responder.

Ao abrir a porta, a cunhada enxergou a cena drástica, Emanuel estava pendurado em uma corda, com apenas 15 centímetros de diferença do chão.

A cunhada, desesperada, começa a gritar para o marido ver o que havia acontecido. O marido e irmão de Emanuel correu, ao chegar no quarto e vê-lo naquela situação, imediatamente ele tenta levantar para tirar a corda, no entanto, o adolescente já estava morto.

Na mesa onde ficava o espelho em que Célia gostava de deixar os bilhetes para seu filho, foi encontrado uma carta que Emanuel havia deixado antes de cometer o suicídio. Na carta dizia que ele amava muito a mãe e que era grato por ela sempre buscar dar tudo do bom e do melhor para ele. No entanto havia uma coisa que ele escreveu, que mais intrigou Célia, que dizia:

- Mãe, só tem uma coisa que a senhora sempre fala para nós, quem morre de gosto não fede. Só que eu não estou morrendo de gosto, estou morrendo de desgosto – dizia um trecho da carta.

A única coisa que havia de diferente era esse parágrafo, ele ainda deixou lembrança para os irmãos, beijos e abraços para os familiares e amigos mais íntimos, mas em nenhum momento disse o porquê estava fazendo aquilo com a vida dele.

- Muitas pessoas falaram várias coisas após o meu filho morrer, mas até hoje não entendo por que ele fez isso. Na minha cabeça não tinha motivos para ele tirar a vida daquela forma, nós somos humildes, mas dava para sobrevivermos. Não precisava ele fazer isso com a vida dele, por que ele poderia ter ao menos pensado que eu iria sofrer muito na minha vida, como sofro até hoje, eu apenas queria uma justificativa – lamenta a mãe, chorando muito ao relatar o que sentiu ao ler a carta.

### **A saudade**

Até hoje Célia não consegue esquecer o que aconteceu em sua vida, as marcas e a dor são presentes no seu dia a dia. Ela afirma que já superou muita coisa após a morte do filho, mas a dor que sente, a saudade, essas nunca irão passar, pois não há um dia que ela não chore por causa dele.



- Sempre sinto muita falta do meu filho, especialmente quando a família se reúne para alguma confraternização em que todos estão presentes, menos meu Emanuel – relata pausadamente devido à crise de choro.

Célia afirma que Emanuel era o companheiro de todas as horas, sempre estava ao seu lado e a acompanhava para qualquer confraternização. Apesar do tempo, é difícil para Célia se desfazer dos pertences de Emanuel. No quarto, pequeno e aconchegante, há uma mala com todas as roupas e objetos dele, incluindo seu violão e a carta deixada antes de cometer o suicídio.

- Sempre sonho com ele, estamos de branco, de mãos dadas andando juntos, ele não fala nada apenas sorri para mim. Eu acho que nunca vou superar a morte do meu filho, se eu pudesse encontrar com o meu filho eu já tinha ido deste mundo. Eu brinco, converso, mas sinto muita falta do meu filho. Eu tenho mais três filhos, no entanto, ainda sinto um vazio no meu coração, eu acho que nunca vou parar de sofrer – diz a mãe fechado os olhos.